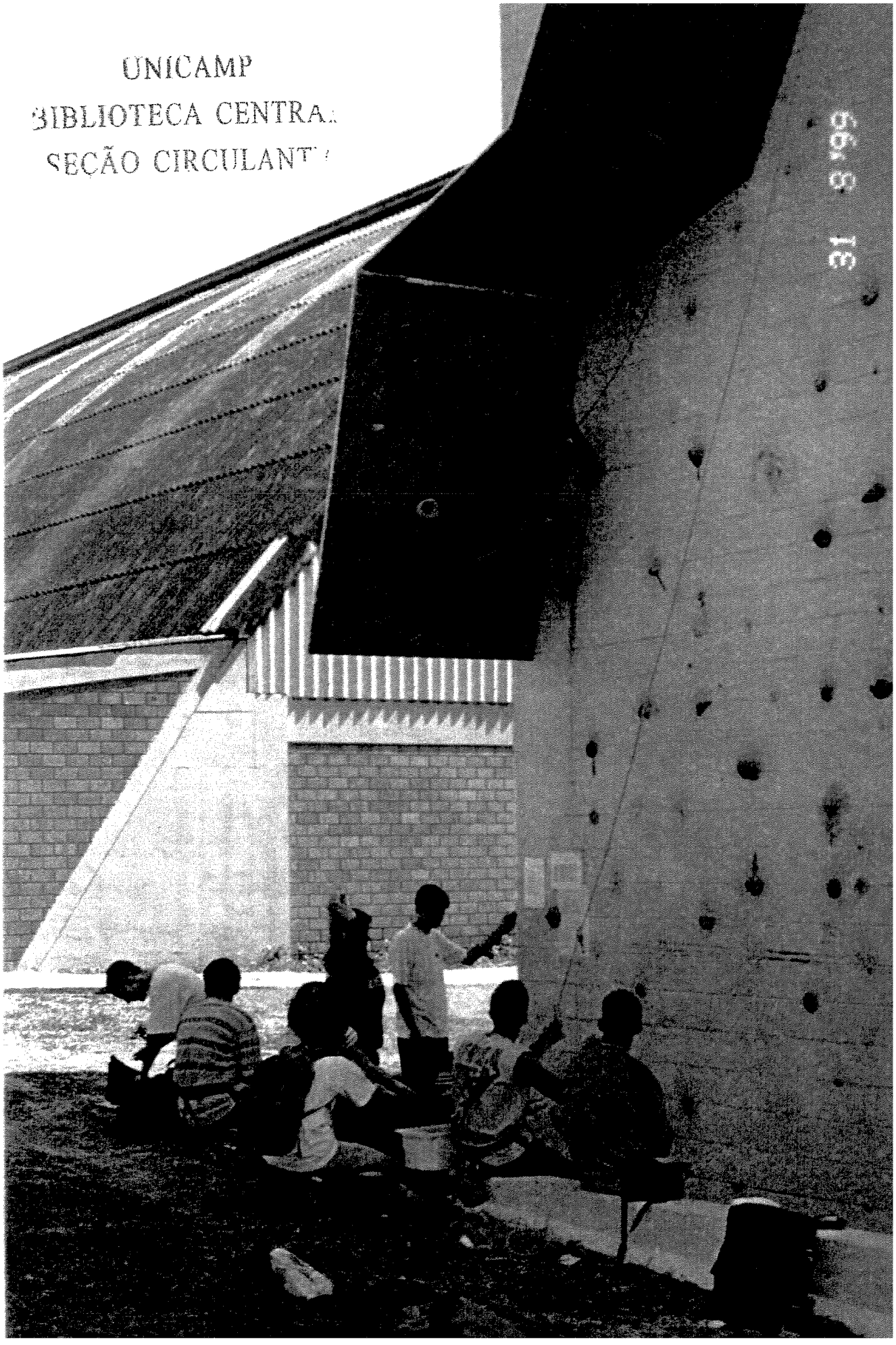
UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

31 899



MESTRADO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

DA BUSCA PELA NATUREZA AOS AMBIENTES ARTIFICIAIS: REFLEXÕES SOBRE A ESCALADA ESPORTIVA

Alcyane Marinho

200110894

Campinas, 2001

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE: BC
N.º CHAMADA:
T/UNICAMP
M338d
V. Ex.
TOMBO BC/ 44701
PROC. 16-392/01
C D
PREÇO R$ 11,00
DATA 14/06/01
N.º CPD

CM00157634-6

Alcyane Marinho

DA BUSCA PELA NATUREZA AOS AMBIENTES ARTIFICIAIS: REFLEXÕES SOBRE A ESCALADA ESPORTIVA

Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

Orientadora: Profª. Drª. Heloisa Turini Bruhns

Campinas, 2001

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

Marinho, Alcyane

M338d Da busca pela natureza aos ambientes artificiais : reflexões sobre a escalada esportiva / Alcyane Marinho. – Campinas, SP : [s. n.], 2001.

Orientador : Heloisa Turini Bruhns.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Educação física. 2. Alpinismo. 3. Lazer. 4. Antropologia urbana. 5. Tecnologia. 6. Amizade. I. Bruhns, Heloisa Turini. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Alcyane Marinho e aprovada pela Comissão Julgadora em 2/3/2001.

Profª. Drª. Heloisa Turini Bruhns

(Orientadora)

Membros da Comissão Julgadora:

Prof[a]. Dr[a]. Denise Bernuzzi de Sant'Anna

Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani

Dedico este estudo
às pessoas mais amadas
desse mundo:
Angela,
Alcydes e
Guilherme.

AGRADECIMENTOS

Não vou seguir o estilo tradicional e agradecer a cada pessoa que, de alguma forma, contribuiu para o desenvolvimento deste estudo.

Jamais me esqueceria de minha orientadora, dos membros do GEEU, dos membros da banca examinadora, dos amigos de todas as horas, dos funcionários do departamento, de minha família, do CNPq; enfim, de todos aqueles significativamente importantes para mim, principalmente, em mais essa caminhada.

Agradeço a todas essas pessoas dedicando uma poesia de Ricardo Reis (14/12/1933), heterônimo de Fernando Pessoa:

"Para ser grande,
sê inteiro:
nada teu exagera ou exclui.
Sê todo
em cada coisa.
Põe quanto és,
no mínimo que fazes.
Assim,
em cada lago,
a lua toda brilha,
porque
alta
vive!"

RESUMO

Investigar as relações estabelecidas na escalada esportiva em ambientes artificiais foi o objetivo deste estudo, tendo como ponto de partida para a análise o muro de escalada do GEEU (Grupo de Escalada Esportiva da Unicamp), localizado na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Esta pesquisa refere-se a uma investigação na área de estudos do lazer privilegiando uma abordagem sociocultural, respaldada no referencial da análise cultural proposta por Geertz (1989). A natureza desta pesquisa é qualitativa e foi desenvolvida, complementarmente, entre pesquisa bibliográfica e pesquisa empírica, com a utilização de entrevistas semi-estruturadas e de observação participante como recursos para obtenção dos dados. Foi possível detectar a existência de uma sociabilidade urbana no muro de escalada. Os membros do grupo se organizam, tentando conciliar estudos, escaladas e todas as atividades diárias, mantendo relações afetivas e dando sentido ao muro - lugar comum entre eles. Isso os diferencia e os torna singulares. Esses ambientes artificiais surgem como formas de conquista de espaços, tratando-se de uma opção de escolha por um tipo de comportamento próprio de uma camada social. Os vínculos, as relações de amizade, aí estabelecidos, são mais fortalecidos e duradouros, justamente pela relação mais direta estabelecida com a prática e com os outros escaladores. O GEEU, assim como outros grupos de escalada urbana que se formam, a cada dia, faz parte de um movimento de resistência frente ao processo de racionalização e à desordem das cidades, manifestando inovação e criatividade, preservando e promovendo a sociabilidade, como reação ao individualismo. Na dinâmica do muro de escalada, os corpos escaladores manifestaram inúmeras expressões carregadas de sentidos, conduzindo a inúmeras interpretações. Os corpos escaladores mostraram que o mesmo corpo que é supervalorizado, repleto de sentidos narcisista e hedonista pode, também, ser notado não só por sua aparência, mas, da mesma forma, ser um lugar de sedução e fascínio, criando laços, celebrando prazer e criatividade, por intermédio

de acordos estéticos. Os aspectos técnica e força, na escalada esportiva, são tão requisitados quanto leveza e delicadeza, independentemente do gênero. O corpo escalando, liberto em movimentações criativas, tensas, sublimes e sensíveis, repentinas ou planejadas, expressa sua subjetividade em um diálogo constante consigo mesmo, com outros corpos e com o aparato tecnológico. Este, por sua vez, apresenta-se como facilitador da prática, mediando o corpo e a atividade. A tecnologia, portanto, não é entendida apenas em seu aspecto funcional, mas também cultural, como uma lógica sensível aos fascínios, desejos e necessidades culturais. A aventura, nos muros artificiais de escalada, não se liga ao desconhecido e ao perigo, contrariamente a isso, é vivida com base nos acontecimentos anteriores e posteriores à atividade; seus limites são determinados com referência a eles, sob segurança calculada e completamente integrados ao cotidiano de tarefas, deveres e trabalhos acadêmicos dos escaladores. A experimentação lúdica do corpo, em suas formas genuínas, é bastante perceptível no muro, vivendo-se, com isso, novas emoções, dando diferente conotação às possibilidades de risco e perigo (praticamente inexistentes) e às sensações de prazer e medo. Apesar do tempo de lazer dos escaladores atrelar-se ao tempo das obrigações acadêmicas e do trabalho, a lógica dessas duas dimensões não estão igualmente marcadas pela produtividade e/ou rendimento. O muro não é uma mera etapa. Nele manifesta-se um ritual, permeado pela ética do grupo e expresso por seu caráter inclusivo. Foi possível notar que os comportamentos, gostos e estilos dos escaladores do GEEU fazem parte do contexto das inúmeras transformações na cultura urbana das grandes cidades de nossa contemporaneidade. Os muros de escalada, espalhados pelos diversos cantos da cidade, surgem nessa perspectiva: enquanto formas de inovação e expressão cultural contemporânea, solidificados por uma política de amizade.

Palavras-chave: Educação Física; Alpinismo; Lazer; Antropologia Urbana; Tecnologia; Amizade.

ABSTRACT

This study has investigated the relationships established in the sporting climbing in artificial atmospheres, having as starting for the analysis the GEEU's (Group of Sporting Climbing from Unicamp) climbing wall, located at Physical Education Faculty at Campinas State University. It has emphasized a sociocultural approach in the area of leisure studies supported in the cultural analysis proposed by Geertz (1989). The nature of this research is qualitative and it was also developed semi-structured interviews and participant's observation as resources to obtaining the data. It was possible to detect the existence of an urban sociability in the climbing wall. The members of the group are organized by themselves, trying to reconcile studies, climbing and all the daily activities, maintaining affective relationship and giving meaning to the wall - a common place among them. All that differentiates them and turns them singular. These artificial places appear as forms of conquest spaces, being a choice option for a type of behavior from a social class. The bonds, the friendship relations are strengthened and durable, because of the direct relationship established with the practice and with the other climbers. GEEU, as well as other groups of urban climbing that are formed, every day, is part of a resistance movement to the rationalization process and to the cities disorder which manifests innovation and creativity, preserving and promoting the sociability, as a reaction to the individualism. In the dynamics of the climbing wall, the climbing bodies have manifested countless expressions loaded of senses, driving to countless interpretations. The climbing bodies have shown that the same body that is over-appraised, full of narcissist and hedonist senses can, also, be noticed not only for their appearance, but, in the same way, be a seduction and fascination place, creating liaisons, celebrating pleasure and creativity, through agreements. The technique and force aspects, in the sporting climbing, are as requested as lightness and delicacy, independently of the gender. The body climbing, sudden or planned motion, free in creative, tense, and sensitivity expresses movements its subjectivity in a constant dialogue with other bodies and with the technological apparatus, which in turn, comes as facilitator of the practice, mediating the body

and the activity. Therefore the technology is not just understood in its functional aspect, but also cultural, as a logic sensible to the fascinations, desires and cultural needs. The adventure in the artificial walls of climbing has no relation unknown and the danger, but it is manifested in the previous and posterior events to the activity; its limits are determined by them, under calculated safety and completely integrated into the daily tasks, duties and the climbers' academic works. The pleasure experimentation of the body, in its genuine forms, is quite perceptible in the wall, making possible to live new emotions, giving different connotation to the risk possibilities and danger (practically nonexistent) and to the pleasure sensations and fear. In spite of the time of the climbers' leisure to harness to the time of the academic obligations and to the work, the logic of those two dimensions is not equally marked by the productivity and/or revenue. The wall is not a mere stage. There is manifested a ritual permeated by the ethics of the group and expressed for its inclusive character. It was possible to notice that the behaviors, tastes and styles of GEEU climbers are part of the context of the countless transformations of modern great cities urban culture. The climbing walls, spread in the several corners of the city, appear in this perspective: innovation forms and contemporary cultural expression, solidified by friendship politics.

Key-words: Physical Education; Climbing; Leisure; Urban Anthropology; Technology; Friendship.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I 1

Iniciando a escalada 2

Aproximações com o tema 2

Construção metodológica 5

CAPÍTULO II 13

Apresentando o Grupo de Escalada Esportiva da Unicamp 14

Murotoma: a encarnação do lúdico 23

CAPÍTULO III 29

Das rochas aos muros e paredes: a escalada urbana 30

O corpo escalador 52

Relações com a tecnologia 65

CAPÍTULO IV 74

A escalada e as atividades de aventura 75

Entre riscos, aventuras e medos 75

Novos heróis da vida cotidiana 94

CAPÍTULO V 97

Fim da via 97

Os encantos da tecnologia e dos instantes 98

Sensibilidade à flor da pele e da alma 102

Referências Bibliográficas 108

Anexos 114

CAPÍTULO I

"Se procurar bem,
você acaba encontrando
não a explicação
(duvidosa) da vida,
mas a poesia
(inexplicável) da vida!"

(Carlos Drummond de Andrade)

INICIANDO A ESCALADA

Aproximações com o tema

Na contemporaneidade, podem ser observadas as mais diversas formas de relacionamento entre os seres humanos. A intensidade dessas relações tem alcançado amplitude e profundidade, repercutindo em diferentes aspectos de toda esfera humana.

Destacando como um importante foco de relações, reporto-me, neste estudo, às atividades de aventura [1], as quais têm sido percebidas não só na natureza [2] mas, também, em ambientes artificializados. A busca pelo risco, pela aventura e pela incerteza manifesta-se durante o desenvolvimento dessas atividades. Vale ressaltar que a associação do lazer à natureza e a ambientes artificiais não é nova; no entanto, as formas coletivas e, mediante auxílio de equipamento tecnológico, com as quais se tenta estar junto a eles é algo recente.

O ponto de partida para essas considerações surgiu quando cheguei na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na Faculdade de Educação Física (FEF) e me deparei, pela primeira vez, com um muro de escalada, rodeado por pessoas e seus aparatos tecnológicos. Tudo muito atraente: coloridos nas roupas e nos equipamentos; uma mistura de riso e tensão nos rostos e um subir e descer por agarras carregado de significados. A partir de um olhar curioso, perguntava-me: por que realizam essa atividade? Por que dentro de um câmpus universitário, em plena cidade? Com a intenção de estar atenta a todos esses "detalhes" (os quais, mais tarde, mostraram-me sua expressiva importância) e, também, com o

---

[1] "Atividades de aventura" foi o termo por mim escolhido para designar as diversas práticas esportivas manifestadas, atualmente, no cotidiano humano, cujas características inovadoras e diferenciadas dos esportes tradicionais serão mostradas ao longo deste trabalho.

[2] A natureza está sendo tratada aqui como um conceito que, de acordo com Carvalho (1994:26), *"exprime uma totalidade, em princípio abstrata, que os homens concretizam na medida em que a preenchem com suas visões de mundo"*.

propósito de estruturar minha intenção de pesquisa, surgiu, então, o trabalho ora apresentado.

Fui atraída pela possibilidade de refletir sobre a vivência humana, no contexto urbano da vida diária, principalmente manifestada como momento de lazer. Meu interesse pela pesquisa fortificou-se mais ainda ao perceber a pouca literatura acerca do tema. Se, por um lado, eu não poderia contar com pesquisas que me apoiassem, por outro lado, possivelmente, eu estaria abrindo diferentes caminhos e portas, suscitando novos interesses pelo assunto.

Nesta pesquisa, investiguei a atividade praticada pelo GEEU (Grupo de Escalada Esportiva da Unicamp), procurando compreender, a partir de reflexões acerca do espaço, do tempo, da cultura e do esporte, o significado da atividade realizada, enquanto possibilidade de lazer. Este, imbuído de valores e concepções humanas.

A oportunidade de estudar os integrantes do referido grupo, bem como suas inter-relações com seus pares e com o muro de escalada, permitiu a mim perceber a riqueza das relações humanas que se formam a cada momento, nos mais diversificados lugares, considerando, não só os momentos, aparentemente, tranqüilos mas, também, os conflitos e as dificuldades que permeiam esse ínterim. O contato com o espaço estudado manifestou-se de inúmeras formas, mostrando uma diversidade nas maneiras pessoais de relacionamento com a atividade no cotidiano.

Esta pesquisa foi divida em quatro capítulos. No primeiro: "Iniciando a escalada", justifico a escolha por esse tema, bem como sua pertinência em nosso contexto atual e, também, apresento o percurso metodológico optado e trilhado.

"Apresentando o GEEU" é o segundo capítulo e trata especificamente do grupo escolhido para este estudo. Tento detalhar quem são os escaladores, o que fazem, como se constituíram e se constituem enquanto grupo, quais os seus

objetivos, o quê e como fazem para atingi-los. Procuro destacar as relações entre o muro da Unicamp e outros muros artificiais de escalada. Ainda, nesse capítulo, detalho um evento idealizado e organizado pelo GEEU, tentando mostrar a ludicidade manifestada, explicitando o "espírito do grupo".

Na tentativa de explicar porque uma atividade que, primeiramente surgiu na natureza, vem sendo, aos poucos, artificializada, trazida para o ambiente urbano, foi construído o terceiro capítulo, denominado: "Das rochas aos muros e paredes - a escalada urbana". Em um segundo momento, procuro discutir, nesse capítulo, a questão da acessibilidade à atividade com relação ao corpo e como este se manifesta desde a venda da atividade até a prática propriamente dita, na expectativa de desvendar a concepção de corpo dos escaladores. Em um terceiro momento, aponto as relações estabelecidas entre o aparato tecnológico utilizado para o desenvolvimento da escalada e o praticante da mesma, tentando mostrar os aspectos positivos da tecnologia enquanto facilitadora dessa prática, enquanto dimensão cultural e não apenas funcional.

No quarto capítulo: "A escalada e as atividades de aventura" discuto a escalada, atividade aqui escolhida, e sua relação com o risco, com o medo e com outras atividades de aventura no meio natural. Faço reflexões sobre o risco e a incerteza, duas importantes categorias neste estudo, procurando mostrar pontos de convergência e divergência, nos ambientes naturais e artificiais. Aponto, também, a presença do lúdico como uma das características mais marcantes nos muros de escalada urbana. Ainda é pretensão, nesse capítulo, destacar os escaladores como novos heróis potencializados na vida cotidiana.

Finalizo com o quinto capítulo: "Fim da via", tentando mostrar os aspectos positivos da tecnologia, principalmente voltada aos equipamentos esportivos, além de destacar a possibilidade de manifestação de relações éticas nas mais variadas e simples situações diárias. Procuro apontar a relação sensível e ética vivida no cotidiano de um grupo específico de pessoas - o GEEU, passando pelo

envolvimento com os parceiros, com os equipamentos tecnológicos e com eles mesmos.

Se, por um lado, há uma re-valorização dos contatos com a natureza em busca, até mesmo, de uma reconciliação, por meio de novas (e, também, antigas) atividades de aventura; por outro lado, no contexto da vida diária e das dinâmicas de um lugar singular - o muro - manifesta-se a "reinvenção" da escalada (se assim puder ser denominada), vivida sob diferente perspectiva, com uma estética própria e dotada de valores antigos, porém resgatados de maneira inovada.

Construção metodológica

Esta pesquisa refere-se a uma investigação na área de estudos do lazer privilegiando uma abordagem sociocultural [3]; para tanto, as informações referentes ao lazer, ao esporte, ao espaço e ao tempo, foram buscadas junto à Educação Física, Sociologia e Antropologia.

A natureza desta pesquisa é qualitativa e foi desenvolvida complementarmente entre pesquisa bibliográfica e pesquisa empírica.

Como técnica, utilizei a observação participante percebendo, como aponta Brandão (1988:9-16), uma situação de relativa proximidade com o indivíduo pesquisado. A amostra foi estratégica, sendo escolhida conforme a representatividade social, sem a utilização, portanto, de análise estatística. Para a coleta de dados, buscando garantir maior fidelidade ao pensamento dos

---

[3] Respaldei-me, muitas vezes, no referencial da análise cultural proposta por Geertz (1989), na qual um dos objetivos é a obtenção de grandes conclusões, partindo-se de pequenos fatos, porém, fortemente entrelaçados. Compartilho, também, do conceito de cultura desse referido autor. Acreditando que *"o homem é um animal amarrado a teias de significado"* por ele mesmo tecidas, a cultura pode ser entendida como sendo essas teias e sua análise; e, mais ainda, como uma ciência interpretativa em busca de significado (p.15).

entrevistados, foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevista semi-estruturada, diário de campo e gravador.

O gravador utilizado para registrar as entrevistas foi um procedimento, previamente, admitido pelos entrevistados. Muitos não se incomodavam com o aparelho, sentiam-se bem à vontade, até brincavam: *"nossa, que chique, estou sendo gravado!"; "vou gastar duas fitas, não liga não, hein!"*. Outros, ficavam um pouco tímidos, falavam baixinho e não arriscavam sequer um olhar em direção ao gravador, como se ele também fosse registrar a expressão facial. Outros, ainda, perguntavam com uma certa dúvida; *"já começou?"; "tá gravando?"*. Havia, também, aqueles escaladores que, mesmo depois de a entrevista ser dada por terminada, continuavam a contar histórias e outras coisas mais. Por fim, alguns entrevistados, depois de passado o constrangimento, comentaram comigo: *"no começo eu tava meio sem graça, mas depois passou!"*; houve também o caso de um escalador que em momento nenhum se sentiu à vontade e eu só fui saber disso por e-mail: *"quanto à entrevista ao vivo, acho que o gravador me atrapalhou um pouco, pois não gosto muito de ser gravado ou sair em foto, sei lá! Mas se você me permitir eu gostaria de escrever mais algumas coisas"*. A partir de então, esse escalador me enviou, pela internet, mais duas significativas mensagens, as quais foram devidamente registradas. Todo esse processo foi bastante significativo, pois serviu para tornar muitas coisas transparentes, acrescentando o aprendizado da técnica a partir do instrumento eletrônico.

As entrevistas semi-estruturadas (Severino, 1992:126) foram realizadas com os integrantes do GEEU, os quais, seguindo a linha de seus próprios pensamentos e de suas experiências, no foco por mim colocado, participaram conjuntamente do processo de elaboração da pesquisa. Conforme Minayo (1994:120),

> *"toda entrevista, como interação social está sujeita a mesma dinâmica das relações existentes em nossa realidade. Quando se trata de uma sociedade conflitiva como a nossa, cada entrevista expressa de forma*

> *diferenciada essa luz e sombra da realidade, tanto no ato de realizá-la como nas informações que aí são produzidas. Além disso pelo fato de captar formalmente informações sobre determinado tema, a entrevista tem que ser incorporada a seu contexto e vir acompanhada, complementada ou como parte da observação participante. Desta forma, além da fala mais ou menos dirigida, captam-se as relações, as práticas, os gestos e as cumplicidades e a fala informal sobre o cotidiano".*

Portanto, ao longo desta pesquisa, com a utilização das entrevistas e das observações, fiz o possível para haver um entrelaçamento entre mim e os pesquisados (esse "laço" que se formou foi, basicamente, conseqüência do convívio) [4]. Dessa maneira, para atingir os objetivos inicialmente propostos, este estudo foi norteado pelas seguintes questões: Como, por que e quando é feita a utilização do muro de escalada? Por que a opção pela atividade? Quem são os integrantes do grupo de escalada e quais são as suas características? Quais motivos conduziram ao distanciamento do ambiente natural para a prática da escalada no muro? Quais as dificuldades (bloqueios, obstáculos) encontradas em relação ao corpo, ao acesso à atividade?

No período das observações (que durou aproximadamente um ano, a partir de março de 1998), durante a semana, algumas vezes à noite mas, principalmente, nos horários do almoço, procurei estar presente desde a "abertura do muro" [5] até o "fechamento". Com esse convívio, eu percebia, a cada dia, em cada conversa, o fortalecimento de um vínculo.

---

[4] Todo esse processo acontecia a partir de algumas aproximações do enfoque antropológico - *"de perto e de dentro"* - do qual Magnani (1999:5) se utiliza. Por meio desse enfoque, o qual privilegia uma visão das micro variáveis, foi possível perceber, a partir do próprio contexto em que ocorria, o movimento de alguns processos, bem como suas dinâmicas.

[5] "Abrir o muro" é uma expressão utilizada pelos membros do GEEU para se referir ao ato de pegar e colocar em uso todo o material necessário para a prática da escalada, incluindo as agarras da parte inferior da parede. Estas são retiradas após a utilização para impedir que os curiosos, fora dos horários de funcionamento, machuquem-se, arriscando uma subida sem equipamento e, muitas vezes, sem conhecimento para tal.

Creio que alguns detalhes sobre o meu processo de aproximação ao grupo, no início das observações, sejam interessantes e mereçam ser destacados. Em um primeiro momento, senti-me, realmente, uma estranha, ou melhor, "uma escaladora longe das agarras". Fui me aproximando, aos poucos, sem tentar invadir um espaço que, primeiramente, pareceu-me fechado e cheio de mistérios[6]. Alguns já sabiam quem eu era: "a pesquisadora", outros não sabiam e me tratavam "como uma qualquer" e, sem os resguardos e receios dos primeiros, sempre insistiam: *"Por que você não vem escalar!"; "Tá com medo, é?"*. Como resposta, um escalador que já me conhecia dizia: *"desencana, ela nunca aceita"; "duvido que hoje ela vá"*. Eu dava risada e carregava comigo um sentimento ambíguo: ao mesmo tempo desejava escalar, porém tinha receio; sentia não ser o momento oportuno. O tempo passava e eles ainda me perguntavam: *"vamo hoje aí?"; "aproveita que não tem muita gente!"*. E mais uma vez, estrategicamente, eu recusava. Foi interessante, também, quando um rapaz, iniciante, tendo tomado conhecimento sobre a pesquisa, retrucou dando gargalhadas: *"mas pesquisando o quê nesse muro?"*. Não me contive e fui logo dando explicações. A partir delas, percebi seu constrangimento por ter dado risada e colocado em questionamento a importância de um estudo tão significativo para mim e para o grupo. Essa fase de "estranhamento" [7] foi se amenizando; começaram a me olhar como uma interessada, curiosa, algumas vezes, até amiga e comecei a perceber a falta de alguma coisa, anteriormente, não identificada.

---

[6] Na verdade, esse espaço tem algumas das características do "pedaço", termo utilizado por Magnani (1984:137). Nele há o estabelecimento de uma rede de relações sociais, principalmente de amizade; há também, em seu núcleo, apesar de um contorno bastante nítido (as paredes), suas bordas se fluem, sem delimitação territorial precisa, ou seja, o grupo, em seu dia-a-dia de estudos, de trabalho e escaladas, têm um espaço todo a sua volta, guardando, em si, um ponto de partida: o muro. Uma outra característica é o fato de pertencer ao "pedaço" significar ser reconhecido em quaisquer circunstâncias, o que, segundo Magnani, implica no cumprimento de determinadas regras de lealdade. Os escaladores, mesmo não se conhecendo, reconhecem-se, seja pela procedência, pelo nome, pela cor do cabelo, pelas proezas realizadas, etc.

[7] Segundo Magnani (ibidem:10) seria conveniente ser mantida essa situação de "estranhamento", de alguma forma, pois, conforme o desconhecido torna-se familiar, há uma tendência de nos atermos apenas em questões, supostamente, mais importantes.

Eu tentava perceber e anotar cada expressão quando comentavam sobre como havia sido a montagem de uma nova via [8] no muro ou um final de semana em uma rocha: uma mão na cabeça, um olhar fascinado, uma cara de felicidade. Eu ouvia, tentava entender, anotava, perguntava, respondia, mas ainda não conseguia alcançar suas emoções. Então, por me sentir atraída, decidi praticar a escalada. Se eu fosse tentar escrever as sensações as quais a atividade me proporcionou, estaria reduzindo-as e, definitivamente, não conseguiria. Não necessariamente um investigador precisa praticar o que está pesquisando, mas quando se consegue conciliar os dois, algumas impressões podem ser mais profundas. Foi o que percebi. Escalando entendi melhor o significado da experiência, bem como as emoções envolvidas na mesma.

Em minha relação com os escaladores, algumas vezes, passei por referencial. Quando alguém precisava de um telefone ou e-mail dos membros do grupo, vinham solicitar a mim, pois sabiam que, com certeza, eu teria. Eu prontamente fornecia e me sentia importante por isso. Percebia ser essa uma forma a mais de aproximação. Certa vez, uma repórter do *Jornal Integração* de Campinas, interessada em fazer uma reportagem sobre o muro, telefonou para minha casa. No princípio me surpreendi (como ela teria conseguido meu telefone?), ficando um pouco receosa mas, posteriormente, acreditando em minha colaboração, forneci informações sobre o grupo, seus membros, seus objetivos e, também, sobre meu trabalho, sentindo-me, com isso, não como parte do grupo, mas perfeitamente situada nele [9]. Solicitei à repórter entrar em contato com alguns dos coordenadores, dos quais lhe forneci números de telefone. Posteriormente,

[8] Rota (ou "caminho") de uma escalada, podendo ter diferentes níveis de dificuldade.

[9] Minha intenção, em nenhum momento, foi a de me tornar "uma deles" ou imitá-los para conseguir entendê-los, mas, diferentemente disso, procurei me situar no grupo, tentando não me esquecer de meu papel de pesquisadora interessada, porém temporária (Geertz, *op. cit.:* 30, alerta a possibilidade desse esquecimento mediante o envolvimento do pesquisador durante as observações participantes).

quando a reportagem, realmente, saiu no jornal, tornou-se motivo de orgulho para todos [10].

Atendo-me agora mais especificamente às entrevistas, as mesmas foram gravadas para, posteriormente, serem transcritas e estudadas. Delas foram resgatados os dados principais e mais relevantes aos objetivos deste estudo. As observações também foram registradas por meio da utilização do diário de campo. Instrumento este de suma importância, pois sem ele teria sido impossível o registro "daquilo que não se grava": alguns gestos, expressões, provocações, movimentações e comentários.

Vale mencionar, também, como o grupo recebia o meu pedido de entrevista, o qual ocorreu subsequente às observações. Eu me identificava, falava dos meus interesses e objetivos em pesquisá-los, colocava-me à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas e, a partir daí, comecei a agendar horários, conforme a disponibilidade deles, para realizarmos as entrevistas, obtendo, principalmente, dois tipos de retorno. A maioria dos escaladores demonstrava interesse [11] e curiosidade, apresentando-se, pontualmente, na hora combinada da entrevista. Contradizendo, com isso, idéias preestabelecidas sobre eles, tais como irresponsáveis.

Quanto ao segundo tipo de retorno, poucos combinavam a entrevista e não apareciam, não justificando a ausência. Quando eu os reencontrava, desculpavam-se dizendo: *"tive prova, precisei estudar, não consegui vir"*, *"vamos*

---

[10] A reportagem saiu na Seção de Esportes do *Jornal Integração*, 16/7/1999, sob o título: "Grupo da Unicamp tem subido pelas paredes".

[11] Esse interesse está diretamente ligado a um fator burocrático de suma importância para o GEEU. Um dos desejos do grupo é construir um muro novo de escalada que possa atender a mais pessoas e, com isso, ampliar o grupo e contribuir para o desenvolvimento da escalada no Brasil. No entanto, apesar de já terem existido muitas mobilizações para isso, há alguns fatores impedindo a concretização desse sonho: a FEF não disponibiliza espaço para isso e, segundo alguns membros do GEEU, eles devem, entre outras coisas, estar ligados a projetos de extensão e pesquisa. Portanto, o interesse no meu estudo vem daí: uma dissertação de mestrado sobre eles estaria, de alguma maneira, contribuindo para a construção do novo muro.

marcar outro dia?", comprovando, assim, a estreita relação entre a prática da escalada e as suas responsabilidades acadêmicas. Ao longo de nossas conversas, pude perceber uma tentativa de "desligar-se" desse quadro de responsabilidades, porém infrutiferamente.

A pesquisa ocorreu tanto no espaço universitário, privilegiando os horários da atividade, quanto fora dele, em algumas "viagens à natureza". Fora da atividade, foram agendados horários para encontros individuais com os integrantes do grupo, conforme a disponibilidade dos mesmos. Fizeram parte da pesquisa tanto as mulheres quanto os homens; não havendo, também, distinção entre os escaladores com maior ou menor experiência esportiva.

Os dados obtidos, por meio dos instrumentos, utilizados na parte exploratória da pesquisa, foram interpretados com intervenções e comparações feitas com as leituras utilizadas na pesquisa bibliográfica.

A partir da investigação de um grupo específico, analisei aspectos mais amplos referentes ao lazer, ao corpo e ao espaço.

O estudo privilegiou uma abordagem dialética, pois ela

> "*propõe abarcar o sistema de relações que constrói, o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações sociais que traduzem o mundo dos significados. Ela busca encontrar, na parte, a compreensão e a relação com o todo e a interioridade e a exterioridade como constitutivas dos fenômenos (...) e compreender uma relação intrínseca de oposição e complementaridade entre o mundo natural e social, entre o pensamento e a base material*" [12].

[12] Minayo (*op. cit.*:24).

Partindo dessa construção metodológica, para procurar entender o significado da prática realizada pelos escaladores do GEEU, pretendi identificar todas as pistas possíveis, tanto nas coisas ditas quanto nas não ditas, pois a vivência com esse grupo, por ser repleta de valores cotidianos, necessitavam ser relevadas. Procurei, dessa forma, entender, identificar e investigar as relações, os valores e significados que permeiam a atividade da escalada, bem como as concepções que a orientam, responsáveis por construir uma realidade concreta - o muro de escalada.

Refletindo sobre os escritos de Geertz (*op. cit.*: 24) constatei que *"compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade"* e, com isso, pude perceber que quanto mais eu tentava entender os escaladores, mais lógicos e singulares eles pareciam e, tornando-os acessíveis, foi possível colocá-los no contexto de suas banalidades, retirando o véu existente sobre eles.

CAPÍTULO II

"Por que tão longe ir pôr
o que está tão perto?
Este é o dia.
Esta é a hora.
Este é o momento.
Isto é quem somos!"

(Fernando Pessoa)

APRESENTANDO O GRUPO DE ESCALADA ESPORTIVA DA UNICAMP

O GEEU teve seu surgimento a partir do GAIA, grupo pequeno de amigos, composto por alunos da Unicamp. O denominador comum ao grupo era a prática de atividades *outdoor*, como: asa delta, pára-quedismo, *trekking* [13], etc. Surgiu a idéia de pedir permissão a FEF para construir um muro. Na verdade, a razão inicial, era construir o muro para treinar e, posteriormente, praticar a escalada em alta montanha. Atingiram o objetivo: o muro foi construído na parede externa do Bloco da Biblioteca da FEF, por volta de 1991. E, conforme alguns depoimentos, com o tempo, as pessoas que formavam o GAIA foram se dispersando, entre outros motivos, devido ao fato de estarem se graduando e/ou mudando de cidade. Com o intuito de manter a idéia implantada no muro, aproximadamente três anos depois, surgiu o GEEU [14], grupo este, formado e mantido, também, por alunos.

Ao longo de algumas entrevistas, pude notar o fato de a escalada ter sido a atividade mais fortalecida a partir do inicial grupo GAIA, principalmente, pela facilidade de acesso, ou seja, estar no muro era mais fácil que praticar ciclismo, pára-quedismo ou vôo livre, pois, por exemplo, eles podiam aproveitar os intervalos entre as aulas e escalar, sem preocupações com o deslocamento, com o equipamento de difícil manuseio e com a imprevisibilidade do tempo.

Os membros do GEEU se mobilizaram, alcançando a construção da primeira versão do negativo [15], fizeram reuniões e assembléias, aprovaram estatutos e organizaram o caixa e todo o patrimônio adquirido (agarras, ferragens, kichutes,

---

[13] Caminhadas por trilhas.
[14] Cabe destacar que esse foi um dos primeiros grupos de escalada esportiva organizado dentro de uma universidade brasileira.
[15] Negativo é um trecho (ou estrutura) em que a parede (ou a rocha) de escalada forma um ângulo menor que noventa graus em relação ao solo. Nele o escalador além de ir para cima, tem a possibilidade de ir para trás; ou seja, tende a se afastar do centro da superfície, projetando-se para o lado de fora.

etc.) por meio de doação do antigo GAIA, o qual solicitava o direito de utilização do muro, isentando-se do pagamento das mensalidades (meio adotado para a captação dos recursos necessários para a manutenção. Atualmente, refere-se, exatamente, a uma semestralidade equivalente a vinte reais).

Mesmo que seja recomendado que cada um traga o seu próprio material, o GEEU também possui e disponibiliza, gratuitamente, o material básico para os interessados. Entre eles (os quais existem, no mercado, de diversos modelos de diferentes marcas) pode-se destacar: cadeirinhas [16]; mosquetões [17]; freios [18] e kichutes [19].

Ainda com base nos dados obtidos por meio das entrevistas, o GEEU tem, atualmente, bastante repercussão. Guilherme Geralde Sonego, membro e ex tesoureiro do GEEU, arriscou dizer sobre esse grupo ter mais repercussão que a maioria dos centros acadêmicos da UNICAMP. Isso pode ser evidenciado na utilização da imagem do muro como propaganda do vestibular da universidade. O referido escalador fez questão de afirmar:

> *"Hoje não é muita coisa, mas na época foi uma 'revolução' no conceito de escalada no Brasil e o GEEU, nessa época, tinha condições de treinar atletas em nível de competição brasileira!".*

---

[16] Peças fundamentais da escalada. Conjunto de fitas de náilon de alta resistência costuradas entre si para envolver as pernas e a cintura do escalador, formando um assento. É nela que o mosquetão e o freio são conectados.

[17] Argolas feitas em duralumínio ou aço, com um batente com mola, permitindo a conexão de cordas e de outros equipamentos.

[18] Também são feitos em duralumínio. Os específicos para escalada são chamados "atc", mas existem outros tipos (para diferentes atividades), entretanto, todos têm o mesmo objetivo: permitir descer pela corda com segurança e velocidade controlada.

[19] Calçados, disponíveis no muro (assim como outros equipamentos necessários à pratica), utilizados pelos escaladores como forma alternativa, substituindo a sapatilha (calçado específico para a escalada, com solado de borracha, possibilitando maior aderência às superfícies a serem escaladas). A maioria das marcas de sapatilhas é internacional e os preços, normalmente são elevados; inviabilizando a aquisição e, diante disso, fazem dos kichutes uma boa alternativa.

De acordo com o estatuto do GEEU, este, constitui-se em uma entidade própria sem fins lucrativos. Seus principais objetivos são: divulgar e praticar a atividade dentro e fora da universidade *"como um meio de entretenimento e integração entre pessoas interessadas, não só em escalada esportiva, mas também em outras modalidades de escalada".*

Os horários de funcionamento do muro variam. Na maioria das vezes, ele funciona durante os dias úteis da semana, no horário do almoço (das 12h às 14h)[20] e, também, alguns membros freqüentam durante a noite, depois das 18h (normalmente nos dias quentes em que o sol da hora do almoço pode incomodar um pouco). Esses horários são sempre fora dos horários de aula e das obrigações acadêmicas, ao longo do período letivo.

Cada dia, ao longo da semana, a abertura e o fechamento do muro é de responsabilidade de um ou dois escaladores. Quanto aos finais de semana, o muro é pouco utilizado, assim como no período de férias. Esse fato ocorre porque os principais envolvidos são estudantes e, nas épocas fora do período de estudos, eles costumam viajar para a casa dos familiares, de amigos ou ainda para locais naturais propícios para acampar, praticar escalada em rochas, caminhadas e outras atividades.

Quanto aos participantes, *"todos os alunos da Unicamp e qualquer pessoa que queira praticar, conhecer, ou mesmo apenas olhar, está convidada a vir nesses horários escalar e bater um papo conosco"* [21].

---

[20] Nesse período, a maior parte dos escaladores almoça no restaurante universitário, aproveitando a localização próxima ao muro.

[21] Esse convite para participar do grupo e mais informações sobre o GEEU, bem como sua natureza, sede, fins, membros, organização, etc. podem ser encontrados em seu estatuto disponível no site do próprio grupo: http://www.geocities.com.Pipeline/9445.

Apesar de serem convidadas e aceitas pessoas não envolvidas no meio universitário [22], os escaladores, atuais membros do GEEU, são todos estudantes, tanto de graduação quanto de pós-graduação; matriculados nos mais variados cursos: Economia, Educação, Física, Engenharia e outros, não se limitando ao curso de Educação Física (tendo em vista a localização do muro nesta Faculdade). Esses estudantes começaram a praticar a escalada quando ingressaram na universidade (uns logo que entraram, outros um pouco mais tarde) principalmente de duas formas: a partir do primeiro contato com o muro, ou a partir da vivência de outras atividades em contato com a natureza, surgindo o interesse pela escalada. Ambas as formas foram propiciadas pela intervenção e motivação de amigos ou, em alguns casos, familiares já adeptos dessa prática e/ou, ainda, por mera curiosidade e força do momento.

A diversidade dos locais de origem dos estudantes, como em qualquer outro núcleo universitário, também é perceptível entre os escaladores pesquisados: eles vêm de diferentes partes do Brasil, desde cidades interioranas até grandes centros. Houve (e há) também no GEEU, casos de rápidas participações de estudantes estrangeiros, durante intercâmbios universitários.

A idade dos escaladores do GEEU varia de 18 a 30 anos, aproximadamente, conforme a permanência na universidade. A continuidade na participação junto ao grupo está diretamente relacionada ao término do curso universitário que, muitas vezes, obriga-os a se afastar das atividades do muro, devido à efetividade de um emprego e, até mesmo, à mudança de cidade. Essa característica de rotatividade dos membros do GEEU não impede de existirem casos de escaladores que, mesmo após se formarem, conseguirem emprego e/ou mudarem de cidade, visitam o muro sempre que possível.

---

[22] É importante destacar que, apesar de não existirem crianças integrantes no grupo, há casos de professoras de escolas próximas do local que solicitam ao GEEU a possibilidade de levarem seus alunos para vivenciarem a dinâmica do muro.

Muitos (senão todos) escaladores do referido grupo, ao longo da vida universitária, mantêm, paralelamente, alguma outra forma de trabalho: estágios em instituições (empresas, escolas, etc.) nas áreas de interesse ou, ainda, dentro da própria universidade executando serviços auxiliares junto à biblioteca e outros centros de atendimento.

Estou me remetendo inúmeras vezes à palavra grupo para designar os escaladores pesquisados pois é assim que eles se denominam; cabendo destacar, entretanto, que nem sempre eles se vêm enquanto grupo. Rodrigo Santos Magalhães, membro do GEEU e um dos atuais coordenadores, argumenta que um dos problemas refere-se àquelas pessoas que vêm ao muro, escalam apenas esporadicamente e acabam não fazendo parte de verdade do grupo.

Essa falta de assiduidade pode vir a ser um traço da descaracterização do sentido de grupo, no entanto, não a justifica completamente, pois muitos dos escaladores apesar de não participarem diariamente das atividades do muro, nas poucas presenças, são extremamente ativos e participativos, pensando e atuando como grupo. Com isso, foi possível perceber que, para a maioria dos escaladores, mais importante que "quantas vezes" se está presente é "como" é essa presença.

Aliada a questão da não assiduidade, um acontecimento pode ser apontado como exemplo de um traço de desunião do grupo: um conflito causado, no primeiro semestre de 1999, pela falta de pagamento da semestralidade por parte de alguns membros.

Todo final de semestre parece ser bastante complicado para os escaladores que, apesar de muita vontade de escalar, encontram-se impossibilitados pelo número excessivo de provas e trabalhos para finalizar e, não tendo tempo disponível, limitam-se a ir uma vez ou outra, quando possível. O problema estava no fato de que alguns desses escaladores que pensavam dessa forma (*"não escalei muitas vezes, estou cheio de provas e sem dinheiro; então, não vou pagar"*), recusaram-

se a fazer o pagamento da semestralidade do muro, causando indignação naqueles que pagavam. Esse momento de conflito marcava um descompasso: por um lado, alguns pagantes achavam tão pouco o dinheiro referente ao pagamento que poderiam abrir mão dele, em nome daqueles em situação financeira difícil. No entanto, por outro lado, se todos, sem exceção, realmente pagassem o irrisório valor estipulado (segundo outros pagantes) seria possível a boa manutenção do muro e, até mesmo, fazer uma poupança com o restante do dinheiro visando a organização de futuros projetos e eventos.

Esse período foi, generalizadamente, marcado por uma falta de diálogo entre os escaladores, quase culminando em uma fragmentação. Apesar de, naquela época, nem todos ficarem contentes, a maioria dos escaladores, durante as reuniões, solucionou esse problema, impedindo a participação dos inadimplentes no muro. Dos não pagantes: alguns ficaram revoltados com tal decisão; outros nem se importaram. Passado o final daquele semestre e com as mágoas deixadas de lado, a maioria dos envolvidos voltou a escalar.

Acreditando que os conflitos também fazem parte das relações humanas e, ao presenciar tudo o que ocorreu naquele período, posso afirmar que o grupo, apesar de todas as diferenças (naturais de quaisquer grupos), percebe-se enquanto grupo e age enquanto grupo, dentro dos limites de uma "política de amizade". Os conflitos e suas resoluções, vividas entre os escaladores, serviram para fortalecer ainda mais o vínculo entre eles.

Partilho de algumas idéias de Ortega (2000) sobre a importância de uma política da amizade, entendida como uma experimentação de novas formas de sociabilidade. Uma diferente noção de amizade contraria o ideal clássico da amizade, compreendida como igualdade e concordância; pois, na figura do amigo, não se deve procurar uma adesão incondicional, mas uma incitação, um desafio para a transformação. Segundo o autor (*op. cit.*: 80),

> *"tratar-se-ia de sermos capazes de viver uma amizade cheia de contradições e tensões, que permitisse um determinado agonismo e que não pretendesse anular as diferenças".*

A idéia do bom amigo, sempre dizendo o que se quer escutar, sempre concordando, nunca criticando, impede o desenvolvimento de uma sensibilidade para as diferenças.

Diferententemente dos discursos tradicionais da amizade, os quais utilizam as faltas de simetria e reciprocidade para afirmar a identidade, a assimetria realçaria o cuidado com o outro e a diferença. Com essas idéias, Ortega (*op. cit.*:81-82) não pretende afirmar que a amizade deva procurar o conflito. Ele apenas pretende questionar o monopólio exercido pelo consenso, a transparência, a identificação, a fusão, a extrema intimidade nas relações de amizade, pois:

> *"no amigo, não devemos reconhecer-nos para fortalecer nossa identidade. A relação de amizade poderia desenvolver uma sensibilidade para as diferenças de opinião e de gostos. Somente essa distância, esse agonismo, essa disposição a nos deixarmos questionar em nossas crenças e ideais, a modificarmos nossas opiniões através do relacionamento com o amigo, constituem a base de uma amizade para além da reciprocidade, do parentesco, da incorporação do outro".*

O autor mostra que não é necessário utilizar o amigo para fortalecer nossa identidade, nossa crença, isto é, "aquilo que somos", mas a possibilidade de concebermos a relação de amizade como um processo, no qual os indivíduos envolvidos trabalham na formação e invenção dessa amizade.

Talvez os escaladores estejam aprendendo, diariamente no muro, a conviver com a imagem de um amigo que não aparece como suas próprias imagens

idealizadas, mas como alguém diferente e, com isso, acabam conseguindo aceitar as distâncias e as diferenças como condições dessa relação.

Na amizades, nas quais existem os sucessos e os conflitos, há também as transformações. Ao longo dos anos de sua existência, o GEEU sofreu algumas modificações:

> *"Antigamente no GEEU era difícil de entrar porque era um grupo muito fechado. Os participantes tinham um nível razoável de conhecimento da atividade e eles faziam as vias para eles, não pensavam no povo mais novo e isso dificultava a entrada de pessoas novas. Hoje em dia, se chega novato, eu procuro ir lá, chamar para participar. Eu posso afirmar: os objetivos de antigamente e de hoje não mudaram: que é escalar! O que mudou foram algumas características de como fazer isso. Um dos objetivos era incentivar o esporte e continua sendo; o jeito de encarar isso é que mudou, mas isso é uma conseqüência porque as pessoas que estão dentro, no momento, é que fazem o nosso grupo de escalada" (Rodrigo).*

No começo do surgimento do GEEU, o objetivo primeiro era o de escalar. A opção pelo lazer limitava-se ao interesse de escalar por escalar mas, atualmente, tem se apresentado um pouco diferente. Todos os escaladores pesquisados afirmaram que o muro representa, da mesma forma, uma opção de lazer, no entanto, voltada para diversificados interesses: alguns se limitam a treinar para campeonatos; outros preferem ir ao muro só para bater papo, saber das novidades; outros, ainda, fazem do muro um ponto de encontro para ir às rochas ou a algum outro compromisso e alguns, por fim, gostam (e fazem) de tudo ao mesmo tempo.

Outra questão importante a destacar é a mudança do ambiente de estudos para o ambiente do muro, haja vista ambos estarem dentro da mesma universidade. Darli Augusto de Arruda Mello, membro do GEEU, deu algumas pistas de sua opinião:

> *"uma das coisas que eu gosto no muro, é que eu faço engenharia e no grupo da engenharia são os mesmos papos sempre. Às vezes você sai estressado de uma prova e todo mundo só fala dela. Aí você vem no muro aqui e o pessoal é totalmente desencanado e isso é bom demais. Escala um pouco e, de repente, você não lembra mais da prova, passou. Isso é legal!"*

Por mais que possa parecer, a fala de Darli não revela só uma possibilidade de alívio da rotina estressante de um dia de prova mas, mais que isso: revela a existência de um grupo de amigos, de uma prática agradável em um lugar diferentemente agradável, bem próximo das salas de aula, oportunizando distintas sensações.

Entretanto, a rede de relações estabelecida no muro não se limita a sua localização dentro dos horários pré-determinados, mas ultrapassa-os. Os escaladores marcam reuniões [23], festas [24], eventos [25] e outros encontros sempre que possível e necessário. Eles também se comunicam por mensagens via computador; possuindo, inclusive, uma lista de discussão, organizada por eles mesmos, na qual são discutidos: problemas, dúvidas, dicas, pedidos, convites, etc.

E é assim, a partir de cada nova relação que vai surgindo, amadurecendo e se fortificando no GEEU que se delimita e identifica um lugar, um "pedaço" - o muro.

---

[23] No GEEU as regras de utilização e manutenção do muro são formuladas por todos, em comum acordo, durante reuniões. Estas, por sua vez, são agendadas de acordo com a disponibilidade da maioria, representando um momento para esclarecimentos, organização de eventos, delimitação de regras, etc. A participação de todos nessa "construção", torna-os parte do "pedaço" e responsáveis por ele.

[24] As festas acontecem, na maioria das vezes em feriados, durante a semana, em datas comemorativas, mas podem também ocorrer por nenhum motivo especial: apenas para se encontrarem. Quando não há um local (bar, show, etc.) estipulado, as festas são organizadas na casa das "meninas" (como são chamadas as mulheres escaladoras do grupo). Todos se mobilizam para a concretização da festa: uns levam bebidas, outros comida, há também quem cuida da decoração e do som.

[25] Os eventos englobam: vivências no muro, campeonatos, aulas para o projeto de extensão e outros.

"Murotoma"
A encarnação do lúdico

Realizar diferentes movimentos, utilizar músculos nem sempre tão exigidos, pendurar-se por apenas uma das mãos ou um dos pés denotam singulares experiências corporais, expressando uma cumplicidade do escalador com seu próprio corpo, conduzindo a vivências corporais distintas. A ludicidade, por sua vez, manifesta-se diante desse entrosamento com o corpo e se estende ao espaço vivido - o muro de escalada.

Cabe mencionar a compreensão tida, nesta pesquisa, sobre a ludicidade. Ela está sendo, aqui, entendida como um termo que resiste a quaisquer interpretações meramente racionais. Só é possível entender o lúdico em suas formas de manifestação, pois ele não é conceituável, situando-se na esfera do simbólico. É um modo de comportamento, o que significa dizer que é uma valoração, um sentido, uma intencionalidade humana. Portanto, torna-se complexo conceituar o lúdico, pois o conceito relaciona-se às experiências subjetivas.

A atividade lúdica, oportunizada pelo subir e descer de agarras, está ligada ao cotidiano de tarefas, deveres acadêmicos e trabalho dos escaladores. Diante dessa possibilidade de relacionar a dinâmica da vida diária com uma atividade lúdica, os escaladores do GEEU vivenciam uma composição de dimensões (acadêmicas, de amizade, de lazer, etc.).

O lúdico é, portanto, uma característica muita significativa na realidade do grupo, podendo ser percebido no dia-a-dia dos escaladores e, também, em momentos singulares. Refiro-me, especialmente, à "murotoma", evento planejado e viabilizado pelo GEEU no dia 20/3/1999.

Entre os principais objetivos do evento estavam: divulgar o muro, possibilitar um encontro com diferentes gerações do grupo, arrecadar dinheiro e, também, promover uma grande brincadeira.

Rafael Piccin, membro do GEEU, tenta esclarecer as primeiras iniciativas desse evento:

> *"A idéia principal não foi nossa; eu não sei de quem foi, eu não sei se foi dos caras do GAIA, do GEEU. Na verdade, foi um pessoal antigo que sempre teve vontade de fazer lá no muro a escalada com a bebida. É uma idéia fenomenal, inclusive muitos deles vieram e aproveitaram o máximo que puderam. Eu acho que unir as duas coisas foi uma idéia muito boa e eu gostei muito, porque é uma atividade divertida. Todo mundo se descontraiu e aproveitou".*

Havia um regulamento, estipulando as possibilidades e limites dos participantes (entre os quais, nem todos eram escaladores). O muro estava composto por três vias, nas quais o participante deveria ingerir bebidas (fermentadas e destiladas), no início, meio e final de cada uma delas. Houve um tempo máximo para a execução de cada via e o tempo de subida foi marcado para um eventual caso de empates. Como a dificuldade da prova era a bebida, foram registradas algumas faltas cometidas pelos competidores, tais como: deixar restos de cerveja na lata, babar ao beber, cair na via, etc. Foram para a final aqueles com o menor número de faltas.

Entre os escaladores, foi possível perceber algumas divergências quanto ao interesse pela murotoma:

> *"Nós queríamos ver qual era o efeito da bebida durante a escalada. O interessante da murotoma é as pessoas caírem de tanto beber. Foi uma grande brincadeira" (Darli).*

Esse escalador dá pistas de uma possível aproximação de experiências nem sempre rotineiras (como ficar bêbado) às vivências cotidianas do muro de escalada.

Diferentes interesses também foram apontados por Rodrigo:

> *"A murotoma foi uma boa forma de divulgação do muro, além de uma brincadeira de muita graça. Mas, ainda assim, mesmo com essa brincadeira, nós não conseguimos tirar a imagem de esporte difícil, porque senão mais gente teria participado. E teve gente que nem quis participar, só ficou assistindo".*

Mesmo não explicitado, nas outras falas precedentes a essa, um dos objetivos da murotoma, como exposto acima, é a desmistificação da escalada enquanto esporte de grande risco, justamente contrapondo-se a isso, promovendo um jogo, brincando com o risco e com a sensação de medo. Esse objetivo, no entender de Rodrigo, não foi efetivado; caso contrário, mais pessoas teriam se inscrito e participado. Isso demonstra que a atividade por ela mesma não é o único foco de atração e interesse. Como em outras opções na vida, ela é recortada por muitas variáveis. Entretanto, quanto ao fato de algumas pessoas ficarem só assistindo e não terem, efetivamente, "subido pelas paredes", é possível discordar de Rodrigo, pois isso não significa que elas não participaram. Os que assistem também fazem parte do "jogo", de uma maneira ou de outra.

Foi possível perceber um forte envolvimento das pessoas que ficaram só olhando (desse grupo faziam parte: namorados, amigos e parentes dos escaladores competidores ou outras pessoas presentes mesmo sem nenhum vínculo, estando lá por simples curiosidade). Normalmente estes ficavam à disposição para ajudar no que fosse preciso: pegar um equipamento, uma cerveja, guardar uma sapatilha, dar um beijo de "boa sorte", dizer apenas "valeu" ou, ainda, fazer uma gozação sobre algum acontecimento engraçado. Aplausos eram arrancados desses observadores quando alguma façanha era executada. Risos eram

manifestados praticamente o tempo todo. Eles faziam, na verdade, o papel de torcedores ativos.

Com um som de *rock* ao fundo (não muito alto - provavelmente poderia tirar a concentração), os escaladores competidores iniciavam a maratona das subidas. Somente três pessoas podiam escalar de cada vez, conforme as três diferentes vias dispostas no muro. Entre as subidas vagarosas pelas paredes, muitos escorregões aconteciam devido ao efeito embriagador das bebidas. Mas isso não era um empecilho, contrariamente: era um aspecto motivador importante, oportunizando mais motivos de risos aos torcedores.

Várias funções foram distribuídas ao grupo do GEEU. Três se responsabilizaram em dar a segurança; um preocupou-se com o som; dois tomaram conta do barril de cervejas; outro foi responsável por chamar os competidores e assim por diante. Estes que faziam parte, oficialmente, da coordenação usavam uma camiseta de cor preta com o escrito "coordenador" (na parte das costas), diferenciando da camiseta dos competidores, que era de cor branca com o escrito "competidor". Na parte da frente ambas as camisetas possuíam um desenho de escalador. Essa distinção mostrava que as pessoas envolvidas na coordenação ("os de preto"), responsáveis pelo evento, não beberiam, estando sóbrios para dar adequada segurança aos competidores.

O clima era de muita descontração, alegria e, raras vezes, tensão, apesar da competição presente no evento. Este, na verdade, possuía uma conotação diferente da competição tradicional, na qual o aspecto lúdico é diluído. Por contrapartida, na murotoma, observei uma verdadeira encarnação do lúdico.

Uma questão que merece, igualmente, ser destacada foi a preocupação com acidentes provenientes dos excessos de bebida. A impressão de Thaís foi bastante significativa:

> *"Então, em termos de divulgar, de falar assim: 'traz mais gente, vai ter a murotoma, uma coisa diferente'; de chamar a atenção pra escalada esportiva, de chamar a atenção pro GEEU, pro muro da FEF, eu acho que enquanto isso foi válido, agora, eu acho assim - eu bebo a minha cervejinha, não tenho nada contra - mas ali tinha um monte de riscos inerentes ao esporte e você tá no muro, tá pendurada, e neguinho subindo, vomitando... eu, particularmente acho nojento! A princípio, pareceu que ia ser só engraçado, mas depois eu acho que você fica um pouco apreensiva porque vê pessoas que exageram mesmo na dose e começam a fazer besteira e você fica com medo que aconteça algum acidente. Apesar de que quem tava dando segurança - que é o principal - tava sóbrio, você fica com medo que a pessoa se rale ou alguma coisa assim e também fica meio nojento o neguinho vomitando lá de cima".*

Essa preocupação foi generaliza, porém manifestada de diferentes formas. A Thaís, por exemplo, não quis se inscrever e competir por motivos que nem ela soube explicar (não tinha certeza se estaria realmente presente naquele dia ou se teria que estudar) mas, de qualquer forma, o seu comportamento demonstrou uma certa desmotivação. Rafael também mencionou a mesma preocupação (*"A murotoma é uma idéia boa, quando não se abusa tanto da bebida"*), entretanto ele participou efetivamente, ajudando, escalando e bebendo. Com isso, observa-se, portanto, que foram diversas as formas de preocupação e de participação.

Além do cuidado com os exageros alcóolicos e conseqüentes acidentes provenientes dos mesmos, Rafael levanta outros aspectos importantes:

> *"Deu um pouco de trabalho para organizar. Se ela fosse mais organizada, se a gente soubesse antes quantas pessoas participariam a gente compraria a quantidade certa de bebida, porque um fator que prejudicaria o muro era o caixa do muro: 'quanto dinheiro a gente pode gastar? Não vai ter prejuízo? Vamos comprar quanto de bebida? Foi um negócio preocupante porque pensamos que poderia acabar com o nosso 'rico*

> *dinheirinho' (porque a gente quer tanto fazer o negativo e tá sempre economizando). Também foi legal, porque ninguém acreditava muito. Depois de tanto esforço, saiu!".*

Todo o processo para a concretização da murotoma serviu para fortalecer o laço de amizade entre os membros do GEEU, entre tantos outros objetivos alcançados. Eles tiveram a idéia, juntaram forças, dinheiro; mobilizaram-se e conseguiram organizar mais um evento no muro.

Pequenos grupos, como o GEEU, manifestam características de coletividade e sociabilidade em ambientes artificiais de escalada, expressando uma relação diferenciada na dinâmica urbana. Experiência esta, utilizando a idéia de Da Matta (1987:116), consideravelmente importante para a "vivência da totalidade" do espaço urbano.

Organizando e vivenciando esse momento festivo, os membros do GEEU tinham em mente expor o "pedaço" deles. Por meio dessa competição, festa, jogo, brincadeira (ou tudo isso simultaneamente) os escaladores pretenderam, e conseguiram, revelar o lado oculto do muro ou os símbolos (significados) que o sustentam e o fazem acontecer (a ação). A partir do que é percebido como algo concreto e opaco (o muro), a murotoma surgiu como uma espécie de orientação para que o público pudesse compreender seu sentido mais profundo.

CAPÍTULO III

"O tempo não tem uma medida única.
Ele pode ser como uma lágrima,
um riso,
a luz
ou até como uma rocha."

(James Clavell)

DAS ROCHAS AOS MUROS E PAREDES: A ESCALADA URBANA

Como é possível praticar alguma atividade capaz de explorar as potencialidades do corpo, oportunizando, no mínimo, prazer, em um circuito onde os prédios e os carros são dominantes, onde as diferentes poluições provocam sérios danos à saúde, onde o barulho é ensurdecedor e o verde das árvores é quase inexistente? Será possível, em pleno centro urbano, existirem locais onde os corpos possam se encontrar, tocarem-se e envolverem-se, formando singulares focos de relações? Essas perguntas me acompanham desde o início desta pesquisa e, talvez, agora, elas possam ser bons pontos de partida para a reflexão sobre o surgimento dos ambientes artificiais de escalada.

Por vários motivos, aos quais me deterei logo a seguir, foi criada a escalada em ambiente artificial que pode ser *indoor* ou não (existem muitos muros - ou paredes, como são também denominados - artificiais de escalada que não são, necessariamente, *indoor*. No caso do Brasil, devido ao fator climático, é bem menor a necessidade de se ter muros em locais fechados e cobertos. Não esquecendo também do fator econômico: são maiores os gastos para se construir, por exemplo, um ginásio coberto de escalada e, por contrapartida, são construídos, inclusive, muros em paredes externas das próprias residências dos interessados). O "desafio" é realizado em uma parede com várias agarras artificiais, fabricadas de areia e resina, de textura parecida com as rochas naturais. As agarras são fixadas à parede, formando caminhos de diferentes níveis de dificuldade.

Attariam, em 1987, já esclarecia que os ambientes de escalada *indoor* são utilizados para a prática de movimentos específicos aplicados, posteriormente, nas rochas. Em outras palavras, é uma forma de treinamento, não só para os iniciantes, mas também para suprir a necessidade de se ter muros artificiais para

os escaladores profissionais poderem escalar em locais onde, principalmente, o inverno é rigoroso.

Além disso, os participantes podem aprender e praticar o esporte em um ambiente controlado e seguro. Uma outra característica, igualmente importante, desses tipos de ambientes artificiais é a acessibilidade. Normalmente eles têm uma localização central nas cidades, permitindo um rápido e fácil deslocamento aos praticantes.

Ainda, segundo Attariam (1989), o muro artificial de escalada também pode ter outras formas de utilização, além da aprendizagem e do treinamento, tais como: educação e recreação.

Sob essa perspectiva, há um interessante estudo de Humberstone (1995) tratando das interações entre crianças, a partir de atividades *outdoor* (especificamente a escalada) trazidas para ambientes *indoor*, em aulas de Educação Física. Nesse estudo, a autora constatou que as atividades de escalada podem ser utilizadas para satisfazer uma variedade de objetivos educacionais, oportunizando diferentes níveis de desenvolvimento: coletivo (habilidades cooperativas e de comunicação); pessoal (auto-estima); cognitivo (tomadas de decisão; resolução de problemas) e físico (aptidão e desenvolvimento de habilidades motoras). Podendo, da mesma forma, serem utilizadas como atividades recreacionais, com fim nelas mesmas [26].

Esses dados permitem acreditar que os ambientes artificiais para cenários de aventura têm o potencial de se tornar uma alternativa definitivamente assumida. Atualmente, nos EUA, muitas empresas comerciais fabricam muros artificiais de escalada e equipamento para uso particular ou institucional em resposta à

---

[26] Outro estudo, partindo dessa mesma idéia, pode ser lido na Revista JOPERD, no artigo de Hyder (nov./dez. de 1999).
Destaco, também, que, desde agosto de 1999, um projeto de extensão à comunidade, em iniciação à escalada esportiva, vem sendo desenvolvido na FEF, ministrado pelos próprios membros do GEEU e sob a coordenação do Prof. Júlio Gavião, docente da referida instituição.

crescente popularidade desse esporte (Attariam, ibidem:28-32). Para ilustrar esse fato, Fesko, em 1992, publicou um artigo demonstrando como, ao longo da América do Norte, era estimado de mil a mil e quinhentos o número de áreas de escalada *indoor* disponíveis ao público.

No Brasil, essa atividade, também, vem aumentando de forma crescente. Não é raro nos depararmos com o interesse de reportagens em anunciar a escalada em ambientes artificiais enquanto uma oportunidade para se aventurar. Uma publicação do SESC - São Paulo [27] apontou a enorme adesão às atividades esportivas na natureza citando, para tal, o ciclismo, o pára-quedismo, o bóia-cross[28], o *rafting* [29] e o alpinismo [30]. Este, que de acordo com a reportagem, é considerado um dos esportes mais perigosos do mundo,

> *"... vem ganhando adeptos ecléticos e nem tão malucos. As academias indoor proliferam no país, trazendo as dificuldades de uma escalada em rocha para um ambiente seguro e divertido: dentro da cidade, ao lado da casa do novo atleta".*

Mesmo a reportagem sendo específica de esportes de aventura na natureza, no caso da escalada, a ênfase não foi dada à atividade *outdoor,* nas rochas, mas sim à escalada em ambientes artificiais, demonstrando, com isso, o interesse pelo tema.

---

[27] Publicação do SESC - São Paulo, abril de 1999.
[28] Descida por corredeiras de rios em bóias.
[29] Descida por corredeiras de rios em botes infláveis.
[30] A palavra alpinismo apesar de, muitas vezes, ser utilizada para designar, genericamente, o ato de escalar, tem sua origem em escaladas nos Alpes. No dicionário Aurélio pode-se verificar que montanhismo é sinônimo de alpinismo. O montanhismo representa a prática de atividades em regiões montanhosas, tais como caminhadas, acampamentos em finais de semana, até caminhadas de ascensão, escaladas em rocha, gelo e outras. De acordo com Tomas Griddi Papp, coordenador do Pró-Esportiva (Programa Brasileiro de Desenvolvimento da Escalada Esportiva) do Clube Alpino Paulista, existem nove tipos de escalada: escalada em livre; escalada esportiva; escalada de competição; escalada esportiva em estruturas artificiais; progressão artificial em rocha; *big wall*; escalada alpina; alta montanha e cascatas de gelo (Folha Esporte - Folha de São Paulo, 27 de dezembro de 1998).

Uma questão pode ser evidenciada: as pessoas têm encarado como comum a escalada em muros artificiais; entretanto, o trazer as dificuldades da natureza para a cidade, muitas vezes, tem sido tratado meramente como uma conseqüência, um fácil acesso e uma comodidade com maior segurança. É necessário, por isso, destacar as outras conotações que os ambientes artificializados recebem não só pelos praticantes mas, também, por aqueles que procuram entender esse movimento.

Pode estar ocorrendo o que Maffesoli (1996) denominou de "naturalização da cultura" [31]? Creio que a tentativa de tornar a prática da escalada realizada em ambientes artificiais a mais parecida possível com a prática executada em rochas possa ser um exemplo desse processo. A passagem da atividade realizada em ambientes naturais para os artificiais será explorada aqui, partindo da idéia do "gosto pelo natural" (Maffesoli, ibidem:246) manifestado em nossa contemporaneidade [32]. Essa tendência é percebida por meio da tentativa de trazer a natureza para os padrões urbanos, de forma bem ilustrada pela construção do muro do GEEU. Mais que uma "naturalização da cultura" parece estar havendo um certo tipo de "desterritorialização" da atividade, bem como de seus praticantes.

---

[31] Maffesoli (ibidem:233) refere-se ao fato de as ligações sociais estarem, em todos os momentos, sendo fortalecidas por uma espécie de comunhão com a natureza. Como exemplo, o autor utiliza as populosas ruas de Tóquio, onde tudo é artifício e a agitação é dominante, no entanto, ainda assim, é possível se encontrar em um cruzamento de rua qualquer, em uma esquina, *"um pequeno altar dedicado aos espíritos tutelares, servindo de anamnese dos ancestrais fundadores e das forças da natureza"*. Vários outros exemplos poderiam ser utilizados, como os cultos a Iemanjá nas praias cariocas. Nessa direção, tratando da questão da "naturalização da cultura", Maffesoli se propõe a tratar da "ecologização do mundo social". Conceito utilizado para mostrar que a natureza não é mais considerada como um mero objeto, susceptível de explorações, mas capaz de se inscrever progressivamente, em um processo de parceria, não podendo mais ser estranha ao debate social e sendo, provavelmente, uma modulação do hedonismo da contemporaneidade: usufruir aqui e agora os prazeres oferecidos pela terra.

[32] Esse autor relata que o gosto pelo natural *"pode se estender da utilização da madeira, em suas diversas formas, às armações de concreto bruto que, no seio de sua artificialidade, remetem à ligação com a grande deusa terra. A moda dos produtos naturais, sua venda mais ou menos ideologizada vão também nesse sentido. A roupa não escapa a esta determinação, a tecelagem, a lã, o couro, etc. estão aí para lembrar que a pele social deve à pele natural (...). Em todos os casos, assiste-se à produção de um discurso específico que integrou a evidência da naturalidade das coisas"*.

Essa mobilidade é notada em inúmeras situações da vida e, como já destacou Milton Santos (1997), não são só os homens quem mudam de lugar (como turistas, migrantes ou trabalhadores), mas também os produtos, as mercadorias e as imagens, surgindo, assim, a idéia de desterritorialização.

Antes de prosseguir nessa discussão, cabe destacar algumas das várias distinções entre o muro de escalada da Unicamp e outros muros e ginásios de escalada esportiva existentes na região de São Paulo. De antemão, ressalto que a construção de todos esses locais, especializados em escalada esportiva, é um dos fatores que contribui para a conquista de espaço, divulgação e fortalecimento dessa prática junto ao meio esportivo.

A começar pelo espaço, o muro do GEEU foi adaptado a um local já existente, sendo montado na parte externa da parede da Biblioteca da Faculdade de Educação Física tratando-se, exatamente, de uma área de oito metros de altura por dez metros de largura. Os próprios membros do GEEU capacitaram esse espaço para a prática da escalada. Toda a estrutura foi montada e colocada manualmente, permitindo dizer que o muro do GEEU constitui-se em uma construção, praticamente, artesanal. No muro estão montadas três diferentes vias verticais (variando o grau de dificuldade conforme o interesse dos escaladores) e uma via negativa com um pequeno teto.

Apesar da disponibilidade dessa área, o GEEU não conta com nenhum outro tipo de apoio, quer seja da Faculdade de Educação Física ou da própria Unicamp; portanto, o GEEU, sendo uma entidade sem fins lucrativos, mantém em funcionamento o muro de escalada por meio de recursos próprios adquiridos mediante o pagamento de uma semestralidade pelos membros do grupo. Todo o dinheiro arrecadado é revertido em favor dos membros, sendo utilizado, principalmente, para a reposição do material de escalada.

Nesse momento, é importante mencionar um fato: quando eu perguntei aos escaladores do GEEU porque eles construíram o muro ali, na FEF, eles me responderam que não havia nenhum motivo especial e poderia ter sido escolhido qualquer outro lugar. Uma ilusão que talvez os tenha motivado a essa escolha foi o fato de acreditarem que ali seria um local no qual eles, possivelmente, poderiam conseguir maior apoio, haja vista ser uma faculdade dispondo de diversos projetos esportivos. Mas não foi exatamente isso o que ocorreu, segundo o relato anteriormente mencionado.

Diante dessa situação, refiro-me a Ortega (2000) para apontar a existência de múltiplas possibilidades de ação, em vários espaços públicos, com a possibilidade de serem constantemente criados e redefinidos, sem precisar unicamente de suporte institucional. Todas as vezes que os indivíduos se ligarem por meio do discurso e da ação, o agir significará começar, experimentar, criar algo novo. O espaço público como espaço entre os seres humanos pode, portanto, surgir em qualquer lugar, não existindo um *locus* privilegiado.

Ortega (*op. cit.*:23-24) baseia-se em Hannah Arendt, Foucault e Derrida para propor uma recuperação do espaço público - *"a política compreendida como atividade de criação e de experimentação"*. Dessa forma, a amizade, conforme o autor, representaria um *"exercício do político, um apelo a experimentar formas de sociabilidade e comunidade, a procurar alternativas às formas tradicionais de relacionamento"*. O muro do contemporâneo GEEU, fortalecido por laços de amizade, parece ser um exemplo desse tipo de local onde novas formas de experimentações estão ocorrendo.

Todas essas características diferem-se das encontradas em entidades particulares de escalada, as quais foram especificamente construídas para a prática da atividade, visando, prioritariamente, o lucro. Podem ser destacados três grandes locais especializados em escalada esportiva no Brasil: "90 Graus", o primeiro

ginásio a ser construído; "Ginásio Casa de Pedra" e, o mais recente, "Vertical *Indoor*"; todos eles estão localizados em São Paulo.

Detalharei algumas características desses locais especializados em escalada, procurando apontar alguns dos vários aspectos em comum entre os mesmos, tais como: as atividades oferecidas, os equipamentos utilizados, o tamanho e as características de suas instalações.

90 Graus, idealizado por Paulo Gil, foi o primeiro ginásio de escalada esportiva urbana a ser construído no Brasil, em 1993, cujo objetivo, de acordo com os coordenadores, é formar escaladores e contribuir para o desenvolvimento do esporte no Brasil.

O Ginásio de Escalada Casa de Pedra foi idealizado *"na tentativa de trazer ao público brasileiro a oportunidade de usufruir de um novo conceito de escalada esportiva",* no qual, segundo os organizadores, a diversão está aliada à seriedade e à segurança tornando o esporte acessível a todos aqueles que buscam por uma atividade saudável e diferente.

Não fugindo desses objetivos, Vertical *Indoor* é o mais recente ginásio de escalada esportiva construído em São Paulo.

Todos esses três locais possuem instalações cobertas, com áreas construídas de 410 m^2, 900 m^2 e 500 m^2, respectivamente, disponibilizando distintas vias de escaladas com vários níveis de dificuldades. Estas podem ser: *Tope Rope* (as cordas vindo de cima, proporcionam segurança e simplicidade na iniciação à atividade); Área de guiar (o escalador passa sua corda de segurança pelos mosquetões à medida que evolui em sua escalada, exigindo maior técnica e experiência, proporcionando maior desafio ao escalador); Área de *Boulder* (refere-se a paredes baixas, nas quais o escalador progride lateralmente, havendo maior

possibilidade de serem criadas diferentes movimentações) e, ainda, paredes específicas para crianças.

As agarras que compõem as vias são coloridas; cada via possui uma cor muito viva e diferente. Algumas vias se cruzam, fazendo com que as cores "dancem" pelas paredes. O colorido das agarras, aliado ao colorido das roupas e dos equipamentos dos escaladores, iluminam o local de uma certa aura de alegria. Esta, por sua vez, mistura-se às faces joviais e concentradas dos praticantes.

Há uma multiplicidade de opções, nesses locais, oportunizando diferentes formas de práticas e, dependendo do gosto, simultaneamente a alguma música, programa de televisão ou filmes em vídeos (apresentados em telão).

Nesses ginásios são oferecidos, aos freqüentadores, equipamentos homologados por entidades internacionais (inclusive os infantis), garantindo, segundo eles, total segurança aos praticantes. Eles também possuem espaços voltados à recepção do público; áreas de alongamento e aquecimento e vestiários (banheiros com duchas e armários), oportunizando conforto e diversidade aos interessados.

As equipes responsáveis pela coordenação, manutenção e administração desses espaços é composta, em sua maioria, por escaladores que já vivenciaram ou vivenciam a escalada.

Esses locais especializados em escalada esportiva funcionam durante o ano inteiro, ao longo da semana e, também, aos fins de semana, com horários bastante flexíveis, alternando entre manhã, tarde e noite. Há inúmeras formas de pagamento: diárias (os preços nos ginásios variam de R$10,00 a R$20,00), mensalidades ou trimestralidades.

Refletindo sobre esses valores e outras taxas adicionais, é possível afirmar que a escalada, nesses tipos de ginásios é, de certo modo, elitista, voltando-se para

uma clientela selecionada, pois não é qualquer pessoa que possui condições financeiras suficientes para praticar a atividade oferecida, mesmo sabendo da gama de alternativas disponíveis na estrutura do local. Esse fato contribui, sobremaneira, para o aumento do número de muros construídos, artesanalmente, ao longo dos últimos anos, em faculdades, escolas, casas, etc.

Tanto o Ginásio Casa de Pedra quanto o 90 Graus e o Vertical Indoor dispõem de algumas atividades em comum (cujos valores não estão incluídos nas diárias):

- Curso básico de Escalada Esportiva Indoor
- Curso de Escalada em Rocha
- Acompanhamento individual de escalada esportiva. Segundo um dos instrutores da Casa de Pedra, *"esse acompanhamento funciona como um 'personal trainner', onde o instrutor faz um acompanhamento individual com seu aluno, corrigindo-o e ajudando-o da forma que for necessário".*
- Curso de Técnicas Verticais (para diferentes níveis).
- Convênios com agências de ecoturismo e esportes de aventura.
- Festas infantis. O ginásio é alugado para festas de aniversário, incluindo monitores, equipamentos e atividades. Existem normas e detalhes a serem aceitos para a contratação do espaço. A principal atividade para as crianças é a escalada, entretanto, há diferentes atividades disponíveis conforme o interesse e a idade das crianças, tais como: balanço com cordas; cabo de guerra; tirolesa (passagem por corda suspensa).
- Programa de Participação Empresarial. Sob o lema: *"Fuja da rotina e melhore sua qualidade de vida!"*, a Casa de Pedra fornece serviços voltados a empresas, podendo ser montados diferentes tipos de projetos incluindo: palestras, jogos, desafios, etc. Também são promovidas saídas ao ar livre com atividades como: *rappel* [33], escalada, caminhada, *rafting*, *caving* [34], etc. Algumas idéias sobre esses

[33] Técnica da escalada que corresponde à descida por cordas.
[34] Exploração de cavernas sem a intenção de estudos (espeleologia), visando somente descobrimento e observação.

programas podem ser observadas por Alexandre, diretor-presidente da Casa de Pedra:

> *"Amplamente utilizado na Europa e Estados Unidos, trouxemos ao Brasil uma nova ferramenta para formação do profissional moderno. Utilizando o Alpinismo de forma totalmente inovadora, montamos programas para empresas baseados nas virtudes e rotina do Alpinista, trabalhando com analogias e exemplos, aliados a muita diversão e prazer. Com uma malha grande de possibilidades e um conceito didático totalmente diferente, nós faremos seus profissionais compreenderem e aprimorarem técnicas para o alcance dos seus objetivos com sucesso".*

Várias críticas têm sido elaboradas a esse respeito, nas quais se incluem propostas referentes à reengenharia, questionando o enfoque mecânico subjacente nessa proposta, pois é difícil afirmar que um profissional, enfrentando desafios em um ambiente incerto e inseguro, automaticamente, será capaz de enfrentar os desafios da empresa, bem como do mercado financeiro. Questiona-se, da mesma forma, a promessa de mudanças bruscas de comportamento. Se um empresário tiver características de personalidade que o classifiquem como uma pessoa tímida, não serão as atividades de aventura que o tornarão, mecanicamente, um profissional extrovertido diante do ambiente de trabalho e das necessidades de flexibilidade e desinibição para tratar os problemas empresariais.

Mesmo com todas essas críticas, cada vez mais, as instituições especializadas (como a academia acima citada e outras empresas de aventura) têm vendido propostas desse tipo para grupos de empresários e obtido, como retorno, mais adesão às atividades. Com o título: *"Os impossíveis - super-heróis de final de semana viciam-se em adrenalina e carregam a empolgação para o seu dia-a-dia"*, uma reportagem da Revista da Folha (1999:9) ilustra esse fato. Foi possível detectar na fala de um empresário, que participou, em um único final de semana,

de inúmeras atividades de aventura (bóia-cross, *rafting*, *cascading* [35], entre outras), a certeza de ter conseguido assimilar as "lições" inseridas no interdito da aventura (segundo a proposta vendida), tais como: desenvolvimento de liderança, resistência a pressões e maior capacidade de trabalho individual e em equipe. O empresário em questão, "contabilizando" os efeitos daquele final de semana, além de comentar sobre seu bom estado de humor no trabalho e senso de coletividade, também mencionou a superação de dificuldades:

> *"Consegui finalizar um trabalho complicado em poucas horas. Normalmente, eu levaria dias para fazer a mesma tarefa, no entanto foi fluindo tão fácil que, quando percebi, já tinha acabado".*

Apesar dessa afirmação, tomando as críticas acima realizadas, sobre a ingenuidade dessas propostas, nada garante que uma semana produtiva de trabalho subsequente às atividades, anteriormente comentadas, seja resultado dessas vivências.

Ainda sobre os ginásios de escalada, se os freqüentadores não possuírem os equipamentos necessários, esses locais dispõem dos mesmos para serem alugados. Nesses locais, podem, ainda, ser encontradas: lanchonetes, lojas de equipamentos e roupas e, até mesmo, áreas específicas de convivência (sala de estar).

Além de todas essas oportunidades acima descritas, existem os muros móveis de escalada que têm sido construídos por diversas empresas de aventura, as quais descobriram neles, uma opção lucrativa por meio da realização de eventos em locais sem estrutura para a prática da escalada, tais como ruas, shoppings, parques, acampamentos e hotéis, nem sempre próximos de academias especializadas, atraindo e entretendo crianças, hóspedes e os mais diferentes interessados. Esses tipos de muros, de fáceis manuseio e transporte, são

[35] Descida por cachoeiras sustentada por cordas.

encarados também como uma forma de divulgação, pois, neles, sempre há faixas coloridas anunciando o nome da empresa a qual pertencem, além de propagandas dos patrocinadores.

A tecnologia, nesse caso voltada ao segmento esportivo, além de possibilitar a construção de um muro de escalada, possibilitou a existência de um muro móvel, demonstrando sua capacidade de acompanhar os interesses e as necessidades da sociedade, de acordo com sua cultura e conforme o momento histórico. Esses muros móveis relacionam-se diretamente com o momento presente no qual vivemos, pois denotam características extremamente contemporâneas, tais como: facilidade de deslocamento e jogo de imagens e ações diante de uma inovada e instigante prática repleta de significado.

Featherstone (1997) aponta algumas características presentes nas experiências contemporâneas, as quais permitem situar melhor a existência dos muros móveis de escalada. É comum encontrar, nas atuais experimentações, referências à mescla desorientada de signos e imagens, ecletismo estilístico, jogos com signos, mistura de códigos, ausência de profundidade, pastiche, simulação, hiper-realidade, imediatez, experiências de intenso afeto, queda da fronteira entre a arte e a vida cotidiana, ênfase nas imagens em detrimento às palavras, entre várias outras. Conforme o referido autor, tais experiências ocorrem principalmente no contexto do lazer da cultura de consumo, estando (ou não) circunscritas a lugares e práticas específicas.

Os muros móveis integram-se nesse contexto, representando algo novo, desterritorializado, permeados por certa mobilidade, não sendo característicos de um lugar determinado. Eles funcionam como parte de um espetáculo, ou seja, como componente de uma relação social entre pessoas, mediada por imagens e equipamentos. Não caracterizam somente um suplemento ou uma decoração da vida humana, simbolizam uma época e toda uma geração.

Várias instituições estão investindo na aquisição desses equipamentos, assim como a Vertical *Indoor*, a qual possui uma parede móvel, nessa perspectiva, para vários tipos eventos.

Diferentes em vários aspectos, com uma estrutura bastante inferior e semelhantes ao muro do GEEU há, também, inúmeros outros muros espalhados por todo o país - dentro de academias de ginástica, faculdades, escolas, casas e, até mesmo, bares. São estruturas mais simples porém, igualmente, representativas, pois fazem parte das ressonâncias de um movimento mais amplo de escaladores.

Esses muros menos sofisticados surgem como reação às estruturas, consideradas por alguns, elitistas, como formas de conquista de espaços e, além disso, demonstram uma opção de escolha por um tipo de comportamento (roupas, gostos) próprio de uma camada social. Eles despontam manifestando seus estilos e linguagens próprios. Portanto, pode-se dizer que a escalada não é exclusiva de determinada classe socioeconômica, embora tenha acessos desiguais relacionados às condições de vida de seus praticantes.

Nesses locais mais "domésticos" pode-se perceber um envolvimento maior entre as pessoas. Os vínculos, as relações de amizade são mais fortalecidos e duradouros, justamente pela relação mais direta estabelecida com a prática e com os outros escaladores. Enquanto os locais mais sofisticados de escalada denotam mais "passagem" e "experimentação", estes denotam mais "encontro" e "participação".

Procurando não generalizar por meio dos casos, mas generalizando dentro deles (como propõe Geertz, *op. cit.*), posso afirmar, referindo-me ao GEEU, a marcante existência de uma sociabilidade urbana no ambiente artificial de escalada. Os membros do grupo se organizam, tentando conciliar estudos, escaladas e todas as atividades diárias, mantendo relações afetivas e dando sentido ao muro - lugar comum entre eles. Isso os diferencia e os torna singulares.

São vários os pontos positivos relacionados aos muros artificiais. Para Rodrigo um dos muitos aspectos positivos da escalada em ambientes artificiais é a repercussão que eles causam, devido ao seu alto grau de segurança, contribuindo para que seja retirado o rótulo de esporte mortal e elitista que a mídia sensacionalista, muitas vezes, apregoa à escalada de uma maneira muito genérica.

É preciso, antes de mais nada, contextualizar de qual escalada se trata, pois, segundo muitos escaladores do GEEU, "é uma situação ridícula serem chamados de irresponsáveis e malucos por causa de atos pouco inteligentes de pessoas sem conhecimento que se arriscam a escalar, independentemente do local".

Sobre o rótulo de prática elitista, foi possível notar o tom de desabafo de Rodrigo:

> *"Muitas vezes as pessoas não conhecem ou têm uma pré-concepção sobre a escalada, não têm equipamentos e acham que é muito caro, preferindo ir jogar futebol".*

Essa questão de ser ou não uma prática elitista incomoda um pouco os escaladores do GEEU, os quais não querem levar esse estigma. Eles defendem a acessibilidade da prática por qualquer um, citando o próprio muro da Unicamp como um local bom, barato e acessível. Defendem, ainda, que na escalada esportiva, a necessidade de se ter muitos equipamentos é menor quando comparada com outros tipos de escalada (como no caso da escalada alpina), sem contar que esses equipamentos específicos têm uma enorme durabilidade. E, por fim, sem mencionar a facilidade em se construir pequenos muros, em casa mesmo, com alguns pedaços de madeiras e pedras.

Os ambientes artificiais de escalada, sejam eles superestruturados (construídos por empresas especializadas, como no caso dos ginásios anteriormente apresentados) ou mais simples (feitos manualmente, em paredes, pelos próprios

interessados) apesar de possuírem diferenças, têm em comum a oportunidade oferecida: uma atividade que, tendo uma estética e comportamento próprios, torna-os importantes espaços urbanos para o encontro de pessoas (com os mais variados fins), permitindo a fruição dos corpos.

Os seres humanos experimentam (e se adequam a) diferentes possibilidades de vivência de sensações, também, nesses tipos de estruturas esportivas. Com isso, é possível acreditar que a escolha pela prática da escalada urbana, em ambientes artificiais, pode ser traduzida por um desejo de reconciliação com a cidade e suas características urbanas, do mesmo modo que a escolha pela prática da escalada, na natureza, pode ser interpretada pela vontade de reconciliação com o meio natural. Ou, ainda, unindo os dois, o desejo e o gosto de trazer um pouco da natureza para a cidade, buscando sensibilidades originárias no montanhismo, prática que encarna as montanhas.

Dessa forma, é possível concordar com Magnani (1999:3-4) que, mesmo diante da deterioração de espaços e equipamentos públicos, com a conseqüente privatização da esfera coletiva, com a evitação dos contatos face-a-face e o confinamento em ambientes restritos - em níveis mundiais - é possível, também, perceber *"exemplos de boas práticas urbanas"*, atestando *"um movimento ou, ao menos, focos de resistência no sentido contrário à tendência da desordem urbana"*[36].

Portanto, os grupos de escalada urbana (assim como outras atividades de aventura) que se formam a cada dia fazem parte desses movimentos, manifestando inovação, criatividade e espírito coletivo.

---

[36] Para tratar de questões referentes às transformações na cultura urbana de grandes metrópoles, Magnani reporta-se à Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos - Habitat 2 (realizada na Turquia, em 1996), destacando, conforme relatórios desse evento, a cidade de São Paulo como um exemplo de anti-cidade. Por contrapartida, para dar *"bons exemplos de práticas urbanas"*, o autor (ainda com base na citada conferência e em outras reportagens), procura apontar a mudança de enfoque sobre as grandes cidades.

Para retomar as características físicas dos ambientes de escalada e dar prosseguimento à compreensão do que foi, anteriormente, denominado "naturalização da cultura", utilizo Parlebas (1988), refletindo sobre categorias de um espaço lúdo-esportivo, para definir as características dos espaços onde se realiza um jogo, tais como: dimensões e normas, natureza e consistência (materiais), levantando algumas considerações importantes.

O autor situa duas dimensões: "domesticado" e "selvagem", em pólos contrários; entre esses dois limites se estende uma zona "semidomesticada" cujo nível de domesticação é variável e difícil de medir.

Ao pólo selvagem corresponde um meio não condicionado, incerto e instável, no qual se requer, constantemente, tomadas de informação e decisão motoras dotadas dos riscos da improvisação. O espaço oculta o imprevisto. Parlebas afirma ser esse espaço a própria natureza, na qual se desenvolvem excursões e expedições vividas pelos praticantes como uma aventura extraordinária. Tratando dessas situações nas quais o meio é instável e incerto, o autor dá exemplos da espeleologia, do vôo livre, do surfe e do próprio alpinismo, afirmando que, nessas atividades, o praticante precisa estar sempre avaliando a distância, a velocidade, tentando perceber os possíveis obstáculos. Nessas situações são requisitados todos os sentidos, de forma mais intensa.

Na escalada esportiva realizada nas rochas, na natureza, apesar de certo controle, possibilitado pelo equipamento, não se pode, previamente, deduzir seqüências motoras, muito menos controlar, totalmente, os fatores externos. Agnes Margarethe Molnar, membro do GEEU, permitiu-me constatar esses dados:

> *"...na rocha eu acho que você treina muito mais sua atenção porque você tem vias mais longas... tem momentos na via que você não enxerga a pessoa que tá escalando; então, eu tô dando segurança e eu não enxergo, eu tenho que tá prestando muita atenção. Isso*

> *é uma coisa que é bom na escalada, porque você tem que realmente ficar prestando a atenção naquilo que você tá fazendo, não dá pra ficar pensando em outra coisa. Porque o cara tá lá, você não tá vendo ele, às vezes você nem ouve ele porque se venta ao contrário, ele vai falar e você não vai ouvir. Então, você tem que estar bem ligado na tensão da corda, se ele tá indo, se ele não tá indo; isso é gostoso na rocha pra você mesmo prestar atenção e aprimorar essas coisas..."*

Por outro lado, o pólo domesticado corresponde ao meio estável e previsível. Nesse espaço mais controlado, é possível programar as seqüências de comportamento em formas de estereótipos motores eficazes. Os aspectos de informação e decisão da conduta motora, em resposta a esse meio "imutável", reduzem-se a sua expressão mais simples. Atletismo e halterofilismo são alguns exemplos colocados por Parlebas. Estendo seus exemplos à escalada praticada pelo GEEU, no muro artificial, mantendo relação estreita com o pólo domesticado. Agnes aponta alguns aspectos referentes ao controle e ao domínio:

> *"...No muro é mais fácil porque você tá sempre enxergando a pessoa, se por exemplo, ela tá naquela passagem que você acha que vai cair ou não, entendeu? Mas você já tá preparada pra fazer a segurança dela... Por exemplo, em indoor você tem as agarras certas pra pisar e pegar, na rocha não, você descobre, você tem que ter também aquele ... 'feeling' de você tá percebendo 'ah, aqui eu posso pisar'. Desse tamaninho, mas você pode pisar, pode escolher, pode variar movimentos, entendeu?..."*

Esses distintos ambientes de escalada possuem elementos, os quais se mesclam e, mesmo mantendo suas particularidades, contrapõem-se. No muro artificial, o espaço é delimitado, esquematizado e assegurado (em contraposição à imprevisibilidade presente na prática da escalada junto à natureza) com um significado próprio e singular. Talvez esteja aí um dos motivos que atraiam tantos interessados, muitas vezes não-esportistas, para as estruturas artificiais.

Os muros de escalada surgem na tentativa de eliminar os riscos e os perigos existentes nessa prática, entretanto, ao eliminá-los, não eliminam o sentido de aventura intrínseco na atividade. Diferente disso, apenas o modificam. A aventura passa a ter relação direta com o novo significado dado à prática.

Para prosseguir na discussão do interesse e da busca pelo artificial, reporto-me a Harvey (1992) para tratar da questão das imagens em nossa contemporaneidade. O autor ressalta, diante dos processos de produção e reprodução de imagens, a importância do "simulacro" diante da ausência da própria imagem. Harvey (ibidem:261) designa simulacro como sendo *"um estado de réplica tão próxima da perfeição que a diferença entre o original e a cópia é quase impossível de ser percebida"*.

A produção de imagens como simulacros, nos mais diversos domínios (políticos, individuais, etc.) torna-se possível a partir das inovadas tecnologias, as quais oportunizam a reprodução de forma tão exata e perfeita, chegando a colocar em dúvida a diferença entre a réplica e o original.

Essa discussão enquadra-se, atualmente, no que diz respeito à construção de ambientes artificiais de escalada (mas não só; estendendo-se a ambientes artificiais de surfe, de *snowboarding*, de esqui, etc. [37]), os quais são construídos visando a maior semelhança possível com rochas naturais.

Por se assemelharem notamente às rochas, muitas paredes artificiais de escalada podem ser, portanto, consideradas simulacros; dando forma à própria ausência de rochas. Nos Estados Unidos e Europa existem verdadeiras esculturas em formato

---

[37] Concretizando o sonho de nevar em São Paulo, aconteceu em junho de 2000, no Ginásio do Pacaembu, um "Encontro Mundial de *Snowboarding*". O local esteve completamente lotado por praticantes e curiosos desse esporte, tendo em vista que foi o maior evento do gênero no Brasil. A neve artificial foi colocada sobre uma rampa, possibilitando deslizes e saltos dos atletas.

de rocha artificial, dentro de academias e ginásios, e seus moldes têm sido, crescentemente, trazidos para o Brasil.

Sejam os locais de escalada simulacros perfeitos ou não, neles, inusitadamente despontam tentativas de dar um novo significado à cidade por meio de suas marcantes características.

Reporto-me a Magnani, ao utilizar Otília Arantes, discutindo a questão do "lugar" no cenário contemporâneo. Em seus ensaios, Arantes analisa algumas obras, tendências e teorias relacionadas à arquitetura - campo de estreita relação com a cidade. Em nossa cultura, fortemente caracterizada pela mídia, a autora explora a inter-relação entre "civilização midiática" e a arquitetura da contemporaneidade, mostrando que, *"se vivemos sob o signo do olhar, sob o império da imagem e no âmago de uma civilização do simulacro, o palco dessa irrealidade é a metrópole moderna"*. Contudo, em contraposição ao formalismo extremo da arquitetura pós-moderna, registra-se uma resistência: a *"arquitetura do lugar"* - tentativa de ressemantizar a cidade por meio da produção de espaços cheios de sentidos, buscando reanimar o espírito do lugar (Arantes apud Magnani, *op. cit.*: 17).

Aliada ao simulacro, a interferência do meio ambiente [38] nas opções sociais é um outro fator que pode ser observado. Concordo com Tuan (1983) que o meio ambiente construído contribui para a definição das funções e das relações humanas. O fato de o GEEU ter se mobilizado, ter construído e estar convivendo no muro exemplifica essa afirmação. Os escaladores do GEEU, muitas vezes, reconhecem-se e confiam um no outro com mais facilidade e sabem como devem agir quando estão no ambiente planejado por eles e isso é observado na fala de Silvia referindo-se ao muro:

---

[38] Meio ambiente está sendo, aqui, entendido *como "um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade"* (Reigota, 1998:21).

> *"... a altura é limitada, é a gente que faz, nós é que somos responsáveis pelo que estamos fazendo; somos nós que colocamos as agarras, é diferente. Eu acho que é diferente quando você coloca uma agarra, que você sabe que precisa tá segura, você vai preparar a segurança, você sabe que precisa tá segura, porque você está fazendo uma coisa pra você. Eu tô fazendo pra que eu não caia, entendeu? É uma coisa que a gente fez, então a gente confia mais na segurança, talvez, porque eu fiz porque de repente eu passei aquela corda; porque quem montou aquela parada lá em cima foi alguém que eu conheço, então eu confio. E a pedra como é que eu posso dizer é ilimitada, podem vir surpresas... Por isso eu diria que o perigo talvez em uma pedra é maior. No muro eu não diria fictício, mas eu diria que a segurança depende da gente e quando a gente faz a gente tem certeza, né! A gente tenta simular, é claro, chegar o mais próximo possível da adrenalina que dá escalar uma pedra alta, mas a gente toma toda responsabilidade possível pra que nada de pior aconteça. Agora os meninos estão montando o negativo; nossa! A maior preocupação de que fique firme, é o tempo todo conferindo, testando; parafuso nunca é demais".*

Segundo Tuan, os fatores que irão variar, nesse contexto do ambiente construído, serão as disponibilidades, no tempo e no lugar, obrigando-os a pensar, adaptar e inovar. Isso ocorre no muro do GEEU, haja vista a construção do novo negativo, após meses de planejamentos, adaptações e idealizações. Tuan (ibidem:99) ainda ressalta que *"a visão do mundo é uma tentativa mais ou menos sistemática das pessoas de compreender o meio ambiente"*.

Tendo a oportunidade de acompanhar o processo de construção do negativo, pude perceber algumas dificuldades que o permearam, tais como: horários incompatíveis entre os membros, discordância de idéias, alguns desentendimentos e falta de dinheiro. Por esses motivos, posso afirmar que somente no momento exato em que os escaladores visualizaram melhor o denominador comum em suas diferentes perspectivas e conseguiram, a partir daí,

atingir a harmonia ideal necessária para o desenrolar da construção desse novo negativo, ela se concretizou.

Prosseguindo na discussão do espaço, é necessário introduzir os objetos e os lugares que o definem, tendo em vista o fato de as relações entre espaço e lugar serem bastante estreitas. O significado de um pode vir a se confundir com o outro. A idéia de espaço é mais abstrata e implica em liberdade; já o lugar, constitui-se em segurança. O espaço transforma-se em lugar à medida que vai adquirindo significado e definição, à medida que o conhecemos melhor e lhe damos valor. Ao pensar em espaço como movimento, o lugar se torna pausa. Cada pausa no movimento possibilita a uma localidade se tornar um centro de reconhecido valor (Tuan, ibidem:3-6).

O espaço testemunha a realização da história, sendo a um só tempo, passado, presente e futuro... sempre, em cada momento, uma variedade de lugares; e é no lugar (cotidiano compartilhado entre as pessoas) que a cooperação e o conflito formam a base da vida em comum. Nas palavras de Milton Santos (1997:258), lugar é um *"teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade"*.

Assim, à medida que os membros do GEEU expressavam suas visões de mundo, no espaço do muro, estabelecendo laços mais fortes de amizade e dotando aquele determinado espaço de valores, transformaram-no em um lugar impregnado de significados e fortificado por uma rede de relações. Com isso, é possível pensar esse ambiente artificializado como um lugar singular onde podem ser vividos sentimentos e relações imprescindíveis ao cotidiano humano.

Como afirma Magnani (*op. cit.*:13), nas dimensões do lazer e da sociabilidade, *"tanto as formas convencionais como aquelas mais inusitadas atestam a vitalidade das práticas urbanas"*. As genuínas experiências urbanas, com todos os seus

problemas, ainda existem e, conforme o referido autor, elas se diversificaram, assumindo novas modalidades, adaptando-se a novas circunstâncias e estabelecendo outros diálogos.

Não se pode, portanto, negar a possibilidade da manifestação do lúdico, do prazer (ainda que atrelado ao dever) e da sensibilidade na vivência de atividades em ambientes artificializados, particularmente em muros artificiais de escalada. Estes, por sua vez, são impregnados de experiências cotidianas das pessoas, apontando uma nova forma de experimentação.

Remetendo-me aos escritos de Foucault (apud Ortega, 2000), é possível perceber como as diversas formas de vida em comum não se esgotam, necessariamente, em uma instituição. Vive-se uma sociedade na qual as relações permitidas são extremamente reduzidas e simplificadas. Contudo, os processos de diferenciação e de liberação, característicos da sociedade contemporânea, tornam possível o questionamento e a relativização da validade e do alcance de vínculos orgânicos que garantam a coesão das sociedades tradicionais (religião, família, trabalho). Esse processo deve ser aceito como oportunidade de nova configuração de seus relacionamentos, criando e experimentando diferentes formas de existência e de comunidade.

Na mesma linha de Arendt, Foucault propõe a animação da vontade de agir e de experimentar, conduzindo os seres humanos a sua condição de *homo ludens*, fazendo um apelo à participação nessa nova comunidade. O único argumento utilizado, nesse apelo, é a fascinação que o agir produz como início de algo novo. Os laços de amizade, formados e fortalecidos no muro do GEEU parecem caminhar nessa direção, manifestando uma sociabilidade vivida além dos padrões familiares, sob uma singular forma de experimentação de pensamentos e ações. No muro, há uma reinterpretação dos sentidos e dos sentimentos por meio de novos códigos e, estes podem ser visualizados pelos corpos escaladores.

O corpo escalador

Ao longo das observações e dos contatos com o lugar investigado, foi possível perceber formas particulares de linguagem corporal. Esta, por sua vez, pode ser interpretada como expressão da cultura urbana [39].

Na dinâmica do muro de escalada, os corpos escaladores manifestam inúmeras expressões: desde sutis "passadinhas para falar um oi" até a prática propriamente dita. Expressões sempre carregadas de sentidos, conduzindo a inúmeras interpretações.

Começo com a afirmação de Eduardo para demonstrar que, apesar da existência de um espaço para todos os interessados (dos mais diferentes tipos físicos) [40] praticarem a escalada, o "ser diferente" dos padrões corporais preestabelecidos, diante dessa prática, é carregado da conotação: *"escale, mas, de preferência, seja magro, forte, etc."* [41]:

> *"Sem querer, o esporte acaba até elitizando o pessoal que pratica. Você trabalha com a luta contra a gravidade, você tá escalando; então, a gente acaba trabalhando com pessoas com um biotipo favorável ao esporte. Infelizmente, acontece isso, apesar de ter bastante gordinho escalando...".*

O corpo belo, segundo padrões ocidentais, é cultuado de maneira privilegiada. A sua supervalorização tornou-se inerente aos seres humanos, tendo em vista que, entre outros fatores, o papel dos meios de comunicação foi, e é, determinante

---

[39] Cultura urbana pode ser entendida *como "um conjunto de comportamentos induzidos por e exigidos para o uso e desfrute de equipamentos, espaços e instituições urbanas e para o desempenho de regras de sociabilidade adequados"* (Magnani, 1999:3).

[40] É importante destacar, inclusive, o aumento da participação de deficientes físicos em atividades de escalada.

[41] Isso me remete a Foucault (1984:147), ao afirmar que o poder está em todas as partes, agindo em várias instâncias e, sendo assim, como resposta à revolta do corpo, surge um novo investimento que deixa de ser uma forma de controle ou repressão, passando a ser de controle e estimulação: *"fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!"*.

nesse processo de culto ao corpo, repleto de sentidos narcisista e hedonista. Os campos da natureza e da cultura estão sendo reconfigurados diante desse contexto, no qual as modificações no corpo, para se atingir a aparência ideal, por meio de avançadas tecnologias visam, cada vez mais, o sobre-humano.

Como alerta Silva (1999:52),

> *"pode-se perceber que, na atualidade, as pesquisas oriundas das ciências biomédicas têm trabalhado no sentido de projetar 'o corpo perfeito' para uma saúde perfeita, como parte de um novo arquétipo da felicidade humana".*

Comumente nos deparamos com reportagens dando exemplos dessa situação. A capa da Revista Veja (12/1/2000) mostra como será *"O corpo do futuro - sutil perfeição - um novo tipo de malhação, alimentos saudáveis e cirurgias menos agressivas irão traçar as linhas de um corpo mais belo e harmonioso".*

Paralelamente a esse fato, destaco, com base em Maffesoli (1998), que esse mesmo corpo pode também ser notado não só por sua aparência, mas, da mesma forma, ser um lugar de sedução e fascínio, criando laços, celebrando prazer e criatividade, por intermédio de acordos estéticos. A manutenção do corpo pode, de alguma forma, criar e expressar vínculos sociais, reafirmando-os ou negando-os.

Partindo desses dois referenciais de corpo, procurarei, aqui, identificar a concepção de corpo do escalador pois, nele, inscrevem-se inúmeras (e particulares) formas de cultura, dotando-o de sentidos.

Ao mesmo tempo que os escaladores, do grupo do GEEU, algumas vezes, vestem roupas apropriadas e da moda (calças, bermudas e *tops* de grifes conhecidas desse meio) tornam-se indiferentes a elas, utilizando uma peça qualquer, um

moletom velho, uma camiseta (fato este, da mesma forma, representativo, denotando um tipo despojado, batalhador e à vontade).

Um acessório comum no vestuário dos escaladores é a mochila. Ela recebe diferentes denominações conforme sua utilização, podendo ser: "mochila do dia-a-dia" - inclui, principalmente, o material básico necessário para escalar e os livros e cadernos de estudos acadêmicos; e, ainda, "mochila de ataque" - inclui todo o equipamento necessário e de reserva para uma viagem às rochas, como: alimentos, estojo de primeiros socorros, etc.

As camisetas utilizadas por esses escaladores estampam desenhos e logotipos relacionados a campeonatos e encontros promovidos pelo grupo, as quais costumam ser encomendadas a confecções especializadas. Normalmente, nessas camisetas, há uma figura do personagem principal - o escalador - executando uma via difícil, seguida do nome do grupo e do respectivo evento e, ainda, propagandas de patrocinadores (quando há). Esse fato demonstra o orgulho e a satisfação que os escaladores têm de pertencer ao grupo, sentindo-se importantes por usarem uma camiseta de sua "tribo", além do conseqüente interesse em divulgar o muro para conseguirem mais adeptos à escalada e ao GEEU.

Tive, em vários momentos, ao longo desta pesquisa, a impressão de a roupa, sofisticada ou de marca famosa, ser o menos importante para eles, diante da dificuldade, imposta ao corpo, pela via a conquistar. A partir da roupa, os escaladores também se reconhecem, acentuando uma dimensão local, como apontou Maffesoli (1996) ao se remeter às "tribos pós-modernas". A marca e o colorido das roupas passam a ser substituídos por peças mais simples. Na verdade, os escaladores, ao fazerem essa substituição, pretendem se tornar familiares a um determinado lugar e, nesse sentido, fortalecem seu grupo, dando expressão as suas vontades e particularidades, construindo, assim, uma identidade.

Idéias essas que, apesar de diferente conotação, vão de encontro a alguns casos (observados durante uma visita ao Ginásio Casa de Pedra), nos quais a maioria dos escaladores, vestia-se, potencializando-se, ao apoderar-se da cor [42], da forma e da atenção despertadas pela roupa (muitas vezes colorida e grudada ao corpo - esguio, forte e belo - dando formato a ele). Na verdade, o que difere estes, daqueles escaladores, não é a forma de se vestir por si só, mas a forma de se significarem a partir da roupa.

Por um lado, há, portanto, a necessidade de se diferenciar, pois, no interior de cada grupo, sempre existirá uma vestimenta determinada histórica e culturalmente e, por outro lado, existe a lógica do valor de uso da roupa, limitando-se a proteger ou adornar o corpo (Villaça & Góes, 1998).

O corpo do escalador, em alguns casos [43], enquanto corpo estético, hedonista e informacional, passa pelo processo de mercantilização, fazendo-me remeter a Turner (1989:147). O autor afirma que o corpo, ao ser mercantilizado, converte-se em foco de uma indústria para a manutenção da forma, reforçado compulsivamente por dietas a base de fibras, centros de recreação e entretenimento, manuais para emagrecimento, entre outros. A fascinação hedonista com o corpo existe para realizar a atuação competitiva. *"Trabalhamos, emagrecemos e dormimos, não pelo desfrute intrínseco, mas para melhorar nossas oportunidades no sexo, no trabalho..."*. O êxito social dependerá (ou

---

[42] Ao longo do desenvolvimento das práticas corporais, a questão da importância das cores, as quais vão impregnando os objetos esportivos, dotando-os de um significado bastante particular, é comentada por Pociello (1995:115) no começo de seu artigo *"Os desafios da leveza - as práticas corporais em mutação"*. O autor ressalta: *"Desde então, o corpo, em jogo, seria exposto à visão, 'produzido', e ter-se-ia mudado de registro de expressão: o esporte é belo e, em todo caso, é mais alegre!... E é verdade que a suavidade dos tons pastéis, a alegria das cores claras ou a acidez das fluorescentes suplantaram, em menos de vinte anos, os macacões que se impunham, então, em conformidade com as obrigações de um trabalho esportivo feito de forma austera, com suor e esforços"*.

[43] Refiro-me, aqui, ao exibicionismo, de certos corpos, perceptível em alguns ambientes *indoor* de escalada (em oposição ao grupo estudado); haja vista a existência de escaladores patrocinados que treinam para campeonatos, nesses ambientes e, devendo fazer jus ao patrocínio que recebem, fazem propaganda das marcas.

pensa-se que depende) da capacidade de manipulação do "eu", a partir de adequadas habilidades pessoais e o triunfo (desde a instância política até mesmo na organização da vida diária) dependerá da forma fundamental de apresentação de uma imagem aceitável [44].

Lembrei-me, nessa situação, de um texto de Courtine (1995), no qual ele aponta os anos de 1870-1880 como marco de um fascínio pela cultura física. Nascia, naquela época, uma educação física de massa, promovida por imagens de homens fortes, mostrando o espaço que o cuidado muscular da forma corporal ocupava na vida das pessoas. Hoje, há mais de cem anos, embora com práticas e significados distintos, ainda pode ser percebido o mesmo fascínio.

Encontra-se no êxito acima citado a importância das maneiras pelas quais o corpo humano põe limites as nossas possibilidades para a vida em sociedade, como discutido por Featherstone (1998). Segundo esse autor, a atuação dos corpos, no mundo social, é sempre mediada pela cultura, havendo a necessidade de serem examinadas as maneiras particulares como a cultura se manifesta sobre os corpos, em diferentes sociedades, sem excluir o papel das imagens sobre as percepções do corpo e os modos pelos quais a construção das identidades é dependente da construção das imagens corporais. Dessa forma, a cultura torna-se determinante no comportamento e nos valores humanos e qualquer consideração a respeito dos seres humanos sofrerá influências dos costumes referentes às particularidades de determinados lugares.

É interessante pensarmos na questão do costume enquanto uma importante forma de caracterização da vida diária do contemporâneo GEEU e, até mesmo, como uma possibilidade de discordar de Turner (*op. cit.*) quando afirma ser a vida social um jogo em que quase não há espaço para a confiança, tendo em vista que toda ação humana consiste simplesmente em aparentar e contra-aparentar.

---

[44] E, por sua vez, conforme Turner (ibidem:146), "*as imagens de êxito demandam corpos exitosos, os que têm sido treinados, disciplinados e dispostos para acrescentar nosso valor pessoal*".

A partir de alguns costumes, manifestados por meio de gestos simples e espontâneos, pode-se perceber maneiras particulares de demonstrar a presença.

> *"Eu sempre dou uma passadinha pra ver quem tá no muro, falo um 'oi' de longe, correndo, mas sempre tô passando em frente ao muro ao meio dia. Ele é cartão pra bater, mas não é uma coisa que eu me sinto obrigada como a vida acadêmica, é uma coisa mais de lazer, que a gente quer um pouquinho pra gente" (Eva Molnar, membro do GEEU).*

Por meio desses gestos (um "oi" ou um olhar), delimita-se um espaço de reconhecimento para os corpos escaladores, proporcionando a visibilidade entre esses corpos. As diferentes maneiras com as quais o corpo escalador age no muro, enquanto local de convívio, dota-o de significado (nos limites de seus conflitos e realizações). Afinal de contas, como afirma Turner (*op. cit.*:33), o corpo não é somente algo concreto e sólido, mas ilusório e metafórico, sempre presente e sempre distante: *"um lugar, um instrumento, um entorno, uma singularidade e uma multiplicidade".*

E, para a aceitação da corporalidade da vida humana, não é preciso negar o fato de que a natureza do corpo humano é um efeito (produto e, concomitantemente, produtor) de atividades históricas e culturais, sendo o corpo, por sua vez, natural e cultural.

Portanto, perceber o corpo, simultaneamente, como natural e cultural determina processos de subjetivação que irão passar pela administração do espaço corporal. Seguir os percursos espaciais, a distribuição dos lugares e a distância nos contatos pode revelar esses dinâmicos processos de subjetivação (Villaça & Góes, 1998).

Em cada grupo, em cada sociedade, podem ser observadas determinadas regras de interação entre os corpos. Tratando especificamente do GEEU, é notável a

forma como os corpos ficam tão próximos nos horários de funcionamento do muro. Desde o momento da chegada (na maioria das vezes marcado por beijos e abraços), os integrantes do grupo sempre se tocam, seja para passar um equipamento ou ajudar em alguma coisa, por meio de um esbarrão sem querer ou até mesmo um "beliscãozinho" proposital.

Em momentos mais difíceis em alguma via, não é raro tocar (pegar e apalpar) partes do corpo do outro para lhe ensinar como deve ser a movimentação, por exemplo, de uma mão ou de uma perna. *"Olha, você tem que sentir mais essa parte do seu corpo que essa"; "Não se contraia tanto aqui"*, etc.

Nesse caso, os escaladores ao perceberem e aprenderem novos gestos, po meio dos toques, potencializam o "ser capaz", conseguindo executar as vias. Por meio de manifestações desse tipo, pode-se perceber, como destaca Sant'Anna (1993), a necessidade de se decifrar certas intimidades estabelecidas pelo corpo em relação, conduzindo a pequenas revoluções subjetivas, capazes de expandir a percepção e as oportunidades de experimentar o mundo com mais satisfação.

No caso daqueles que, ainda não fazem parte do grupo, mas têm a pretensão de fazer, há uma aproximação similar. Dentre estes, os que conseguem quebrar algumas regras de aproximação, ficam por algum tempo admirando a prática mais de perto e, algumas vezes, terminam escalando. Nessa relação de observador e praticante, foi possível perceber uma ambigüidade interessante: ao mesmo tempo que os olhares e gestos dos observadores demonstram um certo medo e nervosismo (olhar fixo, gesticulações das mãos e lenta aproximação até o grupo), antes de tomar qualquer decisão (escalar ou não) desejam, com a mesma intensidade, conhecer a prática, por meio dos mesmos olhares e gestos, traduzidos também como curiosidade e interesse.

Por outro lado, alguns curiosos ficam observando somente à longa distância, constituindo-se em raras exceções e reafirmando, como apontado por Villaça &

Góes (ibidem:76), que muitas regras de proxemia podem ser interpretadas enquanto ritos de evitamento (mas, nesse caso, também, como mera curiosidade). *"Não se deve tocar o outro, salvo em casos previamente codificados (aperto de mão, abraço); não se deve mostrar o corpo nu, salvo no médico ou na praia"*. É preciso que regulemos os contatos físicos, mantendo uma distância entre os rostos, os olhares, os corpos em si. Essa situação reverte-se, segundo os autores citados, quando as manifestações artísticas contemporâneas começam a questionar as regras de proxemia e de comportamento corporal, estimulando, inversamente, novos contatos, posturas e liberdades. No caso dos escaladores do GEEU, parece não haver, na maioria das vezes, situações de afastamento entre os corpos mas, pelo contrário, existem muitos atritos entre os mesmos; mesmo porque o contato, no muro, não é somente físico e, nessa situação, o ambiente não inibe, diferente disso, facilita. Isso ocorre devido à espacialidade existente.

Essas questões levam a crer, com referência a Sant'Anna (1993), que, talvez, a busca seja muito mais pela construção de uma mediação entre os corpos e os ambientes, entre os corpos e os demais corpos, capaz de aproximá-los ao invés de distanciá-los.

Ainda sobre a questão da proximidade, concordo com Santos (1997:255) quanto ao fato de ela não se limitar a simples definição de distância, mas referir-se à contigüidade física entre pessoas em uma mesma extensão, em um mesmo conjunto de pontos contínuos, capazes de viver com a intensidade de suas inter-relações. Alerto para esse fato porque mesmo aqueles que não estão escalando (só estão passando e observando) são atraídos pela possibilidade de praticar a atividade ou, ainda, simplesmente matar a curiosidade de olhar. É assim que a proximidade *"pode criar a solidariedade, laços culturais e, desse modo, a identidade"* (Guigou apud Santos, ibidem).

Tratando, ainda, dos corpos escaladores, pretendo fazer algumas considerações sobre o corpo feminino. Tendo em vista que, para muitos (escaladores ou não),

somente as pessoas magras e fortes correspondem ao biotipo ideal para a prática da escalada esportiva, existem inúmeras questões que permeiam o corpo escalador feminino. Entre elas é possível destacar: o mito do escalador homem e forte e o receio de se "masculinizar".

A começar pela questão da subordinação feminina, esta que foi historicamente elaborada, expressando um corpo submisso, explorado e passivo, tem possibilitado, ao longo dos anos, inúmeros questionamentos. Uma compreensão mais adequada com relação a dominação unilateral dos homens e conseqüentes valores masculinos foi (e é) por muitos almejada. A relação comportamental e as funções de ambos os sexos, masculino e feminino, devem ser entendidas de maneira complementar e não antagônica. Nessa perspectiva, o corpo escalador parece ser um bom exemplo de expressões tidas como masculinas e femininas complementarmente.

Rodrigo acredita que a falta de mulheres na prática da escalada [45] pode estar associada ao fato de a mídia relacionar a atividade, na maioria das vezes, aos aspectos força, dificuldade e perigo (tidos como masculinos), os quais parecem ter, definitivamente, inibido a participação feminina.

Agnes, porém, não tem uma idéia formada sobre a existência de poucas mulheres entre os escaladores ficando na dúvida se elas têm medo da atividade ou se a acham muito bruta:

> *"... a mulherada não tem muita coragem porque é difícil mesmo chegar lá, subir e olhar pra baixo. Tem uma coisa que eu me questiono um pouco, essa coisa de relacionamento; porque, às vezes, escalando tem*

---

[45] Esse fato pode ser comprovado nos dados obtidos por meio do Censo Brasileiro de Escalada e Montanhismo de 1998. Dos setecentos e sessenta e cinco escaladores que participaram da entrevista, seiscentos e oitenta e seis eram homens e setenta e cinco eram mulheres; isto é, menos de 10% representa o sexo feminino entre os escaladores brasileiros. Informações sobre esse censo podem ser obtidas pelo site: www.braziloutdoor.com.br/censo98/result.htm.

> *alguns hábitos na sua vida, que você muda. Eu por exemplo, depois que comecei a escalar, os meus braços ficaram muito mais fortes do que antes e a mão mais calejada do que antes, mais arrebentada do que antes; será que eu tô feminina?".*

Esse questionamento de Agnes é bastante pertinente nessa reflexão, pois muitos valores humanos parecem estar, atualmente, invertidos. O que é ser feminina? O que é ser masculino em uma época na qual as roupas são unissex; os cabelos são curtos ou compridos para ambos; na qual o trabalho vem sendo redefinido como feminino e feminilizado, não importando se é feito por homens ou mulheres?

Pelo discurso de Felipe é possível perceber não ser verdadeira a "regra" que considera a mulher fraca para praticar a escalada. Sendo uma atividade que exige habilidades muito específicas, não se pode generalizar e pensar na possibilidade de somente os corpos masculinos (fortes e atléticos) conseguirem executar determinado movimento durante a escalada. Muitas vezes isso não acontece, pois:

> *"a escalada é um esporte extremamente peculiar que envolve uma musculatura peculiar, com um equipamento peculiar, então, ele é, por essência, seletivo (...). Chega um cara super forte e não tem desempenho e chega uma menina e se dá melhor (que tem equilíbrio, desenvoltura e conhecimento do próprio corpo). Eu acho que o grande referencial prá se pensar a escalada é isso: conhecimento do próprio corpo".*

É possível, a partir dessa idéia, concordar com Bruhns (1995: 95) que o fator biológico do sexo é dotado de sentido em determinados momentos, devendo, portanto, serem contestados os predeterminismos. A dinâmica cultural, na dialética entre significado e ação social, configura a identidade feminina (ou masculina) permitindo, assim, uma pluralidade de realizações.

Nessa direção, ao se conhecer e se assumir, é possível perceber em Agnes, a necessidade de ser "natural", de ser ela mesma, ainda que saiba das implicações quanto ao questionamento de sua feminilidade, pois essa pode ser uma forma de reação frente ao processo.

> *"Eu desencanei. Eu quero ser do jeito que eu quero ser; eu quero escalar e pronto. Se alguém tiver que gostar, vai gostar de mim com mão calejada, mão arrebentada, braço forte e dane-se, do jeito que for, que tiver que ser".*

O discurso dessa escaladora, explicitado em uma vontade de "ser ela mesma", tem estreita relação com uma idéia desenvolvida por Sant'Anna (1995:136), ao refletir sobre o conteúdo que constitui a beleza e a graça (valores esses, historicamente, relacionados às mulheres) variarem ao longo dos anos, modificando a relação entre a feminilidade e a cultura, entre o corpo e os cuidados para deixá-lo bonito. A autora instiga-nos a pensar:

> *"de agora em diante, embelezar-se implica em afinar a escuta em relação ao próprio corpo. Uma escuta capaz de captar-lhe as verdades mais íntimas e de responder devidamente aos anseios inconscientes de cada mulher".*

Dessa forma, não posso acreditar em outra coisa senão no fato de que Agnes, a escaladora em questão, teve a percepção dessa "escuta", permitindo-se levar pelo fascínio da atividade. A partir de sua sensibilidade, ela mesma encontrou a maneira própria de ser, baseada em sua concepção de feminilidade.

Embora as concepções relativas às mulheres façam parte de um modelo de dominação que, muitas vezes, são concomitantemente interiorizadas pelas

próprias mulheres [46], é possível afirmar que não é o caso de Agnes, mostrando exatamente o oposto.

Diante de tantos mitos envolvidos no estereótipo do escalador, voltados sobremaneira sobre o corpo feminino, fica uma dúvida: será que somente as mulheres, além de serem delicadas, precisam ser fortes? Os homens não precisam ter delicadeza? A força é o suficiente para essa prática?

Na escalada esportiva, tanto quanto força é preciso ter técnica e tanto quanto ter técnica é preciso ter leveza e delicadeza, independentemente do gênero. Pendurados por apenas uma das mãos, em minúsculas agarras, ao longo de difíceis vias, tanto homens quanto mulheres precisam ser delicados, leves; o contrário, por outro lado, pode acarretar situações indesejáveis.

Apesar de a palavra delicadeza ter sido, por longos anos, associada ao sexo feminino, atualmente, pode-se afirmar que, independente do campo de atuação (político, esportivo, educacional, etc.), a delicadeza (e, também, outras características antes somente relacionadas às mulheres, como emotividade e subjetividade - em contraposição à racionalidade associada aos homens) tem sido exigida e, muitas vezes, manifestada por toda a esfera humana.

No caso dos escaladores homens, parece não importar tanto a designação, por eles atribuída, à delicadeza ("ser leve"; "habilidoso" ou "ter mais jeito"); o que importa, na verdade, é o reconhecimento da necessidade de manifestação de gestos sutis durante a escalada, independente do nome que venham a dar.

A tentativa de falar sobre o corpo, em suas particularidades, exige o conhecimento de sua linguagem. Tentando desvendar algumas pistas dessa linguagem corporal,

---

[46] Bruhns (1995:79), tratando dessa questão, cita alguns exemplos relacionados à proibição que algumas mulheres imprimem ao seu corpo, tais como: não entrar em água fria, evitar certos tipos de alimentos e alterações de humor, justificados pelo período menstrual.

destaco uma importante consideração de Felipe. Ele mostra a existência de uma sensibilidade perceptível nos corpos escaladores, mesclando o racional e o emocional. Além do prazer de escalar, chegar lá em cima e ter a sensação da conquista, todo o processo da prática demanda paciência e perseverança pois, na escalada:

> *"o objetivo claro passa por muitas outras coisas que são: equilíbrio (em todos os sentidos), força, serenidade, raciocínio prá saber o próximo movimento, não é uma coisa simplesmente de esforço".*

Mais que isso, o esforço por usar músculos específicos e forçar, por exemplo, as pontas dos dedos, é um obstáculo para muitas pessoas.

> *"Numa primeira escalada, por mais leve que seja, as articulações e a musculatura doem muito, por isso, qualquer pessoa que começa a escalar tem a tendência de achar que não tem talento pr'aquilo" (Felipe).*

Prazer e dor também se misturam na atividade. O corpo escalador em relação com outros corpos escaladores mostram possibilidades de novas experimentações, imbuídas de satisfação, mas também de sofrimento. As palavras de Villaça & Góes (*op. cit.*:23) são pertinentes nessa discussão:

> *"Viver o corpo não é apenas afirmar sua força, mas reconhecer sua fraqueza entre os prazeres do gesto afetivo e os sofrimentos da carne. Se nossos músculos experimentam a harmonia dos jogos ritmados da dança e da caminhada, nos submetem também a torturas de cãibras inoportunas".*

Os autores supracitados tentam mostrar, com isso, a não neutralidade do discurso do corpo. Há por um lado, o dinamismo do desejo de prazer e, por outro, a perspectiva de sua fragilidade, permitindo fazer um contraponto com algumas idéias de Sant'Anna (1993). Essa autora destaca, na contemporaneidade, a

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

exaltação do bem-estar (ligada à vontade de controle de si mesmo); praticamente a existência de uma aversão ao sofrimento, como se experiências prazerosas devessem se manifestar em todos os acontecimentos. Diferentemente, o ato de escalar demonstra uma mesclagem entre prazer e dor, resultando em singulares sensações.

Tentar desvendar a concepção de corpo do escalador levou-me, nesse outro momento, a concordar com Sant'Anna (1997: 277):

> *"estudar o corpo é, entre tantas possibilidades que o tema nos abre, uma maneira de questionar a permanência de regras antigas como aquelas da funcionalidade e do rendimento, assim como a invenção de coações novas, ainda pouco visíveis. Mas, além disso, estudar o corpo é uma forma de descobrir, junto a todas as regras e coações, a emergência de liberdades e de prazeres outrora inexistentes".*

E foi assim: estudando os corpos no muro que pude perceber o corpo escalando, liberto em movimentações criativas, tensas e sensíveis, repentinas ou planejadas, expressando sua subjetividade em um diálogo constante consigo mesmo, com outros corpos e com o aparato tecnológico.

Relações com a tecnologia

Desde as épocas mais longínquas da história, de acordo com Milton Santos (1997:11), a técnica [47], que representa a mediação entre a natureza e o homem, foi convertida em objeto de uma elaboração científica mais sofisticada, acabando

[47] Cabe, aqui, apontar que a técnica é considerada como uma das mais importantes formas de relação entre o homem e a natureza. As técnicas representam *"um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço"* (Milton Santos, 1997:25).

por subverter as relações tanto do homem com o meio quanto do homem com o próprio homem e, também, com as coisas [48].

As diferentes épocas se diferem por suas técnicas. Os sistemas técnicos incluem maneiras de gerar energia, bens e serviços, maneiras de relacionamentos entre os homens, formas de informação, de discurso e interlocução. Desde o século XVIII, a união entre técnica e ciência vem reforçando a relação entre ciência e produção e, hoje, como tecnociência, situa a base material e ideológica da globalização.

A designação de técnica já era referida na domesticação de animais e plantas. As transformações impostas às coisas naturais já representavam técnicas, mesmo no período que alguns consideravam pré-técnico (ou natural). Nessa época, a existência dos sistemas técnicos não era autônoma e havia limites de uso por parte da própria sociedade local, objetivando a conservação da natureza.

> *"A natureza não era apenas um quadro fixo, ela era também um regulador constante. As nossas ações se incorporavam rapidamente e tudo se podia experimentar sem grandes riscos, porque os equilíbrios naturais, fracamente modificados pela intervenção do homem, logo retomavam seu papel"* [49].

Os tempos mudaram, as épocas são outras e as repercussões das ações dos homens sobre a Terra também são outras. A manipulação dos objetos pelo homem já não tem mais os mesmos efeitos. Nesse sentido, Simondon [50] chama a atenção para o estado de alienação em que os objetos técnicos são mantidos pelo sistema econômico, argumentando que ecologistas e ambientalistas têm procurado salvar a natureza e o próprio homem, no entanto, têm se esquecido de salvar a técnica e a tecnologia. Muitas vezes, a tecnologia aparece como "vilã da

---

[48] Tive a oportunidade de discutir as questões iniciais sobre tecnologia em um outro momento (Revista *Conexões*, junho de 1999).
[49] Berger apud Milton Santos (Ibidem:188).
[50] Apud Laymert dos Santos (1998:40).

história" e, alertando para os prejuízos disso, o autor em questão faz um apelo para a salvação da tecnologia, pois ela possui um valor intrínseco, resultante de uma concretização originada pelos seres humanos sendo, em suma, um processo de invenção.

Nesse contexto, pensar no desenvolvimento de grandes construções (cidades, parques, rodovias, túneis, barragens, etc.) e na transformação da paisagem em si (exploração/preservação do ambiente), faz-nos refletir sobre nossa própria história no mundo, nossa existência na Terra. Então, por isso, talvez devamos concordar com Milton Santos quando ele afirma que:

> *"na realidade, toda técnica é história embutida. Através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a chegada desses objetos e presidiram à sua operação. A técnica é tempo congelado e revela uma história"* [51].

A partir das idéias desses autores, é possível pensarmos em uma relação positiva entre a natureza e a tecnologia. A salvação de ambas poderia ser o processo pelo qual tanto a tecnologia quanto a natureza consumariam uma união e formariam um sistema harmonioso.

Pensar na tecnologia e nos avanços e progressos como meros riscos seria assumir uma atitude simplista. Não defendo uma "falsa consciência" do risco sobre os impactos genéticos, ambientais, químicos, entre outros, a que todos estamos expostos. Contrariamente a isto, acredito que os riscos devem ser mais explicitados (por meio da própria Educação) mesmo quando são resultados de problemas causados por uma tecnologia anterior. Ter conhecimento da situação como um todo, sabendo de suas vantagens e desvantagens, implica em atitudes

---

[51] Ibidem:40.

mais sérias e menos egoístas. É pertinente, nesse momento, resgatar as idéias de Virilio a respeito de tentarmos priorizar a reflexão sobre nossos atos e palavras, para não sermos como "Carlitos" [52].

A mesma tecnologia que gera avanços há de possuir, também, a capacidade de construir mecanismos que possam vir a minimizar os efeitos destruidores desses progressos que permeiam a natureza. Isso não significa que eu pense no homem como um ser estático, incapaz de causar danos, mas sim que ele possa interferir no meio ambiente em menor escala, sem interromper os ciclos naturais. Agindo com eles e não contra eles.

Pensando, então, em uma próspera relação entre novas tecnologias e natureza, aponto, como possível e viável alternativa, a tentativa de (re) aproximação do homem ao meio em que vive por intermédio das atividades de aventura.

O fato de a tecnologia apresentar-se como facilitadora da prática de atividades de aventura, mediando o corpo e a atividade, faz-nos refletir ainda mais sobre o seu significado e importância na contemporaneidade.

Uma primeira preocupação talvez se encontre no seguinte questionamento: estariam os seres humanos transportando para as atividades de aventura que se manifestam, por meio dos aparatos esportivos tecnológicos, a mesma racionalidade instrumental vivida, por exemplo, no trabalho?

A falta de limites, característica do desenvolvimento técnico-científico, faz com que o papel das novas tecnologias no cotidiano humano seja repensado. Extrapolo as questões que afetam diretamente o corpo (como a sua reconstituição possibilitada por meio de avançadas técnicas de próteses, plásticas, etc.) para os objetos

---

[52] Carlitos, em "Tempos Modernos", repetia sempre os mesmos gestos, produzindo carros, mecanicamente.

técnicos que permitem aos corpos "fluir", aqui especificamente, em atividades de aventura.

No caso da escalada, os equipamentos (no mínimo, os básicos), são imprescindíveis; contudo, há a possibilidade da prática, sem eles. No entanto, isso a torna perigosa e arriscada, impedindo que movimentações diferentes e mais audaciosas possam ser executadas. Além da importância de sua utilização, os equipamentos carregam também uma forte conotação: o fascínio que sua estética causa aos escaladores.

> *"É possível fazer uma coisa ou outra sem equipamento, uma travessia no muro, por exemplo, que é baixinho e tal...mas na pedra não é bem assim" (Silvia).*

Algumas considerações sobre equipamentos de escalada são muito comuns entre os praticantes: *"comprei um equipamento novo, muito bom, todo amarelo e preto, lindo!"; "ah! Como seria usar um daqueles, hein?"; "Estou vendendo um equipamento legal e bonito, tá afim de ver?"* etc. Ao me ver pensativa diante de algumas dessas observações, Darli me explicou (quase em tom de confidência) que a maioria dos escaladores se seduz e se identifica bastante com os equipamentos:

> *"Todo mundo gosta de equipamento. É um fascínio. É como um colecionador de selos que adquire um novo selo. Você pode perceber que todo mundo compra um equipamento bonito também. É interessante isso".*

Os escaladores, dependentes de seus equipamentos, acreditam e confiam em seu poder de segurança. Cordas, mosquetões, freios e outros funcionam como um prolongamento do corpo do escalador. Silvia menciona sua relação com o equipamento:

> *"ele me traz uma possibilidade real de saber que eu vou escalar, vou voltar segura, é uma adrenalina, é um risco que eu corro, mas eu sei que eu vou voltar segura, viva pra poder correr outro risco de novo e fazer mais uma vez".*

Para que a escalada seja perfeita tudo deve estar em perfeita sintonia e ajuste, fazendo-me, com isso, concordar com Pociello (1995:117-118) ao afirmar que somente os *"prolongamentos maquínicos"* dotados pelo homem, puderam possibilitar que experiências acrobáticas e vertiginosas fossem vividas com um mínimo custo, por meio de controles sutis de equilíbrio e esforço. A hábil pilotagem dos equipamentos de escalada, por aquele responsável pela segurança, é capaz de produzir no escalador, também munido de equipamentos, novos gestos (diferentes movimentações de pernas, de braços, inusitados giros, repentinos saltos) permitindo a exploração de novas energias, novo fôlego, em busca de novas sensações.

Para isso, entretanto, Darli dá dicas de que é preciso ter confiança no equipamento:

> *"você tem que confiar. Se você não confiar, você não escala. É impossível você querer escalar sem confiar no equipamento. É confiança total. Tanto é que os equipamentos são realmente muito bons".*

E, ainda, prosseguindo com Pociello, esses gestos de força e de energia, presentes nas atividades de aventura, muitas vezes são substituídos pelos gestos de domínio e de controle informacional do corpo, capacitando sua fruição. Questiono, diante de tais circunstâncias: como ficaria a falta da existência de uma medida exata entre o conhecimento, a dependência e a necessidade do equipamento esportivo?

Euzébio Mattoso Júnior, membro do GEEU [53], dá uma importante pista da possibilidade de existência dessa medida:

> *"primeiramente você tem que confiar em você mesmo. Hoje em dia existe uma série de equipamentos no mercado e o esporte tá crescendo muito rápido... só que muita gente às vezes não faz curso, não tem orientação correta, compra o equipamento e acha que tendo esse equipamento vai escalar bem e vai poder escalar com segurança, mas não vai... Antes de mais nada tem que saber usar!".*

O aumento no número de praticantes de atividades de aventura, em geral, tem causado, como conseqüência, um aumento no número de acidentes advindos, na maioria dos casos, de pessoas não habilitadas nem capacitadas para praticarem (ou coordenarem) determinada atividade. Júnior, denunciando esse fato, chama a atenção para um cuidado que deve existir no manuseio dos equipamentos, pois a mera aquisição destes, não implica em segurança.

O domínio da atividade, o conhecimento dos equipamentos necessários, bem como suas técnicas de utilização são imprescindíveis para o sucesso de uma escalada. Esses aspectos aliados à confiança em si mesmo, provavelmente, darão as medidas certas entre os limites do possível e do impossível da prática.

Ao longo da história, é notório o crescimento e desenvolvimento tecnológico dos equipamentos de escalada (a começar, até mesmo, pelas próprias estruturas de construção dos ambientes artificiais - perfeitos exemplos de inovação e tecnologia). Já houve um tempo em que existiam cordas extremamente frágeis [54]; no entanto, atualmente, existem inúmeros tipos, variando em textura, tamanho, cor, peso, conforme a necessidade e utilidade específica. O mesmo fato pode ser

---

[53] Júnior, como é mais conhecido entre o grupo, foi influenciado pelo pai (escalador) a praticar a escalada desde os oito anos de idade. Atualmente Júnior possui, inclusive, um muro de escalada em sua própria casa, estruturado por ele mesmo.

[54] Quem me deu esclarecimentos sobre isso foi Júnior pois, na época em que seu pai escalava, não existiam as cordas que existem hoje.

percebido com os mosquetões, os quais, antigamente, eram extremamente pesados e desajeitados, agora, são leves, pequenos e resistentes [55].

Algumas vezes, ao comentar sobre os equipamentos antigos, os escaladores se remetem a palavra "precário" para descrevê-los. Entretanto, cabe destacar que os equipamentos tecnológicos de escalada desenvolvidos em épocas remotas, apesar da precariedade, eram utilizados pelos praticantes causando, contudo, os mais variados acidentes [56].

Uma tecnologia, voltada única e exclusivamente para o fornecimento de equipamentos esportivos, desponta a cada dia. A tecnologia, ao se modernizar, de acordo com cada época, supri e suscita novas necessidades, sendo delineada (e delineando) traços de diferentes culturas. Portanto, a tecnologia não é apenas uma lógica funcional e fria pois é sensível aos fascínios, desejos e necessidades culturais de grupos e sociedades. E, por sua vez, os adeptos de atividades de aventura - enquanto personagens de uma atividade cultural contemporânea - induzem ao aprimoramento tecnológico.

Os efeitos das tecnologias não se limitam aos locais de trabalho, mas se estendem para o consumo, lazer e toda vida pública, levantando o questionamento de suas implicações nesses diferentes setores. Nesse sentido, não são percebidos interesses na investigação de possibilidades dos diversos usos das novas tecnologias nas atividades diárias. Freqüentemente são salientados apenas os impactos da perda de humanidade e de encanto das

---

[55] Outros exemplos de equipamentos de tecnologia extremamente avançada são os comunicadores e receptores de mensagens via satélite. O GPS, um dos mais conhecidos, abrange vários modelos com diferentes funções, podendo se adequar a atividades terrestres, aquáticas ou aéreas (Revista *Fator Gis*, 1997).

[56] Cabe salientar que acidentes sempre ocorrerão, independentemente da época, pois erros humanos, imprevisibilidades ambientais ou falhas de equipamentos sempre existirão. Os acidentes são imprevistos e constituem-se parte das atividades. Virilio (1998) mostra que toda vez que uma nova tecnologia é inventada, um acidente é inventado junto com ela. Acredito, por contrapartida, que o inverso também é verdadeiro: toda vez que um acidente ocorre, há tentativas de novas técnicas para minimização e exclusão do acidente outrora causado.

mesmas. Por isso surge a necessidade de buscar maior compreensão sobre as diversas formas como as tecnologias estão sendo vivenciadas e utilizadas para mediar as relações sociais e as distintas formas de sociabilidade.

Nessa perspectiva, os escaladores estão descobrindo, por meio de novas tecnologias, diferentes formas de viver a escalada e não apenas escalar. Acreditando, portanto, nas mesmas como facilitadoras da prática de atividades de aventura e compreendendo seu momento e sua história, os corpos poderão continuar sendo por elas mediados durante suas práticas sem, contudo, deixar rastros de uma racionalidade calculada, mas ao contrário: deixando marcas de uma experiência sensível.

CAPÍTULO IV

"Só o prazer do risco vale a vida;
o medo é real,
mas medíocre!"

(Roberto Freire)

A ESCALADA E AS ATIVIDADES DE AVENTURA

Entre riscos, aventuras e medos

As novas formas de "estar junto" são percebidas, como já mencionado, nas atividades de aventura, cujo campo principal de manifestação tem sido o lazer. Dentre elas, pode-se destacar: *caving*, escalada, *rafting, cascading, trekking*, entre várias outras. Ao analisar os nomes que elas têm recebido por diversos autores (novos esportes; esportes de aventura; esportes tecnoecológicos; esportes em liberdade; esportes californianos; esportes selvagens; entre outros) pode-se constatar que esses rótulos definem as características e as origens dessas práticas, inseridas em um contexto mais amplo.

No entender de Betrán (1995), as atividades de aventura se diferem dos esportes tradicionais porque as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento são outros e, além disso, há também a presença de inovadores equipamentos tecnológicos permitindo uma fluidez entre o praticante e o espaço da prática. São atividades cerceadas por riscos e perigos, na medida do possível, calculados, não ocorrendo treinamentos intensivos prévios (como no caso de esportes tradicionais e de práticas corporais como a ginástica e a musculação). A experimentação acontece de maneira mais direta, havendo um afastamento de rendimentos planejados.

A identidade diferenciada das atividades de aventura provém de aspectos práticos ou materiais e, também, de sua dimensão imaginária ou simbólica (Feixa, 1995), na qual a aventura aparece como uma cenografia e as ações são subordinadas às percepções e riscos (reais e imaginários). Durante essas situações de aventura, o corpo passa a ser um campo informacional, concebido como receptor e emissor de informação e não como mero instrumento de ação ou coação. Os corpos, por

sua vez, enfrentam regras de realização constantemente revisáveis e sempre submetidas à apreciação dos praticantes.

As informações devem ser precisas e, em certas circunstâncias, as tomadas de decisão devem ser rápidas. O mergulho, a vertigem, a velocidade, os desequilíbrios e as quedas são características presentes nesses tipos de atividades, possíveis a quaisquer pessoas, pois o desenvolvimento e aprimoramento tecnológicos proporcionam, a qualquer um, o deslizar-se no ar, na água e na superfície terrestre, concretizando, como aponta Betrán (*op. cit.*:6), alguns sonhos de aventura.

Segundo Pociello (1995:119), alguns aspectos irão reforçar o gosto pronunciado por essas aventuras, tais como:

> *"flexibilidade e rapidez de adaptação, leveza e mobilidade, pequenos grupos, domínio de tecnologias avançadas, organização em rede, senso de iniciativa e capacidade de assumir riscos calculados".*

Um discurso "radical" vem legitimando essas práticas, traduzindo, talvez, um pouco das complexidades do cotidiano humano. Talvez esse discurso possa ser melhor compreendido mediante reflexões sobre o contemporâneo quadro em que vivemos.

De acordo com Bruhns (1999: 7-26), estamos vivendo um quadro contemporâneo complexo, composto de perda de horizontes, vazio existencial e incômodos permanentes: sensações presentes no cotidiano. Busca-se algo indefinido, desconhecido, compondo instabilidades e descartabilidades. Segundo a autora, instabilidades devido a situações diárias envolvendo riscos constantes, violências, desempregos, endividamentos, acúmulo de informações, entre outros. E, por sua vez, as descartabilidades envolvem desde o complexo problema do lixo até o descarte de valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis e diferentes tipos de

apegos a coisas, pessoas, lugares, etc.: *"um quadro instaurado na reciclagem de desejos e na reciclagem da própria vida"*.

Nas vivências de aventura, pode-se perceber a influência mais surda, entretanto, mais profunda de um mundo em crise, inquietante e instável, consumido por abalos brutais e animado por transformações rápidas (Pociello, 1995).

Por contrapartida, essas vivências de aventura, com base em Bruhns (1999), podem se constituir em um tipo de resistência a alguns elementos desse quadro contemporâneo acima explicitado (instabilidades, caos, contradição), à medida que utilizam esses mesmos elementos, de maneira lúdica, para brincar com eles, talvez em uma ironia não revelada, expressando a "potência da socialidade" [57].

Conforme Pociello (1987) - apesar de a primeira escalada ter sido registrada em 1492 com a subida de Antoine de Ville ao Monte Aiguille (nos Alpes) [58] - os esportes californianos, por ele assim denominados, difundem-se principalmente a partir de 1975, aumentando a participação em atividades de aventura e risco. Esses esportes são provenientes de locais e origens culturais próprios, caracterizados por privilegiar, como já mencionado, a vertigem a partir de deslizes, lançamentos no espaço, na profundidade, ou seja, têm um estilo próprio. Pociello cita mais alguns exemplos: asa delta, *sky surf*, vôo livre, *skate board*, entre outros.

O envolvimento cada vez maior nessas atividades não desperta somente o interesse de praticantes mas tem despertado, também, a atenção de empresários, que vêem nelas uma excelente oportunidade de negócios. Tanto os donos de lojas de artigos esportivos quanto os donos de empresas de aventuras descobrem um amplo campo de exploração: vendem roupas e calçados coloridos, equipamentos

---

[57] Na vida social, mais que a presença de um poder, é observada a "potência da socialidade", manifestando-se subversivamente à ordem estabelecida sob inúmeras formas: silêncio, astúcia, luta, passividade, etc., resistindo à imposição do poder (Maffesoli, 1998:5).
[58] Unsworth (1994).

dos mais simples aos mais sofisticados, mapas, guias, livros, vendem até a emoção, o risco e a possibilidade do prazer, tudo em um "pacote" único de aventura.

Vários, dentre os possíveis novos adeptos dessas atividades, acreditam na concretização do sonho de aventura, oferecida pelos referidos empresários; no entanto, não raras vezes, parte do interesse nas atividades é apenas aparente e ilusório. Alguns, antes mesmo de iniciar a prática, compram todos os apetrechos necessários, procuram estar informados, entretanto, na hora da prática da atividade propriamente dita, acabam desistindo. Talvez esses indivíduos se iludam de tal forma com as propagandas sobre as atividades de aventura que chegam a acreditar na possibilidade de serem praticantes sem grandes empecilhos. No entanto, por medo, falta de tempo, comodismo, entre outros motivos, desistem antes de começar [59]. Todas essas pessoas são fruto da compra infrutífera daquele "pacote" único de aventura.

É possível notar, nesse caso, como as imagens geram um mercado consumidor, com base no fascínio das pessoas por atividades carregando mensagens de aventura e de fortes emoções. Nesse sentido, Harvey (1992) destaca que a produção de imagens apresenta-se como um dos aspectos impulsionadores da sociedade de consumo, na qual a imagem obtida por meio da compra de sistema de signos como roupas de grife e carros da moda, passa a se constituir em um elemento importante na auto-apresentação nos mercados de trabalho, fazendo parte da procura por uma identidade individual e por um significado da vida.

---

[59] Para ilustrar esse fato, utilizo, na reportagem da Revista da Folha (*op. cit.*:10), a fala de uma instrutora de mergulho. Ela acredita que os mergulhadores iniciantes são os mais complicados, pois compram os equipamentos mais caros, que, muitas vezes não sabem nem para que servem. A instrutora comenta sobre um aluno: *"O Jamanta é tão gordo que nem consegue subir no barco. Ele comprou a maior faca que existia sem precisar e ainda saiu no primeiro mergulho se dizendo o 'ninja do mar', mas nem sequer havia passado na prova de habilitação".*

Todavia, o contrário também é verdadeiro: há aqueles que se envolvem realmente com a atividade, dando prosseguimento a mesma.

Como uma atividade designada de aventura, a escalada, da mesma forma, também vem ganhando cada vez mais popularidade. A escalada é parecida com um jogo. Há algumas regras preestabelecidas, mas há também aquelas criadas pelo escalador à medida que sobe e tenta descobrir uma agarra, por menor que seja, para se ascender cada vez mais. Subidas seqüenciais de diversas dificuldades aliadas aos diferentes tipos de estruturas constituem parte do fascínio desse jogo. Na escalada esportiva (a mais praticada pelos escaladores do GEEU), executar o melhor movimento e com perfeição é a forma de se desvendar o mistério da via. Nesse tipo de escalada há uma relativa segurança [60], permitindo acreditar que o risco possa vir a ser mais aparente que real. Talvez seja possível falar de um risco controlado, medido e, até mesmo, fictício.

Diante desse quadro, como poderia ser pensada a ambigüidade que permeia os riscos controlados? Há uma medida exata para se ter controle sobre a atividade? Qual o sentido da aventura vivida em ambientes artificiais, nos quais se procura ter tudo sob perfeito controle?

Pode-se dizer que o conceito de aventura, nos muros artificiais de escalada, aproxima-se mais de um tipo singular de vivência lúdica, manifestada por um jogo de movimentações corporais, cujos parceiros e equipamentos compõem o cenário. Esse jogo, no GEEU, é vivido, complementarmente, ao tempo de estudos e de trabalho, não sendo compartimentado ao longo do dia na universidade.

---

[60] O grau de segurança depende da experiência do escalador com os equipamentos, com a atividade e suas variáveis; da mesma forma que está diretamente relacionado ao determinado tipo de escalada realizado e seu respectivo ambiente. Existem mais variáveis interferindo na segurança em uma escalada em rocha, por exemplo, que em uma escalada *indoor*.

Contrariamente a isso, em outras atividades de aventura, como a própria escalada em ambientes naturais, vive-se uma experimentação de riscos imprevisíveis e incalculáveis, distanciando-se da continuidade diária da vida. Aproximando-se, nesse caso, do sentido de aventura, proposto por Simmel (1988).

Em seu ensaio sobre a aventura, Simmel afirma que o desprender-se do contexto da vida significa, certamente, aventurar-se em essência, pois na totalidade de uma vida, os seus conteúdos individuais, por mais que consigam se distanciar uns dos outros, sempre estarão em torno de um processo homogêneo. A aventura é vivida independente do antes e do depois, seus limites são determinados sem referência a eles.

> *"O que caracteriza o conceito de aventura e o distingue de todos os fragmentos da vida (...) é o fato de que algo isolado e acidental possa responder a uma necessidade e abrigar um sentido. Algo assim somente se converte em aventura quando entra em jogo essa dupla interpretação: que uma configuração claramente delimitada por um começo e um final incorpore, de alguma maneira, um sentido significativo e que, apesar de toda a sua acidentalidade, de toda a sua extraterritorialidade frente ao curso contínuo da vida, vincule-se com a essência e a determinação de seu portador em um sentido mais amplo, transcendente aos encadeamentos racionais da vida e com uma misteriosa necessidade" (Simmel, op. cit.:14).*

De acordo com Williams & Donnelly (1985), a escalada ocorrida em ambientes físicos, tais como: penhascos, montanhas e cachoeiras congeladas possuem seus riscos próprios, inerentes. Estes, por sua vez, podem incluir uma queda, uma avalanche, um vento frio, entre vários outros. Algumas vezes, eles podem ser previstos mas, outras, podem não ser. E, mesmo havendo uma previsão, não se pode evitá-los totalmente porque, apesar da ação do escalador, eles permanecem

como uma parte da situação. Donnelly [61] afirma que, sem a existência do risco, a escalada na natureza deixaria de ser escalada, pois:

> *"o risco é a essência, a especiaria que atrai os escaladores para o esporte, mantendo-os envolvidos e pode, eventualmente, causar a morte deles".*

Essa afirmação vem de encontro à idéia de Simmel (1988) ao ressaltar que, na aventura, entregamo-nos aos poderes e acidentes do mundo, os quais têm o poder de nos deleitar mas, no entanto, também podem vir a nos destruir.

Por outro lado, na escalada ocorrida em ambientes artificiais, os riscos têm uma outra conotação: eles são controlados e previsíveis. Darli faz uma consideração bastante pertinente:

> *"É engraçado, o pessoal fala que procura risco, mas a cada dia que passa a escalada vai ficando mais segura. O risco muitas vezes é mínimo. Aqui no muro não tem risco. Na verdade, o risco é zero. A gente faz de tudo para ser uma coisa segura".*

A certeza do controle de eventuais riscos, nos ambientes artificiais de escalada, manifesta-se por uma segurança voltada para três principais vertentes. A começar pela segurança da atividade propriamente dita, oportunizada pelo parceiro munido de equipamentos sofisticados; passando pela segurança do espaço, haja vista a localização do muro adequadamente estruturado dentro de uma faculdade; e, por fim, a segurança no sentido de proximidade às casas dos escaladores, possibilitando idas e vindas sem supostos problemas de deslocamento e acesso, em um espaço dominado pelo reconhecimento e por previsibilidades.

Portanto, diferentemente do reportado por Simmel (*op. cit.*), a aventura nos muros artificiais de escalada não se liga ao desconhecido e ao perigo. Contrariamente a

---

[61] Donnelly (1981) apud Williams & Donnelly (1985:4).

isso, é vivida com base nos acontecimentos anteriores e posteriores à atividade; seus limites são determinados com referência a eles, integrados ao cotidiano acadêmico dos escaladores.

Rafael, membro do GEEU, faz uma comparação entre a escalada esportiva *indoor* e a escalada *outdoor*:

> *"...acidentes no muro só ocorrerão por problemas estruturais ou se o segurador não estiver apto, não tiver conhecimento do equipamento de segurança e cometer algum erro... já na natureza, o perigo é maior porque você não tem uma estrutura planejada por alguém; você tem as proteções na pedra que você mesmo tem sempre que estar checando se elas estão confiáveis ou não. Geralmente são lugares mais expostos, ou seja, inclui muito o fator psicológico, você olha prá baixo, tá bem alto e pensa: 'eu tô nesse parafuzinho aqui, não sei se ele vai agüentar'".*

Algumas considerações de Helmut Becker [62] aproximam-se das de Rafael, destacando a proximidade da escalada artificial ao cotidiano dos escaladores em contraposição à questão do mito que permeia a escalada no ambiente natural, aproximando-a mais de um espetáculo que uma prática por si só.

> *"O ambiente indoor é extremamente controlado. As proteções são todas checadas, tudo em perfeito estado, tudo super dimensionado pro público. A probabilidade de haver um risco é mínima. As agarras são extremamente visíveis... o fato de você ver aquela agarra, aquela via marcada, isso influencia muito; há um itinerário. O ambiente tende a ser mais descontraído, uma coisa mais solta, um pouco diferente. Na rocha, pelo fato de ser em meio à natureza, as agarras correm o risco de quebrar e essa coisa toda influencia. Eu acho que a diferença mais impactante é essa mesmo, é a questão de você ter um ambiente extremamente controlado e um ambiente*

[62] Atualmente esse escalador é o segundo colocado no ranking brasileiro de escalada. Ele não faz parte do GEEU, porém é frequentador assíduo de ginásios de escalada esportiva.

> *nada controlado... na rocha é mais comum se ter acidentes, é mais comum as pessoas estarem mais preocupadas por questão de segurança. A rocha pra quem tá começando a escalar, eu acho que tem muito aquela coisa do mito, do esporte escalada, 'nossa, vou escalar montanha, vou escalar uma parede de rocha, semi-lisa', quer dizer, tem um mito em volta. O ginásio já soa mais com ar de brinquedo, então a pessoa fica mais relaxada com relação à segurança. Não que não esteja prestando atenção, mas é diferente. Você tá escalando e ali tem uma tv ligada, na rocha não... cê tá ali com o cara, cê tem que ficar ligado no cara. Então, no fundo, no fundo, a escalada esportiva tem uma característica e aí tem essas duas vertentes que surgiram na história".*

Helmut mostra a presença da ludicidade nos ambientes artificiais de escalada, confirmando que esses locais são voltados, principalmente, para a descontração e a brincadeira. A experimentação lúdica do corpo, em suas formas genuínas, parece ser mais fácil de ser percebida nos muros que nas rochas. Vive-se, com isso, novas emoções, dando diferente conotação às possibilidades de risco e perigo (praticamente inexistentes) e às sensações de prazer e medo. Muitas pessoas se seduzem por isso, encontrando, nos locais artificiais, um sentido diferente para a aventura. Por contrapartida, há também aqueles que preferem o completo descontrole, seja em estruturas artificiais ou fora delas, haja vista os praticantes de *base jump* [63] e de escalada solo [64], por exemplo.

A questão do "descontrole controlado das emoções" tratada por Elias & Dunning (1992:71) é pertinente nesse momento. Esses autores desenvolveram idéias sobre as atividades miméticas, dentre as quais podem ser incluídas o esporte, o teatro, a festa e todos os acontecimentos que, de alguma forma, aproximem-se ao lazer. Para eles, o termo mimético relaciona-se aos sentimentos vividos em

---

[63] Salto de pára-quedas de um lugar fixo, como o topo de um edifício, uma ponte ou um desfiladeiro. Não pode existir, nessa atividade, nenhuma margem de erro, pois, por exemplo, se o pára-quedas falhar, não há tempo suficiente para que um reserva seja aberto.

[64] Escalada praticada sozinho, sem parceiro e sem nenhum equipamento de segurança.

momentos de lazer, os quais estão relacionados a sentimentos desencadeados em situações da vida. Há um descontrole controlado e agradável das emoções. Por meio dos acontecimentos miméticos, é possível saciar a necessidade de experimentar o extravasamento de fortes emoções em público, proporcionando uma liberação que não perturba nem coloca em perigo as ordens da vida social. Nas atividades de aventura, as emoções, muitas vezes, conduzem a ações dotadas de menor controle sem que o praticante atinja, entretanto, um descontrole total.

Ainda conforme os autores supracitados (ibidem:79), as atividades de lazer estimulam emoções, produzindo tensões de um tipo particular, sob a forma de uma excitação controlada, ou seja, uma agradável tensão-excitação, sem riscos, de alguma forma relacionada ao excitamento provocado em outras situações diárias. Uma excitação mimética pode possuir um efeito de catarse ainda que a ressonância emocional possua elementos de ansiedade, medo e, até mesmo, desespero.

A escalada esportiva, vivida em muros artificiais, pode ser considerada enquanto uma possibilidade de manifestação dessas agradáveis excitações miméticas. Os escaladores, durante suas seqüências de subidas, seguros de suas ações e confiantes em seus parceiros e equipamentos, submetem-se a regras preestabelecidas, restringindo-se a limites previamente demarcados e codificados.

Os ambientes artificiais de escalada, nos quais se tenta oportunizar o máximo de segurança com o mínimo de risco, não podem somente ser considerados como meros locais de treinamento onde os escaladores buscam apenas uma *performance* ideal para, posteriormente, aplicarem nas rochas, como apontado por vários autores já referenciados. Contrariamente a isso, a vivência nesses ambientes tem um fim em si mesma, oportunizando experiências lúdicas bastante particulares.

É marcante, portanto, o fato de a prática da escalada no muro do GEEU estabelecer muitas relações com ações efetuadas no cotidiano dos escaladores do grupo. Por mais que existam, no muro, algumas vivências diferentes das rotineiras, não existe uma ruptura com a vida diária, pois os participantes alternam suas obrigações e responsabilidades acadêmicas (aulas, provas e outras atividades) com os momentos de lazer vividos no muro, seja para praticar a escalada, conversar, contar piada, marcar encontros ou não fazer nada.

Sobre esse último interesse, o não fazer nada, cabem algumas reflexões. Muitas vezes, na atualidade, as pessoas se sentem na obrigação de estar sempre fazendo alguma coisa. Sentem-se, inclusive, no dever de se divertir, culpando-se quando não estão felizes. Em seus escritos, Maffesoli (1996;1998) remete-se à existência de um hedonismo poderoso e irreprimível, sustentando a vida em sociedade. Contudo, as novas maneiras de "estar junto", as formas de coletividade que surgem (exemplificadas pelas atividades de aventura) devem ser entendidas como possibilidades de se ter prazer mesmo não fazendo nada - um prazer de estar junto à toa. Por sua vez, esse tipo de satisfação é percebida naqueles escaladores que passam pelo muro apenas por passar; sem nenhum outro objetivo, conversando ou apenas observando [65].

O estar no muro representa, assim, uma alternativa no cotidiano, integrando-se a ele, diante dos rápidos intervalos entre o horário do almoço e as aulas na faculdade; manifestando, dessa forma, o tempo de lazer condicionado pelo tempo de trabalho. São vividos momentos de prazer, medo, satisfação e, também, de

[65] Esse não fazer nada, tratado por Maffesoli, aproxima-se de idéias semelhantes apontadas por De Grazia (1996) ao alertar sobre a lógica vigente, na qual raramente são permitidos momentos de interiorização. O autor adverte a possibilidade de julgar a saúde de um país pela capacidade de seu povo não fazer nada - perambular sem fim algum, tomar café ou apenas sentar-se; pois quem quer que possa não fazer nada, deixando seu pensamento fluir, deve estar em paz consigo mesmo.

desprazer e insatisfação [66], mas esses momentos continuam a respeitar o tempo linear: cessam-se até um breve retorno, o qual será sempre diferente do anterior.

Nesse momento, é pertinente apontar algumas questões sobre o tempo. Apesar de existirem outras concepções do mesmo (como a noção cíclica, repetindo-se eternamente; a impressionista, a biológica, a psicológica e outras - ver Bruhns, 1998a), a que prevalece na sociedade industrial contemporânea, como mencionado anteriormente, é a noção de tempo linear, o qual não se repete, podendo se estender por uma linha reta e ser medido por unidades sucessivas. O tempo linear vivido é objetivo, quantitativo e irreversível, não podendo ser projetável. Essa concepção de tempo atrelou-se ao controle tanto do não-trabalho quanto do trabalho. Este, por sua vez, ao ser transformado em tempo disciplinado, produtivo, passou a ser vendido (para os empregadores), assim como o tempo "livre" a ser comprado (pelos empregados). Com isso, ao tornar-se mercadoria e sob a ótica do lucro, o tempo perde seu caráter de gratuidade, exigindo que tudo se justifique pela utilidade e seja aceito pelos padrões morais instituídos.

Embora coexistindo com outras concepções, em nosso cotidiano predomina essa concepção de tempo produtivo, baseado na rentabilidade e produtividade, devendo por isso ser conquistado e economizado.

O envolvimento com a escalada de forma intensa parece contribuir para a construção de uma outra concepção de tempo - "o tempo do muro" - caracterizada por manifestações de atitudes mais relaxantes e satisfatórias com a vida ao invés de vivências corporais controladas por um tempo compulsivo.

---

[66] Compartilho com Rosa (1998:40) que *"a vida diária não é só dor, obrigação e restrição: o prazer, a ludicidade e a indisciplina também estão presentes, mesmo em alguns momentos, que, às vezes, não são valorizados devido à concepção de mundo e aos valores, devido ao padrão socialmente aceito"*. Essa autora acredita que a festa, ainda que relacionada ao mundo cotidiano, possa ser um momento propício para essa percepção ser acentuada e serem propiciados comportamentos essenciais às relações humanas. Aproximo essa possibilidade de vivência também na prática de atividades de aventura, particularmente, na escalada em ambientes artificiais.

Não existem, no tempo do muro, ações "consumistas" com relação ao espaço, manifestadas por sentimentos de obrigação em subir determinada via ou executar determinados movimentos. Não se expressam, no muro, atividades que visem somente a obtenção de *performances* ou aquisição de bom condicionamento físico (ainda que alguns escaladores tenham, também, esses objetivos) [67].

A lógica que permeia a experiência do tempo no muro diferencia-se da lógica de produtividade anteriormente mencionada, dando um significado singular aos momentos de escalada. O tempo de trabalho, nesse caso, não subjuga o tempo de lazer, pelo menos quando os escaladores estão na atividade, bastante envolvidos. Aqui não se evidencia o caráter de obrigação, nem de dever.

Durante o tempo vivido no muro também é possível perceber características de um ritual, permitindo-me discordar de Silvia ao reduzir o muro a um mero instrumento. Segundo essa escaladora:

> *"... é um ritual ir pra pedra: o pessoal, a caminhada, a trilha, a paisagem, a natureza, superar uma via que de outra vez eu fui só até a metade, então eu vou tentar aquela via de novo. Mas eu acho que é o muro que leva a isso, é um meio pra isso. Se não tivesse o GEEU, se não tivesse esse dia-a-dia com agarra, com negativo, com corda, ia fugir..."*

Não concordo com essa simples instrumentalização, pois escalar no muro também é um ritual, expressando, dessa forma, que esse "pedaço" não é uma mera etapa. O ritual, aí manifestado, é permeado pela ética do grupo e expresso por seu caráter inclusivo [68]. Munidos de suas mochilas, os escaladores se aproximam,

---

[67] Essas características são contrárias aos dados obtidos em uma pesquisa realizada por Villaverde (1999). Investigando a experiência de lazer em parques públicos urbanos (especificamente o Parque do Lago, localizado na cidade de Campinas, próximo à Faculdade de Educação Física da Unicamp), o autor detectou, em alguns dos frequentadores, uma tensa preocupação com o tempo de realização das atividades, bem como a atitude de "consumo" do espaço, manifestada por sentimentos de obrigatoriedade em executar caminhadas ou corridas - algumas das práticas mais desenvolvidas no referido local.

[68] Ver Da Matta (1987:68).

preparam seus equipamentos, colocam suas sapatilhas e visualizam a via que irão escalar; tudo isso, acontecendo simultaneamente com conversas, brincadeiras e um intenso espírito coletivo.

Em contraposição, uma viagem de fim de semana (ou feriado) para escalar em rochas estabelece, principalmente, uma descontinuidade com as experiências cotidianas, manifestada ao longo de diferentes paisagens, diante do desbravamento de trilhas, mergulhos em cachoeiras e, até mesmo, diante do enfrentamento de situações inusitadas.

Os muros artificiais de escalada podem levar ou não à atividade junto à natureza; contudo, apesar de haver alguns aspectos da prática de um (tais como: gestos motores) manifestados no outro, eles encontram-se em contraposição.

Além dos aspectos controle e segurança, presentes no muro, a questão do medo também se manifesta. Conforme Felipe, existem algumas vertentes nessa sensação:

> *"A relação com o medo é estranha. A palavra medo é muito genérica porque demonstra muitas coisas. Uma delas é pânico. Pânico é aquilo que você não consegue reagir racionalmente. Você age por instinto. Você pode agir contra o que você tem que fazer. Uma outra designação pra medo pode ser prudência. Você não vai pro lugar ou não faz tal via porque acha que ela seja desprotegida, alguma coisa assim, pode ser autopreservação, enfim. Eu nunca tive muitos problemas com isso, com ter medo fazendo. Eu já tive prudência de não ir a alguns lugares. E essa prudência não é só de avaliação de risco, é prudência de avaliação pessoal".*

Nesse exemplo de Felipe, a ação de agir irracionalmente, de ter pânico, é uma das ressonâncias emocionais possíveis de serem vividas em atividades do tipo

mimético (referenciadas por Elias & Dunning, 1992), perdendo-se o controle, mas não totalmente, havendo uma possibilidade de a situação ser revertida.

Eva, mesmo afirmando que, no muro, *"o risco é um pouco fictício"*, esclarece que o medo proveniente desse "falso risco" é praticamente involuntário:

> *"o medo a gente tem escondido dentro da gente. A gente não sabe que a gente pode fazer, entende?".*

Essa escaladora acredita que, por estarmos tão amarrados às coisas cotidianas e mesmices diárias, ao trazermos e incorporarmos à rotina, vivências diferentes e, por vezes, um pouco mais ousadas, manifestamos esse medo [69]. Eva prossegue afirmando:

> *"mesmo que não seja um risco verdadeiro, você vai ter essa sensação, acaba acontecendo! (...) quando eu fico com muito medo eu começo a brincar, a dar risada, a fazer piada, eu extrapolo por outro meio, para eu não ficar com mais medo".*

O riso, mesmo sendo por Eva considerado uma extrapolação do medo, representa, também, uma forma de controlar suas emoções e tensões.

Em um primeiro momento, a sensação de medo pode ser indesejada mas, depois, a partir da fascinação, o medo que anteriormente foi prudência (e tinha certas restrições) transforma-se, agora, em adrenalina e acaba em sensação de prazer. O êxtase de estar lá em cima e superar o referido medo, ou melhor, experienciar esse medo (de preferência na medida certa!) pode ser percebido na fala de Guilherme:

---

[69] Flávio acredita que a vivência da escalada *"mexe com sentimentos normalmente adormecidos no dia-a-dia - medo, raça, controle, impulsividade, realização, frustração - este último, normalmente, menor que a realização, pois do contrário se estaria escalando contra a vontade".*

> *"Eu tenho um pouco de medo de altura, às vezes do equipamento, no começo quando você fica muito tempo sem escalar e quando você vai se pendurar numa corda, sei lá, cê morre de medo, mas isso só é o começo, você sabe que não tem perigo, mas... fascina, porque quando você tá escalando você morre de medo. Eu fico com medo, fico suando, nervoso... Você é uma formiguinha no meio de uma parede. Eu acho legal na escalada esse aspecto de ter que controlar isso. Se você tá nervoso, se você vai escalar nervoso, você vai se cansar e não vai conseguir fazer nada... então, o que também me fascinou nesse esporte é o fato de ter que controlar o medo, a ansiedade, as coisas que parecem ser meio incontroláveis. De você parar na via e falar: 'calma, respira, relaxa os braços, não fica tão tenso'. E eu acho que isso é que é tão marcante!"*

Sentir, controlar, superar e brincar com o medo são algumas das emoções que atraem e motivam os praticantes de escalada. Para alguns autores, a possibilidade dessas sensações contribui para justificar as razões e motivações que têm levado a um aumento no número de pessoas participantes de atividades de aventura em geral.

De acordo com Feixa (1995), aqueles que procuram por esses tipos de atividades, no ambiente natural, têm como objetivo comum a vontade de fazer coisas fora do comum, além de pretenderem escapar das grandes cidades, tentando recuperar o contato com a natureza. Esta pesquisa vem exatamente em oposição a isso, mostrando que os escaladores estão lá - em plenos centros urbanos - fazendo, igualmente, coisas comuns e incomuns, explicitando satisfações e emoções possíveis de serem vividas sem que os envolvidos precisem se deslocar de suas cidades (e, até mesmo, de suas casas).

Referindo-se a outros escaladores de fora do GEEU, foi possível perceber, em alguns casos, que os motivos que conduzem à escalada são levados apenas pela vontade de se superar frente aos outros:

> *"O que leva uma pessoa a praticar um esporte notadamente incomum? Acho que emoções fortes, superação de limites, etc. Além disso, tem o componente da aptidão natural da pessoa... Porém, existe nesse meio, uma motivação menos, como se poderia dizer, nobre: a vaidade. Muita gente escala não para curtir, mas para conquistar admiração dos outros, para provar algum tipo de supremacia. Isso infelizmente é muito comum, e pode ser observado facilmente. Como dizia um famoso pensador oriental do qual não me lembro o nome, a beleza não está na realização final, mas no processo. Aliás, o processo não deixa de ser belo se a realização final não for cumprida. Mas a realização não cumprida é menos sedutora para a propaganda" (Flávio).*

Isso permite afirmar que alguns escaladores são movidos mais pelo prazer do status que a prática transmite (como, por exemplo, o reconhecimento por uma boa *performance* em uma competição) que pelo prazer inerente à atividade. Nessa direção, percebe-se uma tendência à estetização dos gestos esportivos dentro do refinamento de suas exibições. Estima-se, com isso, que a satisfação de ser visto praticando a atividade esteja crescendo tanto quanto a satisfação pela própria prática em si (Pociello,1995).

Por outro lado, há também aqueles que agem, pensam e sentem de uma outra forma, baseados na sensibilidade, que se manifesta como complemento do prazer de escalar por escalar, podendo ser exemplificado pela consideração de Felipe:

> *"É engraçado, as pessoas perguntam: mas que prazer tem naquilo? Eu não sei explicar, até o esforço físico, sei lá, endorfina [70] talvez... A satisfação de escalar também é imensa!!! A escalada pra mim era um complemento, hoje ela é quase um fim, porque tudo que eu faço, que eu estudo, que eu ajunto um dinheiro, é pra escalar, pra fazer o que eu gosto. Eu acho que transcendeu um pouco o simples hobby".*

---

[70] Hormônio liberado durante a atividade física e, também, em outras circunstâncias, inibindo ou atenuando a percepção da dor.

Felipe aponta a importante dimensão que essa atividade passou a representar em sua vida, pelas inúmeras sensações oferecidas, deixando claro que escalar transformou-se em algo a mais que uma simples opção esportiva, na qual presencia-se uma sensação singular de prazer.

A escalada nos muros parece fazer aflorar a subjetividade de uma maneira muito particular, fazendo com que os escaladores tenham uma maior percepção de si mesmos, pois o estar sem os pés no chão e suspensos por uma corda, contra a gravidade, por exemplo, implicam na necessidade de maior fusão com seus equipamentos e com a parede. Mais que passar o tempo e fugir dos problemas cotidianos, mais que os sentimentos de superação e competência, a escalada parece oportunizar um estado de sensações intrínsecas à própria atividade. O integrar-se à escalada, para o GEEU, parece ter outra conotação, diferente da competição, da exibição, onde são vividos determinados sentimentos difíceis de explicar. Quando se atinge o fim da via, o desejo é recomeçar.

Assim como a escalada, outras atividades de aventura oportunizam sensações singularmente prazerosas, seja descendo uma cachoeira dentro de um bote, percorrendo longas e desconhecidas trilhas, saltando de uma ponte no centro da cidade ou deslizando pelo ar depois de saltar de um avião. Para os praticantes dessas atividades, mesmo existindo uma tentativa de controlar as variáveis da prática (tais como altura e dificuldade de movimento), o reconhecimento dos limites nem sempre é definido; por isso, muitas vezes, o absurdo e o impossível são considerados desafios, em uma tentativa (ou desejo) de ultrapassá-los.

No último artigo do livro "Sobre homens e montanhas" de Krakauer (1999) [71], é possível notar esses aspectos referentes ao imponderável e ao impossível, indo

[71] Jon Krakauer é escritor e escalador. Publicou *"No ar rarefeito"* (1997), no qual relata o desastre (morte de três clientes de expedições comerciais e três guias, dentre os quais, dois eram escaladores famosos e experientes), ocorrido em 1996, no Evereste, e *"Na natureza selvagem"* (1998).

além daquilo que se pode ou deve fazer. O autor em questão relata como foi sua escalada solo no "Devils Thumb" [72].

> *"Mais alto eu escalava, mais tranqüilo eu ficava. Tudo o que me segurava à montanha, tudo o que me segurava ao mundo, eram seis delgadas pontas de cromomolibdênio cravadas um centímetro numa película de água congelada. Ainda assim, comecei a sentir-me invencível, leve... No começo de uma escalada difícil, sobretudo uma escalada solo difícil, fica-se o tempo todo muito consciente do abismo que nos puxa para trás. Sentimos constantemente seu chamado, sua enorme fome. Resistir a isso demanda um tremendo esforço consciente. Não ousamos baixar a guarda nem por um instante sequer. O canto de sereia do vazio nos leva ao limite, torna tentativos os movimentos, atrapalhados, bruscos. Mas à medida que a escalada prossegue, ombro a ombro com o destino, e acabamos acreditando na confiabilidade de nossas mãos, nossos pés e nossa cabeça. Aprendemos a confiar em nosso autocontrole. Aos poucos, a atenção se focaliza tão intensamente que desaparece a percepção dos nós dos dedos machucados, das câibras nas coxas e da tensão para manter concentração ininterrupta. Um estado de transe se instala ao redor do esforço, a escalada vira um sonho lúcido".*

Como parte do mundo contemporâneo, as "tribos de aventureiros", em busca da concretização de sonhos lúcidos e lúdicos, irão parecer (como relata Magnani, 1999) menos exóticas quando consideradas não de maneira isolada, mas em contextos adequados. Dessa forma, as atividades, vividas nos ambientes natural e artificial, devem ser compreendias cada uma em seu contexto, conforme seus diferentes códigos, comportamentos e sentidos de aventura, pois as formas de experimentação de emoções compartilhadas serão sempre diferenciadas.

---

[72] Significa "Polegar do Diabo": é uma montanha localizada no Alasca; possui 1800m verticais a partir do glaciar em sua base.

Novos heróis da vida cotidiana

Como o próprio Featherstone (1997:82) confirmou, o conceito de vida cotidiana revela-se bastante difícil de definir. Isso ocorre, conforme esse autor, porque a vida cotidiana propicia a base para o surgimento de nossas conceituações, definições e narrativas. "Vida cotidiana" parece ser uma categoria residual, na qual são colocados todos os fragmentos e pedaços que não se enquadram em um pensamento ordenado. Diante dessa ambigüidade inerente, seria mais adequado delinear as características mais freqüentemente a ela associadas. Para expor algumas idéias irei me deter em reflexões do referido autor.

A vida cotidiana deve ser entendida como um processo historicamente definido, no qual há uma ênfase naquilo que se faz todos os dias, nas crenças e práticas, destacando os momentos presentes que proporcionam um sentido não-reflexivo de imersão na imediatez de experiências e atividades usuais. Há também, na vida cotidiana, um destaque para uma sociabilidade vivida ludicamente, na qual a multiplicidade de comportamentos e o conhecimento heterogêneo são valorizados[73].

Como já mencionado em outro momento, Maffesoli (1998, 1996) em seus escritos, ressalta qualidades da vida cotidiana, apontando possibilidades de resistência frente ao processo de racionalização, promovendo a sociabilidade, em uma intensificação do momento, na qual o presente e as formas de vida frívolas e imaginativas proporcionam um senso de coletividade, reagindo ao individualismo.

Nessa perspectiva, compartilho da discussão de Bruhns (1998b) quando esta se refere às "aventuras na mata" presentes no "turismo ecológico", as quais se aproximam de uma "brincadeira", podendo ser observadas nas experimentações no muro de escalada. Aqui a vida torna-se momentaneamente livre de atuações,

[73] Featherstone (*op. cit.*:83).

despojada de propósitos ulteriores e o ato heróico igualmente surge como simulacro, uma vez presenciando-se, nessas atividades esportivas, uma certa dose de coragem, almejando metas extraordinárias.

Na figura do herói enquanto simulacro presencia-se a possibilidade de uma transgressão ou rejeição da ordem, diferenciando-se da vida cotidiana, a qual, por sua vez, gira em torno do mundano, do ordinário. A vida heróica, como discute Featherstone (*op. cit.*), ameaça tanto a possibilidade de retorno às rotinas cotidianas, como também implica pôr em risco a própria vida, constituindo-se pela esfera do perigo, do risco que se corre e da violência (aqui representada pela luta em se manter ileso, seja em agarras, no barco, na descida de uma cachoeira, explorando uma caverna, etc.).

Nesse contexto, a cultura do consumo ao enaltecer a estetização da vida cotidiana por meio do desenvolvimento da propaganda, do imaginário e da publicidade, provocou uma saturação nas estruturas dos ambientes, favorecendo um certo tipo de investida anti-heróica, em uma heroização do mundano, do ordinário. Segundo Featherstone (1997:99), se os heróis anteriormente representavam ídolos da produção, hoje, por outro lado, eles são ídolos do consumo.

O autor supracitado, referindo-se a Bologh, discute como este advoga uma ética da sociabilidade contrapondo-se à ética do herói, menos elevada,

> *"mais aberta a uma exploração igualitária da ludicidade e do prazer com o outro, à imersão e à perda do eu, mais do que a uma preservação e elevação do eu".*

Os muros de escalada podem representar, nesse sentido, mais um fator de distinção, no contexto da investida contra a vida heróica, principalmente se for levada em conta sua participação diversa, constituída por mulheres, crianças,

adolescentes, idosos e, até mesmo, deficientes [74], em uma "forma lúdica de associação" [75], na qual se brinca de ser herói, simulando riscos e perigos.

Os muros de escalada remetem, portanto, a uma imagem heróica (relacionada a rompimento com estruturas) no sentido de contraposição a uma imagem fixa, estática e fechada. Dessa forma, os escaladores - novos heróis da vida cotidiana - surgem em feitos ordinários: a prática esportiva atrelada à vida acadêmica.

[74] Essas pessoas, por sua vez, nunca foram consideradas heróis mas, ao contrário, eram vistas como anti-heróis devido ao signo de fragilidade. Contudo, hoje, a tecnologia permite também a elas a prática de atividades de aventura.

[75] De acordo com Simmel (apud Featherstone, *op. cit.*: 97), a sociabilidade - *"forma lúdica de associação"* - constitui uma maneira de interação entre pessoas com comportamentos e estilos de vida parecidos, sem objetivos ou conteúdos severamente determinados, na qual a conversa e o lúdico tornam-se fins em si mesmos.

FIM DA VIA

"Só há fim,
quando cessa a emoção!"

(Sérgio de Andrade)

Os encantos da tecnologia e dos instantes

Ao longo do percurso escalado, nesta pesquisa, deparei-me com diferentes respostas para uma mesma pergunta. Foi como se eu me imaginasse diante de uma via com inúmeras opções de subidas. Diante da tentativa de escolher o melhor lado para a subida, conheci diferentes e desafiadores obstáculos. Aprendi com eles que mais gratificante que chegar ao fim é, definitivamente, aproveitar o percurso e crescer juntamente com ele.

Eu não tinha a noção exata do que conheceria e aprenderia, talvez por isso cada fase de descobrimento e revelação tivesse sido tão surpreendente.

Tanto quanto revelar a existência de um grupo de amigos, envolvidos em uma rede de relações voltada para uma opção de lazer em comum - a escalada, vivida particularmente em um muro artificial, bem próximo de suas casas e de suas salas de aula, plenamente integrado ao cotidiano de estudos e responsabilidades, dotado de estética e significados próprios - esta pesquisa revela experiências impregnadas de sensibilidade.

As experiências sensíveis, por sua vez, parecem ser difíceis de serem notadas em nosso cotidiano. Muitas oportunidades para isso simplesmente passam desapercebidas. Há necessidade de a sensibilidade ser vivida como um fim sem limites precisos, podendo ser observada em pequeninas e simples atitudes do dia-a-dia. Percebê-la como um fim, pode nos fazer acreditar que ela dará sentido maior à vida, permitindo o desenvolvimento em suas formas cotidianas e corriqueiras. Como mostra (Bruhns, 1997), a vivência de novas sensibilidades se faz necessária para que possam conduzir os seres humanos a diferentes formas de comunicação com o meio em que vivem [76].

[76] Embora a autora, em suas reflexões, esteja se remetendo à vivência de sensibilidades que levam a outras formas de diálogo com a natureza, aqui, nesta discussão, é pertinente estender a necessidade de manifestação dessas sensibilidades também nos centros urbanos.

Essas formas sensíveis as quais me remeto permeiam, de diferentes formas, as atividades de aventura e, nesse momento, irei me ater em algumas de suas características, destacadas por Pociello (1995:118). Nas atividades de aventura, a vertigem, a velocidade, o mergulho, a queda, os desequilíbrios dos mais variados tipos reforçam o "*ilinx*" [77] esportivo, em uma renovação. Esses elementos delimitam um universo lúdico, fazendo das sensações de instabilidade uma fonte de prazer e das desordens procuradas, uma forma de busca paradoxal. Nessas atividades esportivas, um jogo cibernético do corpo é imposto, pois a energia consumida é mínima, porém as informações são máximas. Destaca o autor:

> *"poder-se-ia brincar de sentir medo no ar ou no mar, sobre a onda ou sobre o rochedo, nas subidas ou nas descidas, no vazio que beira a catástrofe, de forma a experimentar realmente as sensações excitantes dos sonhos de vôo, ou saborear essa dinâmica mais modesta do salto... Luta contra a dissipação e fascinação por um 'retorno'... Libertação embriagadora (não seria mais que um instante) do peso, que é o paradigma de todas as dificuldades".*

Diante de algumas dessas práticas, principalmente aquelas realizadas em ambientes naturais, nas quais há maiores imprevisibilidades (como por exemplo a ocorrência de avalanches, tempestades, etc.), é possível acreditar que os adeptos dessas modalidades possam assumir atitudes defensivas em suas vidas ao mesmo tempo em que procuram e enfrentam deliberadamente o perigo. Isso foi chamado de "*edgework*" (Ling apud Featherstone, 2000) - correspondendo ao compromisso de chegar o mais próximo possível da borda sem cair. Esse termo é apropriado para o alpinismo, no qual o perigo de cair de um precipício mantém a mente em um estado de concentração em que se fica absorto nas execuções, sentindo um profundo senso de imersão no fluxo imediato da experiência. Segundo Featherstone (ibidem), isso significa a existência de um longo caminho

---

[77] Caillois (1990) utiliza esse termo para caracterizar o conjunto de jogos nos quais nos abandonamos a um estado físico e psicológico incontrolado.

para a fuga do tédio da vida cotidiana rotinizada, bem como dos modos habituais de contemplação relacionados a formas contemporâneas de cultura tecnológica, tais como assistir TV, dirigir, ouvir música, etc. Fato oposto ao ocorrido nos ambientes artificiais de escalada, haja vista estarem no próprio contexto urbano e representarem uma diferente forma de se perceber as cidades, exaltando os aspectos do cotidiano da mesma.

O enfrentamento de perigos conduzem aos mais variados acidentes ocorridos nas atividades de aventura de risco levando-nos a crer que os mesmos assumiram uma qualidade particular que, decisivamente, transcendem a vida cotidiana. Eles têm uma intensidade capaz de levar a um distanciamento da vida, assumindo uma qualidade onírica [78]. Assume-se, nesses casos, o papel do aventureiro, como destacou Simmel (*op. cit.*), entregando-se ao destino e colocando a vida em perigo com o intuito de desfrutar a excitação do risco, a impossibilidade de cálculo do destino e a sua própria capacidade.

Featherstone (*op. cit.*: 50) destaca que, diante da impossibilidade de assimilar o acúmulo de imagens e informações da existência moderna, uma possível estratégia seria a fuga, brincando com algo que a maioria das pessoas procura preservar: a própria vida.

> *"Quanto mais o mundo se torna racionalizado e os lugares selvagens se tornam civilizados e transformados em jardins cultivados, mais aumentam as apostas. Se os membros das classes mais baixas agora podem escalar ou embarcar em trens panorâmicos até o topo das montanhas locais, então os que buscam distinção precisam participar de passatempos mais excitantes e perigosos para se sobressair. Como, por exemplo, comprar um pacote turístico para o Evereste e pagar 65.000 dólares para ser guiado até o cume".*

[78] Featherstone (2000).

Escalar o Monte Evereste ou navegar em barcos ao longo do Oceano Antártico são alguns exemplos que, segundo o autor supracitado, podem remeter a uma contradição com as vidas ávidas de tempo que muitas pessoas experimentam nas sociedades contemporâneas, conforme tentam utilizar meios tecnológicos para fazer cada vez mais em um tempo cada vez mais curto.

> *"Para as pessoas que se movem nas culturas tecnológicas, suas vidas cotidianas são dominadas pela velocidade e pela mobilidade, não apenas através de informações e fluxos de imagens de sistemas de comunicações eletrônicos, mas também pelas sensações e imagens evanescentes, enquanto caminham pelas ruas das cidades ou dirigem no trânsito. Vivem com maior sensação de mobilidade e conectividade alterando a estrutura da experiência, das formas de sociabilidade e dos equilíbrios de poder e interdependência que nos unem uns aos outros"* [79].

Portanto, como já destacado, a vivência das atividades de aventura de risco, enquanto experiências intensas, excedendo a rotina e diferenciando-se da vida cotidiana, pode ser entendida em contraposição às atividades de aventura em ambientes artificializados, os quais permeiam o cotidiano, também intensamente, porém, previsilvelmente. Contudo, apesar de todas as distinções, a escalada em ambientes artificiais está inserida no contexto das atividades de aventura em geral. Cada uma dessas práticas possui determinadas características e influências do meio em que ocorrem, por isso a interpretação e o entendimento das mesmas se fazem necessários até mesmo para uma compreensão do rumo que está sendo dado aos lazeres contemporâneos.

Como têm se dado as novas formas de sociabilidade mediadas pela tecnologia? Como, a partir do surfe, do *skate*, do esqui, entre várias outras atividades esportivas, podemos pensar no desenvolvimento de uma cultura tecnológica

---

[79] Featherstone (ibidem: 55).

capaz de fornecer bases para mudanças significativas na constituição de novas formas de sociabilidade entre seres humanos e objetos tecnológicos?

A tecnologia não transformou apenas os corpos, mas também nossa base de percepção e experimentação. A organização tecnológica não se situa fora do ambiente. Ela é cada vez mais assimilada por nossos olhares e incorporada por nossos hábitos. Featherstone (ibidem) relata que começamos a habitar uma cultura tecnológica, no sentido de que a cultura é produzida cada vez mais por meio da tecnologia, e nossa capacidade de compreender e experimentar essa cultura é mediada e estruturada por ferramentas perceptivas, tais como: viagens, atividades de aventura, filmes, etc.

Por meio da tecnologia, a expressividade corporal parece ter descoberto "brechas" para se manter e se afirmar em um mundo que se mostra tão curto em espaços e veloz e efêmero em tempos. Emergem, assim, novas maneiras, ainda que momentâneas, de se descobrir o encantamento dos pequenos instantes.

Sensibilidade à flor da pele e da alma

De acordo com Milton Santos (1997: 255-6), nas metrópoles, a vida é condicionada a infra-estruturas e suas normas de utilização, ao mercado delimitado territorialmente e às possibilidades de vida cultural localmente oferecidas. Dessa forma, a divisão do trabalho representa a conjugação de todos esses fatores e não apenas do fator econômico. O intercâmbio efetivo entre as pessoas é a matriz da densidade social, constituindo a condição dessa infinidade de acontecimentos, dessas inúmeras solicitações, dessas relações que se acumulam, *"matrizes de trocas simbólicas que se multiplicam, diversificam e renovam"*.

As cidades, diante das mais variadas situações, funcionam *como "fábricas de relações numerosas, freqüentes e densas"*. Percebe-se, nessas relações, uma nova forma de descobrimento da corporeidade, permitindo-nos crer que:

> *"o mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a freqüência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender"* [80].

Nesse contexto, diante dessas inúmeras possibilidades de relações que podem se manifestar, nas cidades mas também fora delas, reporto-me a Sant'Anna (1999a; 1999b) para destacar um tipo diferenciado. A autora desenvolve idéias sobre uma forma singular de relacionar-se, baseando-se na ética: a "relação de composição".

As relações éticas implicam, simultaneamente, em um compromisso com o individual e o coletivo, estabelecendo-se uma relação sem degradações de um ou de outro membro. Uma atitude ética de forma espontânea ultrapassa a utilização de palavras, sendo de igual importância os gestos, suas memórias e os efeitos de suas ações. Essas relações éticas seriam capazes de tornar supérfluo quaisquer relações de dominação. Portanto, quando Sant'Anna menciona a ética é:

> *"na tentativa de pensar relações capazes de potencializar, num mesmo gesto, não a dominação de um corpo sobre o outro, de uma racionalidade sobre a outra, e sim a composição individual e coletiva dos seres e de suas racionalidades, sem a inferiorização de alguma das partes envolvidas"*.

Não se pode pensar em uma definição de ética global, pois a mesma é local e singular. Entre os escaladores do GEEU se estabelece uma particular relação de ética (diferente, portanto, da ética de outras atividades), manifestada por regras

---

[80] Milton Santos (*op. cit.*: 251).

que definem atitudes ou posturas diante da prática da escalada, do parceiro, do ambiente praticado e do equipamento utilizado, subentendendo determinados "direitos e deveres".

Certas características éticas podem ser observadas nas mais diversas atitudes diárias, seja no trabalho, em casa ou praticando esportes. O sujeito, ao se colocar inteiramente na relação, sem preocupações excessivas com o futuro, transforma-se, simultaneamente, em pensamento e ação. Com isso, o tempo presente é ampliado e intensificado. Para exemplificar essa relação, o surfe foi utilizado por Sant'Anna. Permito-me, nesse momento, apropriar-me do exemplo da autora e extrapolá-lo à escalada, também, enquanto uma situação significativa dessa "trama".

Quando agarras e escalador se encontram, o objetivo principal é escalar. Quando a meta final estiver coincidindo com o processo, a relação entre eles terá a tendência de ser a de uma composição, diferentemente de uma relação de dominação. É perceptível que o escalador, muitas vezes, escala *com* a parede, sem a pretensão de se apoderar dela ou, muito menos, ser por ela derrubado. Não há indícios de dominação, pois se houvesse, um dos envolvidos seria degradado.

John Gil (apud Krakauer, *op.cit.*:42), escalador americano de *bouldering* [81] descreve sua relação com a rocha, permitindo-nos perceber a composição que se estabelece entre eles:

> *"...tenho vias memorizadas a tal ponto que nem preciso refletir sobre a escalada num nível consciente. Fico tão envolvido com o fluir e o ritmo da escalada que perco contato com quem sou e com o que sou, e me torno parte da rocha - houve ocasiões em que realmente me senti como se envolvido numa trama com a rocha, como se estivesse sendo costurado nela, como se*

[81] Variante da escalada em que o objetivo é executar escaladas curtas e, geralmente, difíceis.

> *penetrasse nela e saísse, e entrasse e saísse, o tempo todo".*

Da mesma forma, essa relação também pode ser percebida nos muros artificiais de escalada. Muitas vezes os escaladores se envolvem de uma tal forma com as paredes e as agarras que conseguem executar determinada via até mesmo de olhos fechados. É igualmente percebida a composição entre o escalador e o equipamento:

> *"Eu acho que o equipamento, depois de um tempo, depois de um contato que você começa a ter, você passa a esquecer que ele existe. Olha só: tão necessário, indispensável, mas você passa a esquecer que ele existe" (Silvia).*

O escalador, então, torna-se ação, pois está inteiramente nela, absolutamente atento em cada instante e, por isso, cada progressão na via é diferente e tem a sua particularidade. O escalador ao se inserir na paisagem de cada movimento, permite que seja visualizada a beleza do gesto potencializado e expresso em cada parte de seu próprio corpo, de seu parceiro, da parede e do equipamento. Não há vestígios de inferioridade entre nenhum deles; há sim um sinal de prolongamento entre todos: a corda enquanto prolongamento do corpo do escalador, que se prolonga na parede e, por fim, prolonga-se até às mãos do parceiro que lhe faz a segurança.

Conforme Sant'Anna (1999b:13), nas relações de composição,

> *"não estamos livres das dificuldades porque elas não ocorrem a partir de uma adequação harmoniosa entre as partes, nem realizam uma fusão entre elas, através de uma suposta dissolução de suas diferenças. Aqui as diferenças entre os seres são bem-vindas e continuam a existir durante toda a duração da relação estabelecida".*

Além da escalada, como exemplos de atividades de aventura, também é possível citar o surfe, esporte que exige um entendimento prévio da onda - elemento complexo da atividade; o *skate*, prática que busca conquistar o terreno urbano, resistindo à linearidade dos percursos e o *snowboard*, atividade na qual a neve é preponderante nas evoluções. Nessas situações, a relação de composição permite, igualmente, uma melhor compreensão do entrosamento entre o praticante e os elementos do ambiente, pois ela corresponde a um encontro entre heterogeneidades, permitindo a manutenção das mesmas do começo ao final da relação, possibilitando fortalecer mutuamente as inteligências em conexão e negando qualquer tentativa de descarte. O supérfluo não seria a vida, nem os seres humanos, mas as relações de dominação com o mundo, favorecendo encontros capazes de potencializar a composição individual e coletiva.

Portanto, as experimentações sensíveis provocadas por essas atividades de aventura, manifestadas em relações de composição, fundamentam uma ética do respeito e da não-dominação.

Como Sant'Anna mesmo percebe, esse tipo de relação pode parecer estranha ou distante da vida cotidiana, contudo, elas (felizmente) existem e podem ser observadas em diferentes experiências. Posso afirmar que, em vários momentos, pude percebê-la manifestando-se entre os escaladores, o muro e os equipamentos tecnológicos; e, ao ser estabelecida, não resta dúvida que a escalada é vivida no sentido pleno de uma aventura, impregnada de emoção. Essa conotação, embora nesses ambientes, diferencie-se do conceito de aventura utilizado por Simmel (*op. cit.*); possibilita-nos entender o motivo do desejo de "um breve e eterno retorno", estampado nos rostos daqueles que escalam, sempre.

Esse retorno nem sempre é vivido pelos mesmos: a cada ano que passa, novas relações principalmente desse tipo (mas também de outros) vão surgindo no GEEU e, com elas, outras vão, igualmente, acabando ou apenas se transformando. Resta torcermos para estarmos prontos para aprender *nelas* e

com elas; quem sabe em uma outra pesquisa... Pois, como relata Bruhns (2000), é clara a existência de um aprendizado a partir de contatos, um aprendizado com base nessas experimentações de aventura, no qual está presente certa sensibilização, revelando um modo de conhecer especial, ou seja, o conhecimento do ambiente decodificado via informações corporais.

Por enquanto, fica a crença na existência de inúmeras transformações na cultura urbana das grandes cidades de nossa contemporaneidade permeadas, como se refere Magnani (1999), por "boas práticas urbanas".

Os muros de escalada, espalhados pelos diversos cantos da cidade, surgem nessa perspectiva: enquanto formas de inovação e expressão cultural contemporânea, solidificados por uma política de amizade. As manifestações nesses locais, por sua vez, representam o próprio contexto da dinâmica vivida nas cidades, no dia-a-dia, capacitando os escaladores - heróis da vida cotidiana - a inventarem comportamentos e assumirem novos estilos de vida.

Os escaladores do GEEU representam, portanto, uma forma de resistência, pois visam mudanças de atitudes, atuando em um processo intenso de criação, reconstruindo novos vínculos, participando e transformando-se junto a esse processo. Eles representam uma resistência criativa, em meio aos centros urbanos, diante dos modelos tradicionais de esporte e lazer que se apresentam, vivenciando novas práticas e emoções, dando sentido a novas experimentações.

Por fim, a partir das discussões levantadas, neste estudo, acredito na importância da continuidade de pesquisas sobre o tema em questão pois, no contexto sociocultural, espaço privilegiado de inserção de atividades de lazer, torna-se relevante o aprendizado sobre novas formas de relacionamento humano, fazendo-nos questionar nossa própria vida, nossas relações de ética, de amor, de amizade...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATTARIAN, Aram. Artificial rock climbing walls - innovative adventure environments. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, v.60, nº7, 1989.

ATTARIAN, Aram. Rock climbing in the great indoors. **Journal Parks and Recreation**, v.22, december, 1987.

BETRÁN, Javier O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. **Apunts: Educación Física y Deportes**. Barcelona, 1995 (41), p.5-8.

BRANDÃO, Carlos R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRUHNS, Heloisa T. Esporte e Natureza: O aprendizado da experimentação. In: SERRANO Célia (org.). **A educação pelas pedras - ecoturismo e educação ambiental.** São Paulo: Chronos, 2000.

BRUHNS, Heloisa T. Lazer e meio ambiente: a natureza como espaço da experiência. **Conexões:** Educação, esporte e lazer. Campinas: Faculdade de Educação Física da Unicamp, nº.3, dezembro, 1999, p.7-26.

BRUHNS, Heloisa T. Lazer, cultura e tecnologia: discussões envolvendo aspectos da globalização. **Licere**. Belo Horizonte: UFMG, v.1, nº1, 1998 (a), p.77-94.

BRUHNS, Heloisa T. Visitando a natureza, experimentando intensidades. In: VASCONCELOS, Fábio P. **Turismo e meio ambiente**. Fortaleza: UECE, 1998 (b).

BRUHNS, Heloisa T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa T. (orgs.). **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. Campinas: Papirus, 1997.

BRUHNS, Heloisa T. Corpos femininos na relação com a cultura. In: ROMERO, Elaine (ed.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens** . Lisboa: Edições Cotovia, 1990.

CARVALHO, Marcos. **O que é natureza**. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo - body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise B. (org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DA MATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DE GRAZIA, Sebastian. **Tiempo, trabajo y ócio**. Madrid: Editorial Tecnos, 1996.

DONNELLY, Peter; WILLIANS, Trevor. Subcultural production, reproduction and trasformation in climbing. **International Review for the Sociology of Sport.** nº20, 1985, p.3-15.

ELIAS, Nobert; DUNNIG, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FEATHERSTONE, Mike. A globalização da mobilidade: experiência, sociabilidade e velocidade nas culturas tenológicas. In: GARCIA, Erivelto B.; LOBO Francis (eds.). **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

FEATHERSTONE, Mike. O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. In: DEBERT, Guita (org.). **Textos Didáticos**. Campinas: IFCH, UNICAMP, 2ª ed., nº13, janeiro, 1998.

FESKO, Charli. Social Climbers. **Athletic Business**. January, 1992.

FEIXA, Carlos. La aventura imaginaria. Una visión antropológica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza. **Apunts:** Educación Física y Deportes. Barcelona, 1995 (41), p.36-43.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HYDER, Martha A. Have your students climbing the walls - the growth of indoor climbing. **JOPERD** - The Journal of Physical Education, Recreation & Dance, v.70, nº. 9, novembro/dezembro, 1999, p.32-39.

HUMBERSTONE, Barbara. Bringing outdoor education into the Physical Education agenda: gender identities and social change. **Quest:** The Journal of the National Association for Physical Education in Higher Education. nº 47, 1995, p.144-157.

KRAKAUER, Jon. **Sobre homens e montanhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2ª ed., 1998.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAGNANI, José. G. C. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. In: MOREIRA, Alberto S. (org.). **Sociedade Global: Cultura e religião**. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1999.

MAGNANI, José. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARINHO, Alcyane. Natureza, tecnologia e esportes: novos rumos. **Conexões:** Educação, esporte e lazer. Campinas: Faculdade de Educação Física da Unicamp, v.1, nº.2, junho de 1999, p.60-69.

MINAYO, Maria C. S. **O desafio do conhecimento - pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PARLEBAS, Pierre. **Elementos de sociologia del deporte**. Málaga: Junta de Andalucia - Universidade Internacional Deportiva de Andalucia, 1988.

POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza - as práticas corporais em mutação.. In: SANT'ANNA, Denise B. (org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

POCIELLO, Christian. **Sports et societé. Aproches socio-culturelle des pratiques**. Paris: Vigot, 1987.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1998.

ROSA, Maria C. Inter-relações de turistas e moradores: um olhar através das manifestações corporais no Carnaval de Ouro Preto. **(Dissertação de Mestrado)**. Campinas: Unicamp, 1998.

SANT'ANNA, Denise B. Passagens para condutas éticas na vida cotidiana. **Revista Margem**. São Paulo: PUC/EDU, 1999 (a).

SANT'ANNA, Denise B. Das razões do culto ao corpo às condutas éticas. **Anais...** XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Florianópolis. v.21, nº1, setembro, 1999 (b), p.57-61.

SANT'ANNA, Denise B. O corpo entre antigas referências e novos desafios.. **Cadernos de subjetividade**. São Paulo, v.5, nº2, dezembro, 1997, p.275-284.

SANT'ANNA, Denise B. (org.) **Políticas do corpo, elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANT'ANNA, Denise B. Corpo e história. **Cadernos de subjetividade**. São Paulo. v.1, nº1, 1993, p.243-266.

SANTOS, Laymert G. Tecnologia, natureza e a "redescoberta" do Brasil. In: ARAÚJO, Hermetes Reis (org.). **Tecnociência e cultura - ensaios sobre o tempo presente**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço - técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEVERINO, Antonio J. M. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1992.

SILVA, Ana M. A razão e o corpo do mundo. **Anais...** XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Florianópolis, v.21, nº1, setembro, 1999, p.52-57.

SIMMEL, Georg. **Sobre la aventura - ensayos filosóficos.** Barcelona: Ediciones Península, 1988.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar - a perspectiva da experiência**. São Paulo: Dipel, 1983.

TURNER, Bryan, S. **El cuerpo y la sociedad - exploraciones en la teoría social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

UNSWORTH, Walt. **Hold the heights - the foundations of mountaineering**. Seattle: The Mountaineers, 1994.

VILLAVERDE, Sandoval. Da natureza do espaço ao espaço da natureza: reflexões sobre a corpo-natureza em parques públicos urbanos. **(Dissertação de Mestrado)**. Campinas: Unicamp, 1999.

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

VIRILIO, Paul. Os motores da história. In: ARAÚJO, Hermetes Reis (org.) **Tecnociência e cultura - ensaios sobre o tempo presente**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p.127-146.

WILLIAMS, Trevor; DONNELLY, Peter. Subcultural production, reproduction and transformation in climbing. **International Review Sociology of Sport,** (20), 1985, p.3-15.

JORNAIS E REVISTAS

Folha de São Paulo, Folha Esporte, 27 de dezembro de 1998, p.3-4.

JORNAL **Integração**, Folha Esporte, 16 de julho de 1999, p.3.

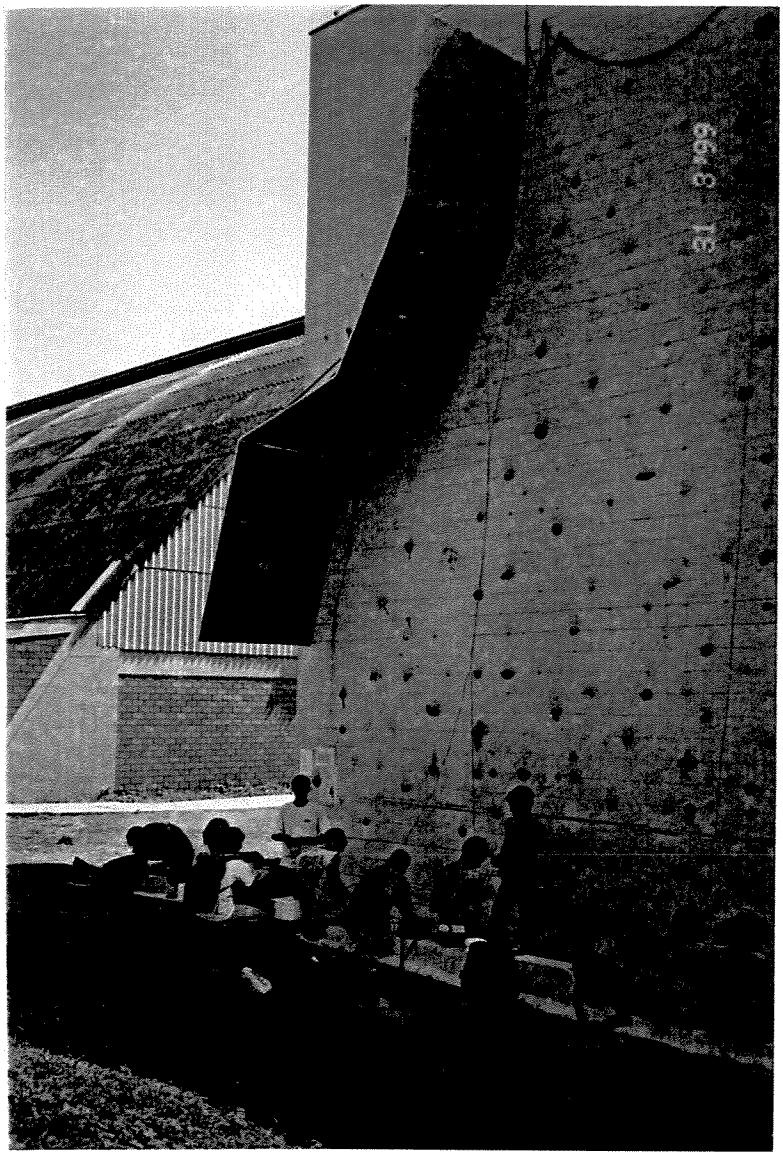
Publicação do **SESC - São Paulo**, nº.10, v.2 nº. 3, abril de 1999, p.12-19.

Revista **Fator Gis**. nº.19, ano 5, maio/junho de 1997.

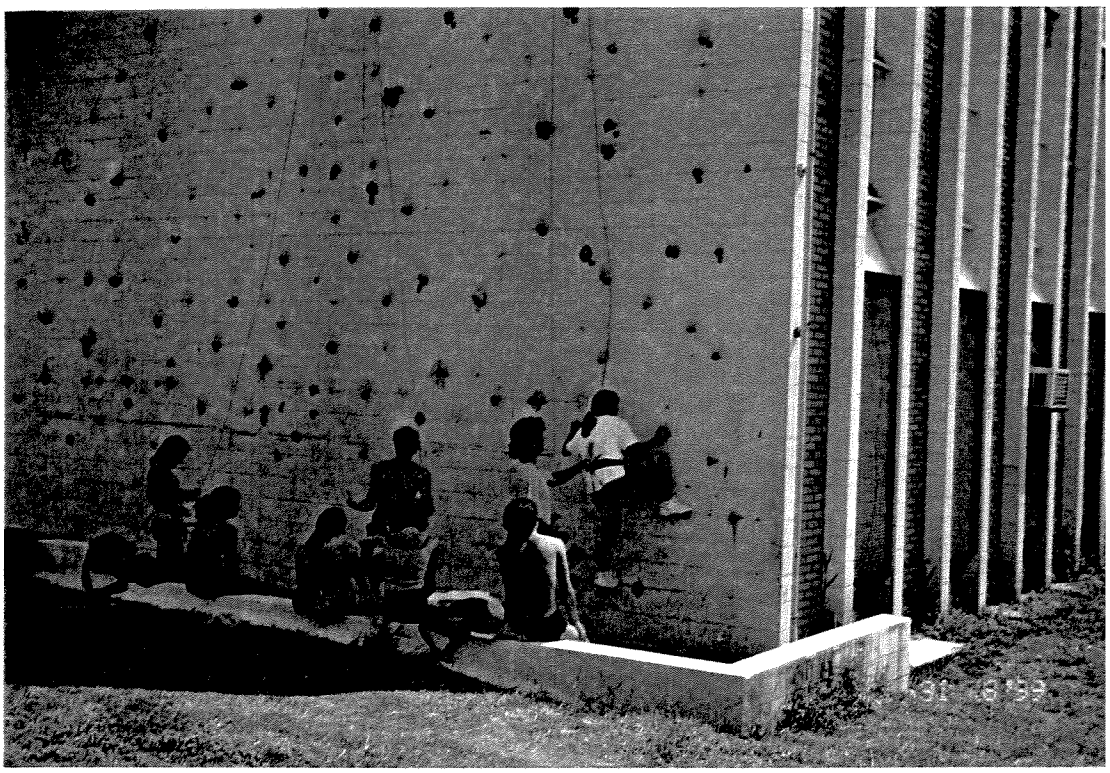
Revista da Folha. 17 de outubro de 1999, p.6-11.

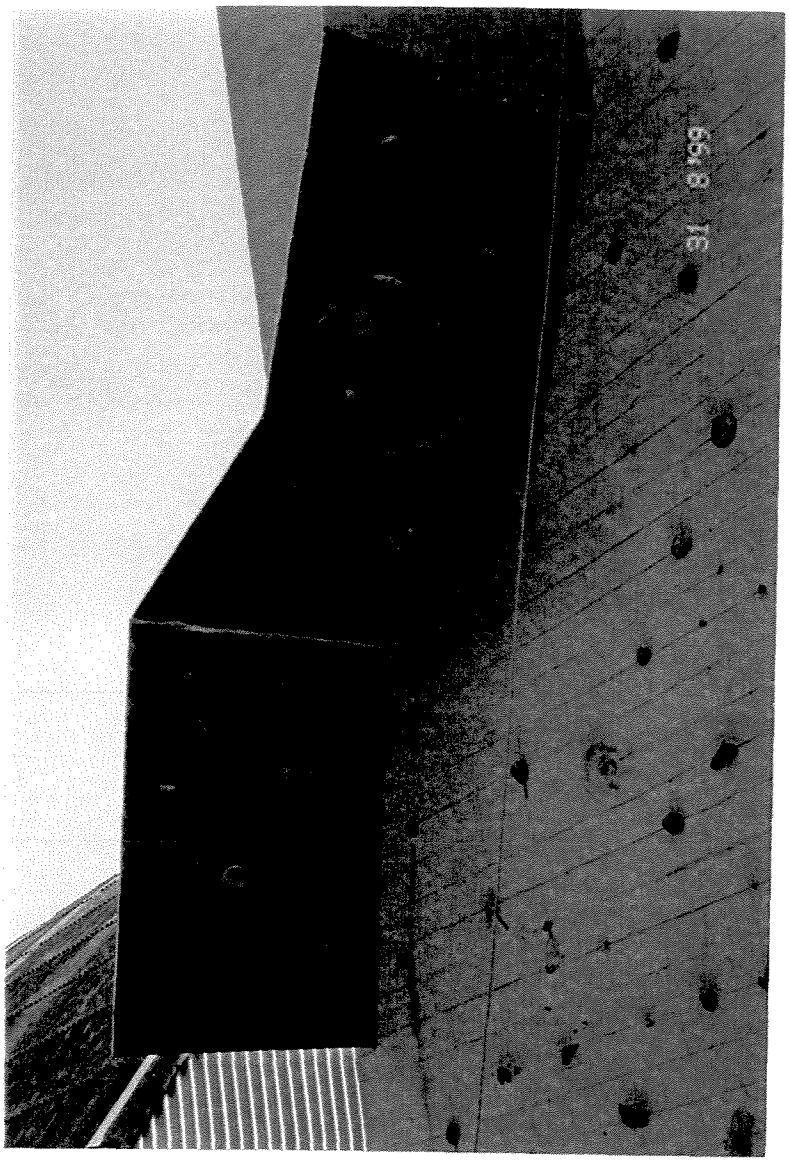
Revista **Veja**. nº.1580, 12 de janeiro de 2000, p.84-90.

ANEXOS



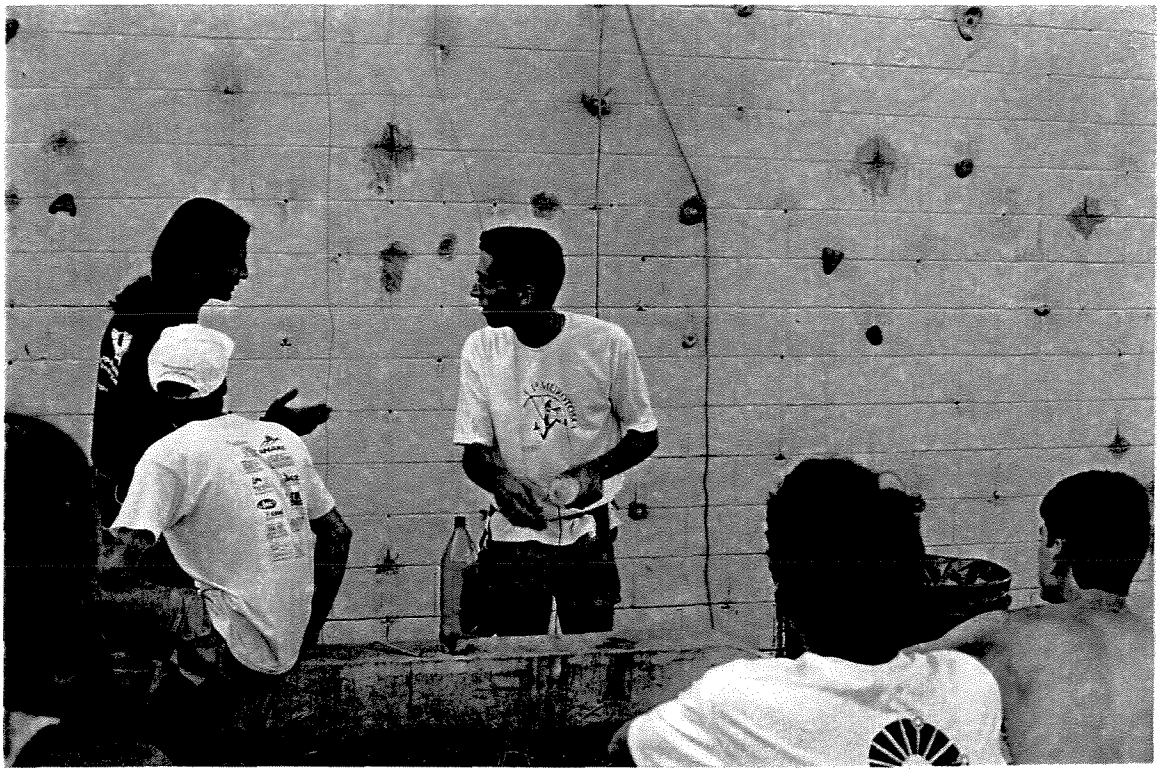
LUDICIDADE, APRENDIZAGEM, TREINAMENTO, BATE-PAPO, CONTEMPLAÇÃO: O COTIDIANO DO GEEU SE APRESENTA.



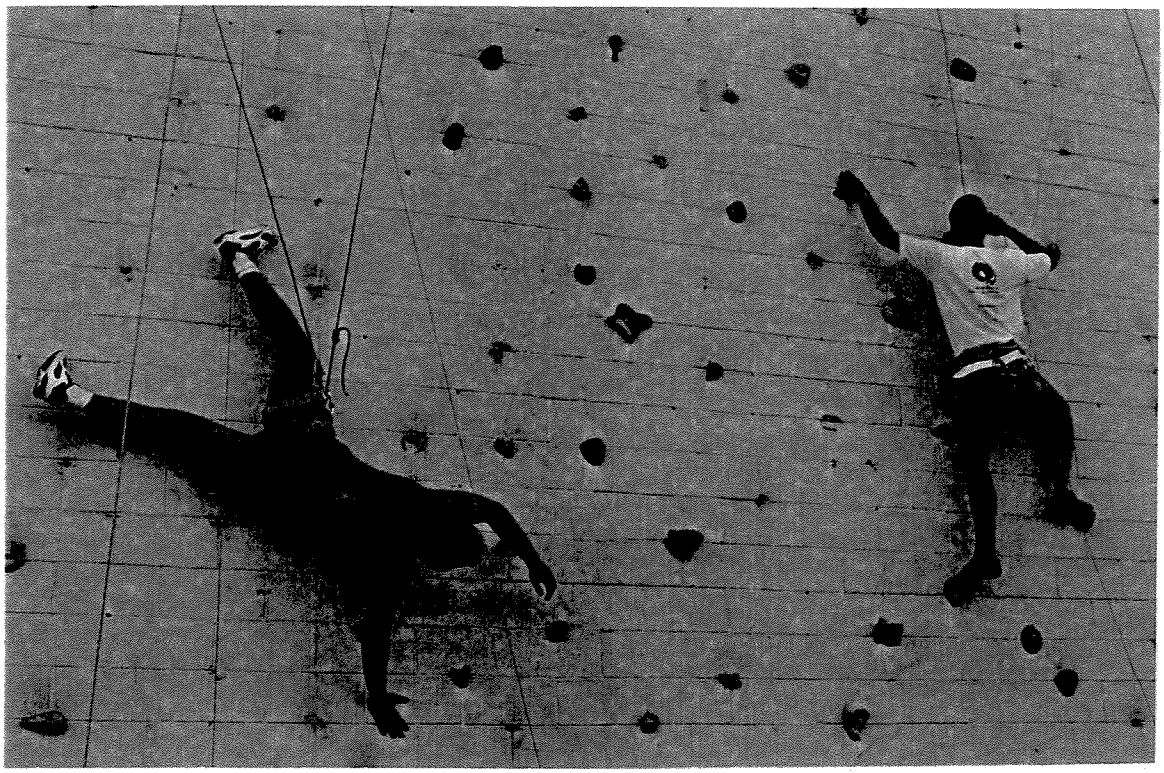


DELICADEZA E FORÇA...
CORPOS ESCALANDO

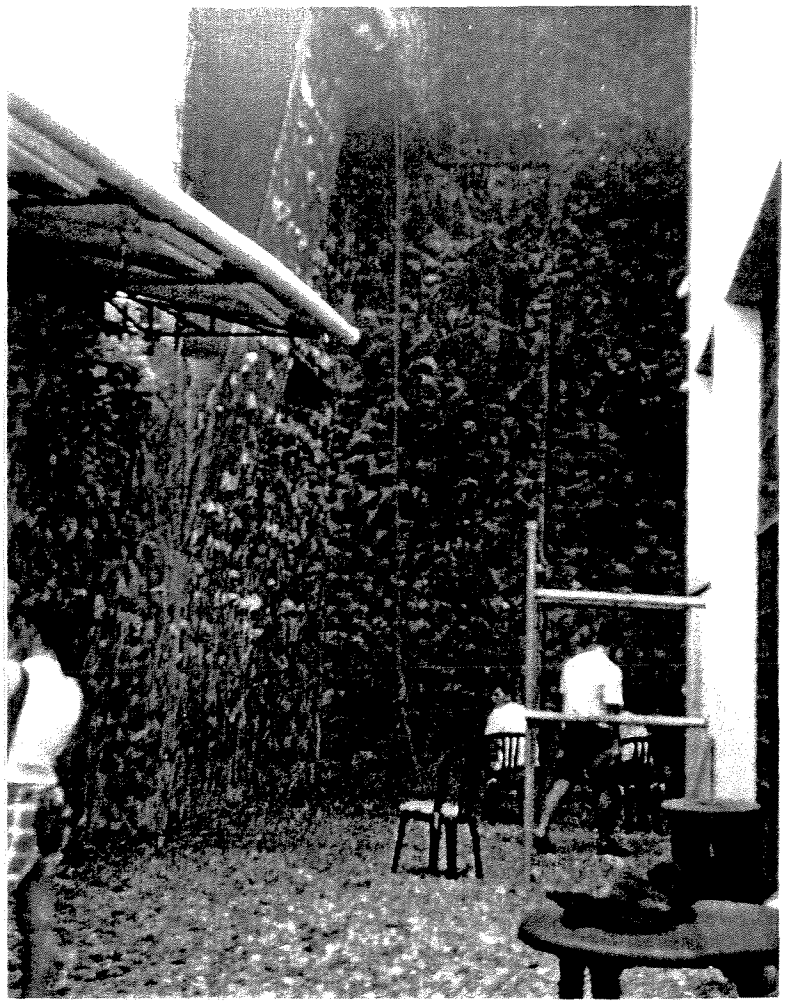
PREPARAR BEBIDAS, COLOCAR O SOM...
ORGANIZANDO A MUROTOMA...



ACONTECENDO A MUROTOMA...

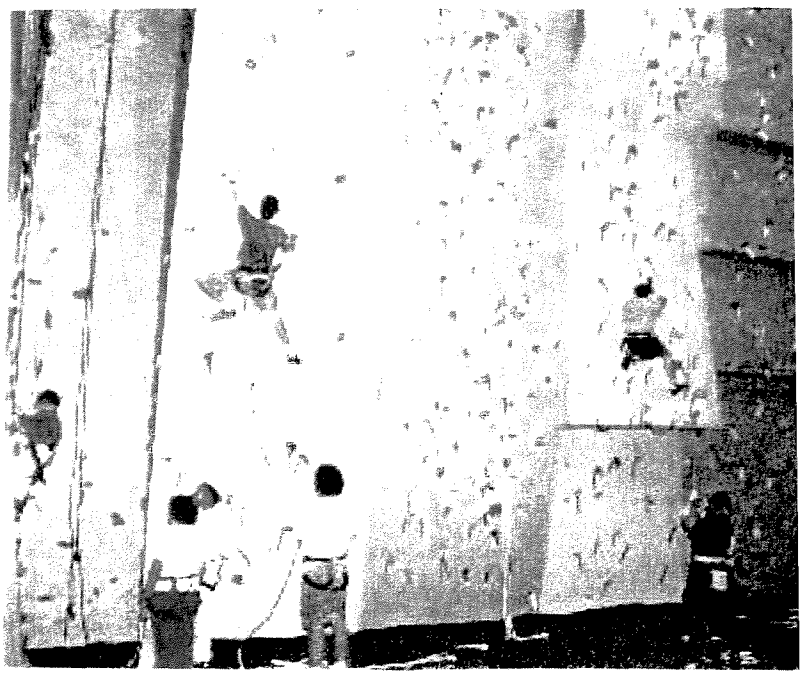


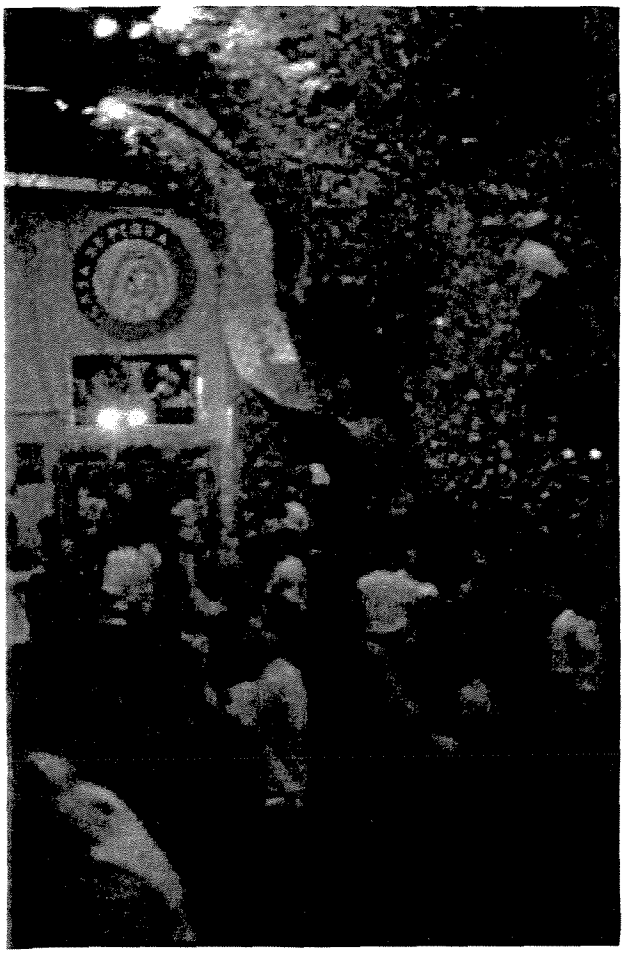
ALGUNS GINÁSIOS DE ESCALADA ESPORTIVA INDOOR



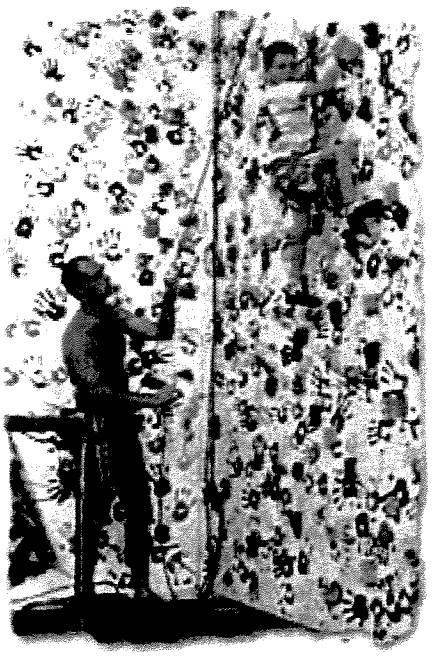
"90 Graus"

"Vertical *Indoor*"





"Casa de Pedra"



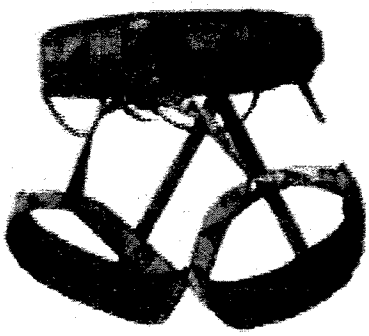
Espaço infantil na "Casa de Pedra"

ALGUNS MUROS MÓVEIS DE ESCALADA ESPORTIVA

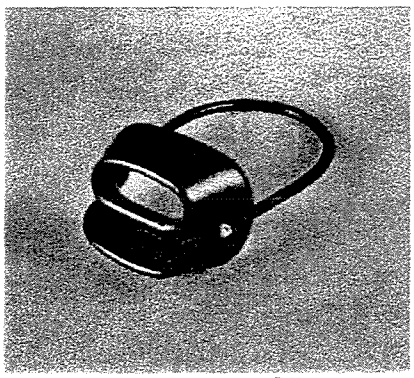
Empresa "*New Adventure*"

"Vertical *Indoor*"

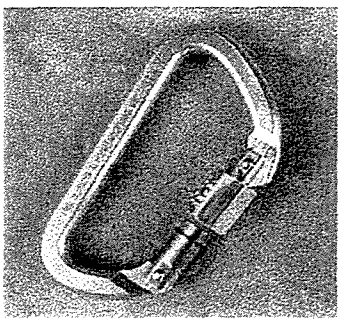
ALGUNS EQUIPAMENTOS DE ESCALADA



Cadeirinha



Freio "ATC"



Mosquetão

Sapatilha